



Universidade Federal da Paraíba -UFPB
Centro de Tecnologia - CT
Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU
Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo

Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega



A rua dá medo! Mapeamento da hostilidade urbana com base em gênero e etnia em bairros da zona sul de João Pessoa, PB

João Pessoa
Junho, 2022

Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega

A rua dá medo! Mapeamento da hostilidade urbana com base em gênero e etnia em bairros da zona sul de João Pessoa, PB

Trabalho final de graduação apresentado como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Gomes Negrão

João Pessoa
Junho, 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N754r Nóbrega, Abraão Pinto de Oliveira.

A rua dá medo: mapeamento da hostilidade urbana com base em gênero e etnia em bairros da zona sul de João Pessoa, PB. / Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega. - João Pessoa, 2022.

185 f. : il.

Orientação: Ana Gomes Negrão.

Monografia (Graduação) - UFPB/Tecnologia.

1. Hostilidade urbana. 2. Minorias sociais. 3. Gênero. 4. Etnia. 5. Geoprocessamento. I. Negrão, Ana Gomes. II. Título.

UFPB/CT/BSCT

CDU 72(043.2)

Elaborado por ONEIDA DIAS DE PONTES - CRB-15/198

Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega

A rua dá medo! Mapeamento da hostilidade urbana com base em gênero e etnia em bairros da zona sul de João Pessoa, PB

Trabalho final de graduação apresentado como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba.

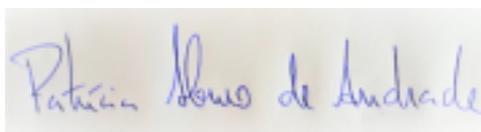
Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Gomes Negrão

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 29 de junho de 2022

Banca Examinadora



Presidente: Professora Doutora Ana Gomes Negrão - Universidade Federal da Paraíba



Avaliadora Interna: Professora Doutora Patrícia Alonso de Andrade - Universidade Federal da Paraíba



Avaliadora Externa: Professora Mestre Jakeline Silva dos Santos - UNIFACISA

“Ontem desci no ponto ao meio dia
 Contramão me parecia
 Na cabeça a mesma reza
 Deus que não seja hoje o meu dia
 Faço a prece e o passo aperta
 Meu corpo é minha pressa
Ouvir-se um grito agudo engolido no centro da cidade
 E na periferia? Quantas? Quem?
O sangue derramado e o corpo no chão
 Guria...
 Por ser só mais uma gurria
 Quando a noite virar dia
 Nem vai dar manchete (nem vai dar manchete)
Amanhã a covardia vai ser só mais uma que mede, mete, e insulta
 [...]
 E eu corro (e eu corro)
 Pra onde eu não sei
 Socorro (socorro)
 Sou eu dessa vez
 [...]”
P.U.T.A (Mulamba, 2018)

Para todas as travestis, mulheres (trans e cis), pessoas não-binárias, pessoas negras, amarelas e indígenas. Para todos aqueles que perderam a vida, ou passaram por uma grande mudança, causada pela hostilidade nas cidades. Este trabalho é dedicado, em primeira mão, a vocês que vivem e viveram na linha de frente para conquistar os direitos que hoje temos. Obrigado a todos/as vocês que, mesmo em meio à aversão e ao ódio gratuito, ainda permanecem resistindo pelo direito de existir e abriram caminho para que eu possa estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Aos meus guias e seres de luz que acompanham minha jornada nesse mundo, me sinto honrado por toda a força que recebi para dar conta de um trabalho tão complexo e visceral. Que nunca me falte axé e forças para honrá-los.

Aos meus genitores, Adeilda e Isac, agradeço por todo o apoio que tive para embarcar nessa jornada de estudar em outra cidade e pela força que recebi para realizar o sonho de me tornar um artista que planeja cidades e edifícios. Vó Carmelita, finalmente seu neto está se formando para ser o seu “doutô”.

Agradeço também ao meu irmão Crísthophem e seu marido, Ragner, por terem me acolhido e me dado o suporte em vários momentos que precisei. Também por me ouvirem reclamando sobre estar cansado o dia inteiro e por sempre trazerem um chocolate ou outro mimo para ajudar a aliviar o estresse.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba pelo investimento em minha formação e pela presença de mestres e doutores que me guiaram nesse árduo processo. Em especial aos professores Marcelo Diniz, Lucy Donegan, Geovany Jessé (*in memoriam*), Aluisio Braz e Patrícia Alonso por terem me guiado com todo o empenho nas pesquisas, monitorias e extensões as quais fiz parte.

Deixo também meus agradecimentos especiais à professora Ana Negrão que topou essa aventura de me orientar e pegar um tema que pouca gente se empenha em estudar. A senhora sempre terá minha gratidão por ter me aceitado nos 45 do primeiro tempo. Agradeço também às professoras Jakeline Silva e Patrícia Alonso por terem me acolhido e aceito discutir como poderíamos melhorar minha pesquisa.

Yasmin Souza, se teve alguém que me ouviu surtando e ameaçando trancar este TCC, foi você. Agradeço demais por todo o apoio (e ameaças para que eu não desistisse do trabalho), por ter me ouvido umas cem mil vezes falando sobre tudo que envolve minha pesquisa, por ter lido o texto para me ajudar com a insegurança, mesmo sendo de uma área totalmente diferente da sua. E principalmente agradeço por você sempre estar presente. Obrigado, minha manauara preferida.

Paulo Oliveira, mais conhecido por *chefinho* (embora ele não goste do uso desse termo, já que chefes são mandões). Deixo um obrigado gigantesco para você que sempre foi compreensível me deixando livre vários dias quando estive atarantado das ideias com o TCC. Você que sempre me orientou, me ensinou (muito) e que entendeu e me apoiou quando precisei me afastar do trabalho. Agradeço demais a você que é uma das minhas principais referências, além de um grande amigo.

Anny Lopes, obrigado por ter sido minha vizinha de consciência que me ajudou a não surtar em alguns momentos desse trabalho. Seu apoio foi muito importante e sua presença sempre foi sinal de refúgio e de um lugar seguro. Aline Silva, você foi outra pessoa que ouviu horrores os surtos nas madrugadas de uma pessoa que não sabia se ia conseguir entregar o trabalho. Saiba que seu apoio foi fundamental.

Camila e Wênia agradeço demais pela ajuda que vocês me deram com a produção da massa edificada. Era tanta coisa para fazer que, com certeza, sem uma mãozinha eu não teria conseguido finalizar tudo a tempo.

A todos que direta ou indiretamente me apoiaram e auxiliaram durante o processo de formação. Em especial à Marina Monteiro, minha “duplinha de dois”, que me acompanhou, tomou muitos cafezinhos no horário das aulas (e me aturou reclamando) durante essa graduação inteira.

À minha querida Circe, que embora não saiba ler e nem seja uma pessoa, foi indispensável. Sem sua carinha fofa e miados de reclamação cobrando atenção, eu não teria feito muitas pausas para relaxar. Minha parceira felina que sabe acalmar qualquer crise de ansiedade.

À todas as pessoas que responderam o questionário: vocês foram de suma importância para que eu pudesse nutrir e gerar esta pesquisa. A vocês deixo minha eterna gratidão.

RESUMO

Neste trabalho são discutidas como as relações entre atributos físicos e sociais se articulam com o fenômeno da hostilidade urbana, utilizando como referência espacial, um conjunto de bairros na zona sul de João Pessoa, Paraíba. Objetiva fundamentalmente mapear regiões potencialmente passíveis da classificação como hostis, comparando-as entre as interpretações de diferentes grupos. Para isso, dicotomias sociais servirão como base para as avaliações, articulando a discussão da vivência da cidade, como também das relações com a violência e segurança pública com base na etnia e expressão de gênero dos usuários. Deste modo, por meio de métodos de decomposição urbana, aponta atributos físicos que o espaço apresenta e que podem ou não favorecer a hostilidade. Aliado ao diagnóstico morfológico, há uma leitura fenomenológica através de um questionário e método de contagem para os padrões de movimento. Ao fim, por meio da aplicação do método de densidade de calor Kernel no Qgis 3.10, representa os padrões de hostilidade mapeados de acordo com os grupos avaliados, interseccionando gênero e etnia. Portanto, como resultados, trás um conjunto cartográfico da hostilidade, aliado a um diagnóstico de morfologia arquitetônica e urbana, além de questões sociais e da vivência cidadina.

Palavras-chave: Hostilidade urbana, minorias sociais, gênero, etnia, geoprocessamento.

ABSTRACT

This paper discusses how the relationships between physical and social attributes are articulated with the phenomenon of urban hostility, using as spatial reference a set of neighborhoods in the southern zone of João Pessoa, Paraíba. The main objective is to map regions potentially susceptible to classification as hostile, comparing them between the interpretations of different groups. For this, social dichotomies will serve as a basis for the evaluations, articulating the discussion of the experience of the city, as well as the relations with violence and public security based on users' ethnicity and gender expression. In this way, through methods of urban decomposition, it points out physical attributes that the space presents and that may or may not favor hostility. Allied to the morphological diagnosis, there is a phenomenological reading through a questionnaire and counting method for movement patterns. Finally, by applying the Kernel heat density method in Qgis 3.10, it represents the hostility patterns mapped according to the groups evaluated, intersecting gender and ethnicity. Therefore, as results, it brings a cartographic set of hostility, combined with a diagnosis of architectural and urban morphology, besides social issues and city life.

Keywords: *Urban hostility, social minorities, gender, ethnicity, geoprocessing.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Delimitação do recorte por meio da área de influência e/ou atratividade das universidades.	21
Figura 02. Representação do diagrama com destaque para os indicadores utilizados.	48
Figura 03. Distribuição dos setores utilizados no questionário.	51
Figura 04. Tecido (à esquerda) e traçado (à direita) do recorte estudado.	53
Figura 05. Ampliação do traçado e parcelamento do solo no Castelo Branco (com destaque para a comunidade Santa Clara), Jardim Cidade Universitária e Mangabeira.	54
	55
Figura 06. Malha viária do recorte, baseada na decomposição de Coelho et al. (2013).	
Figura 07. Vias de maior importância, acessos e conexões viárias.	56
Figura 08. Distribuição das edificações na região de estudo.	57
Figura 09. Zona de ampliação para avaliação na Spacematrix.	59
Figura 10. Aplicação na spacematrix dos setores 43 e 44	60
Figura 11. À esquerda a tipologia padrão de ocupação no setor 43. Ao centro, o residencial Tierras de Espanã e à direita a diversidade de ocupação no setor 44.	61
Figura 12. Aplicação na spacematrix dos setores 08 e 45.	61
Figura 13. À esquerda as diferenças tipológicas padrão no setor 8. Ao centro e à direita, tipologias recorrentes no setor 45.	62
Figura 14. Aplicação na spacematrix dos setores 52 e 53.	63
Figura 15. Padrões tipológicos nos setores 52 e 53.	63
Figura 16. Sobreposição de todos os setores na spacematrix	64
Figura 17. Distribuição das rotas de transporte público, praças e parques dentro da zona de estudo.	65
Figura 18. Paradas de ônibus, à esquerda parada com coberta, à direita parada apenas marcada pelo poste.	66
Figura 19. Uso e ocupação do solo na região de impacto das vias principais (300m).	67
Figura 20. Distribuição das interfaces de conexão entre as edificações e a cidade na zona de impacto das vias (300m).	69
Figura 21. Variações da interface de permeabilidade física (porta), à esquerda formada inteiramente por portões e à direita formada pela interação entre muro e portão.	70
Figura 22. Interface sem permeabilidade (morta) à esquerda e físicas (porta) à direita.	70
Figura 23. À esquerda exemplo de interface visual (cerca). À direita exemplo da falta de interface.	71
Figura 24. Variações da interface de permeabilidade mista, à esquerda, formada no padrão comercial/serviços. À direita no padrão de edificações multifamiliares.	72
Figura 25. Proporção dos modais de transporte.	74
Figura 26. Atributos do espaço que favorecem a sensação de segurança.	76

Figura 27. Atributos do espaço que favorecem a sensação de insegurança e/ou medo.	76
Figura 28. Proporções das frequências de experiências hostis.	77
Figura 29. Proporções das frequências de experiências hostis comportamentais (distanciamento).	78
Figura 30. Proporções das frequências de experiências hostis comportamentais (olhares, expressões e gestos pejorativos e/ou acusatórios).	78
Figura 31. Proporções das frequências de experiências hostis verbais.	79
Figura 32. Proporções das frequências de experiências hostis físicas.	79
Figura 33. Proporções das frequências de experiências hostis patrimoniais.	80
Figura 34. Relação entre turnos e hostilidade.	80
Figura 35. Distribuição dos portais.	83
Figura 36. Perfil da hostilidade urbana (todos os grupos) presente no recorte.	89
Figura 37. Perfil de hostilidade contra homens cis (negros, indígenas, amarelos e brancos).	91
Figura 38. Perfil de hostilidade contra mulheres cis não brancas (negras e amarela).	93
Figura 39. Perfil de hostilidade contra mulheres cis brancas.	94
Figura 40. Perfil de hostilidade contra pessoas trans brancas.	95
Figura 41. Perfil de hostilidade contra pessoas trans negras.	96
Figura 42. Sobreposição entre áreas críticas de hostilidade de todos os grupos.	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Distribuição territorial com base na PMJP (2021) e residentes nos bairros estudados (IBGE, 2011), com base no SIDRA.	45
Quadro 02. Atributos utilizados para cálculos na spacematrix.	60
Quadro 03. Distribuição dos respondentes quanto ao gênero e etnia.	73
Quadro 04. Maiores valores individuais de experiências com a hostilidade.	81
Quadro 05. Proporções entre número de respondentes e experiências separados por grupo social.	81
Quadro 06. Médias gerais dos portais.	85
Quadro 07. Quantidade de experiências com a hostilidade referente aos 102 respondentes.	87
Quadro 08. Proporções entre área territorial e casos de hostilidade, com destaque em vermelho para valores acima da média e em verde para valores abaixo da média.	90
Quadro 09. Áreas das regiões críticas separadas por grupo social.	97
Quadro 10. Proporção territorial ocupada pela área crítica de hostilidade em cada bairro, considerando o perfil sintético (todos os grupos).	99

LISTA DE SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
CID	Classificação Internacional de Doenças
DETRAN-PB	Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e Panssexuais.
OMS	Organização Mundial da Saúde
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa
SEMOB	Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
TGEU	<i>Transgender Europe</i>
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
A PROBLEMÁTICA DO PODER E A PRODUÇÃO DA CIDADE	17
DISSECANDO A HOSTILIDADE	18
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	21
APORTE TEÓRICO	23
A CIDADE E O MEDO	23
ESPAÇOS DE QUALIDADE?	25
ESSA CIDADE TAMBÉM É MINHA: A VIDA URBANA FEMININA	28
A luta das mulheres e as ondas do feminismo	29
ANDAR EM PAZ: VIVÊNCIA DA POPULAÇÃO TRANS E TRAVESTI	31
O movimento transfeminista: princípios e público alvo	35
A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: TODAS AS VIDAS TÊM O MESMO VALOR?	36
A estrutura da exclusão: o racismo e suas nuances	38
Genocídio negro e a nova roupagem do controle racial	40
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
ETAPAS DA PESQUISA	42
MÉTODOS DE LEITURA DOS ATRIBUTOS SOCIAIS	43
MÉTODOS DE LEITURA DOS ATRIBUTOS FÍSICOS	46
MÉTODO DE LEITURA GEOPROCESSADA	49
DIAGNÓSTICO FÍSICO	51
O RECORTE E A DINÂMICA DO PLANEJAMENTO	52
A DENSIDADE URBANA PELA ÓTICA DA SPACEMATRIX	58
RELAÇÕES ENTRE ARQUITETURA E CIDADE	64
DIAGNÓSTICO SOCIAL	73
DADOS DO QUESTIONÁRIO	73

Perfil social	73
Percepção de segurança	75
Vivência com a hostilidade urbana	77
TENDÊNCIAS DE MOVIMENTAÇÃO	82
DIAGNÓSTICO GEOPROCESSADO	87
PARÂMETROS PARA AVALIAÇÃO	87
TENDÊNCIA DA HOSTILIDADE SINTÉTICA	88
TENDÊNCIA DA HOSTILIDADE POR GRUPO SOCIAL	91
AVALIAÇÃO DAS ÁREAS CRÍTICAS	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE A (QUESTIONÁRIO)	112
APÊNDICE B (REGISTROS DE LEVANTAMENTOS)	134
APÊNDICE C (RESULTADOS PRELIMINARES DE HOSTILIDADE)	168
APÊNDICE D (QUADRAS SEGUNDO PMJP)	169
APÊNDICE E (TABELAS DE REFERÊNCIA PARA A SPACEMATRIX)	171

1. INTRODUÇÃO

Quantos e quais medos podem ser sentidos ao se planejar ir à rua? A depender da pessoa envolvida nessa reflexão é possível apontar uma combinação maior de receios. Um homem branco, inserido nos padrões sociais, ao sair, pode experimentar o medo da violência urbana, de um assalto ou de situações semelhantes. No entanto, ao fazer parte de uma minoria social¹, como mulheres trans ou cis, pessoas negras, entre outras; há a tendência de vivenciar medos condicionados à existência: como agressões, ameaças e assédios (MÜLLER, 2019).

Por meio de uma ótica interseccional cabe destacar que, baseado na hierarquia de privilégios sociais, pessoas que combinam opressões em marcadores como gênero, etnia e classe; tendem a apresentar mais receios e experiências com a violência urbana (AKOTIRENE, 2019; NASCIMENTO, 2021; RIBEIRO, 2018). Essa maior possibilidade de vivenciar hostilidades é fruto de lógicas racistas, sexistas, cisnormativas² e de outros padrões da estrutura social, derivados da hierarquização de poder (ALMEIDA, 2021; BERTH, 2020).

A colonização entre povos é uma exemplificação clara da sistematização do poder, afinal, quem o detinha e concentrava, determinava o modo como a vivência coletiva era possível, quem podia estar nos espaços públicos e quais eram os padrões aceitos. Assim, ao longo da história, são encontrados processos como: a deturpação de culturas, corpos e expressões, controle entre povos, escravidão e marginalização de tudo que fugisse ao idealizado como correto e/ou melhor (DEVULSKY, 2021).

É compreensível que a disputa entre coletividades sociais, num permanente processo de opressão e revoltas, além da forma como a historiografia o aborda, seja derivado da concentração de poder dos grupos dominantes. Ribeiro (2018) reflete

¹A caráter introdutório, cabe apontar que o termo minoria social refere-se à concentração de poder e não a um aspecto numérico propriamente dito (RIBEIRO 2021). Neste trabalho, as minorias sociais estudadas são: a população trans (mulheres e homens transgêneros, travestis e expressões de gênero não conformitas), mulheres e pessoas de etnias não brancas (englobando população negra, indígena e amarela).

² Conforme Nascimento (2021), a cisnormatividade é originada por meio da idealização de um padrão para as expressões de gênero e seus papéis sociais, conforme as expectativas de como homens e mulheres cisgêneros (aqueles que a expressão de gênero condiz com o sexo biológico) devem agir.

que a história é contada pelos vencedores e, conseqüentemente, pautada em sua visão, uma vez que é:

impossível falar sobre história sem falar sobre poder. Há uma palavra da língua igbo [...] *nkali*. Trata-se de uma expressão que pode ser traduzida como “maior que o outro”. [...] as histórias também são definidas pelo princípio do *nkali*. A forma como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder (Ibid, 2018, p.18).

Arendt (2001) aponta que o poder não é uma característica individualista, mas sim produto de um coletivo. Além disso, ele só pode ser mantido através de um “pacto de união” do grupo dominante. Como exemplo Almeida (2021) destaca o pacto da branquitude como componente das estruturas racistas institucionalizadas, rendendo à população branca uma série de privilégios em detrimento de oportunidades para populações negras³. Assim, corroborando com Ribeiro (2019, p. 34) ao dizer que “homens brancos são maioria nos espaços de poder. Esse não é um lugar natural, foi construído a partir de processos de escravidão”.

Os privilégios são uma das derivações dos pactos de supremacia e concentração de poder. Eles são as vantagens geradas por marcadores como posições sociais, políticas e/ou econômicas, de gênero, etnia, entre outros, que podem ser combinadas num sistema estrutural de benefícios (TIBURI, 2020). Nesse caso, a tendência é que quem concentra mais poder e, conseqüentemente, mais sobreposição de privilégios, acaba sofrendo menos violência (TIBURI, 2020).

Berth (2020) versa que a lógica do empoderamento é semelhante, apontando-o como ferramenta teórico-metodológica para a ascensão social de grupos minoritários. Assim, destaca que deve se pensar o empoderamento “como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e como as articulações políticas de dominação que essas condições representam” (BERTH, 2020, p.51).

Afinal, se a concentração de poder segue uma estrutura coletiva, formada pela junção de muitos indivíduos com alguma característica em comum, o sistema se retroalimenta, mantendo os mesmos grupos no controle. Para tal, a

³Neste trabalho a etimologia negra, referente ao grupo étnico, segue os parâmetros técnicos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Sendo assim, o termo negro é referente a soma da população de pretos e pardos (IBGE, 2013).

emporaderação das minorias sociais deve seguir o mesmo princípio, uma vez que, uma coletividade empoderada será formada por indivíduos com maior grau de consciência do seu eu social, suas implicações e possibilidades de ascensão (BERTH, 2020).

1.1. A PROBLEMÁTICA DO PODER E A PRODUÇÃO DA CIDADE

Mas qual a relação das disputas de poder com o planejamento urbano e arquitetônico? A produção da cidade é orientada pela visão daqueles que concentram o poder e, graças à institucionalização do racismo, cissexismo e outros sistemas segregatórios, normalmente homens brancos são os que controlam os espaços de poder e decisão. Ferreira e Silva (2017) indicam que a vivência da cidade é distinta ao se comparar a ótica masculina e feminina, além disso, também destacam o fato da baixa participação política das mulheres, assim o referencial ao planejamento é masculino e reflete as estruturas excludentes.

Bilac (2012) critica o modelo de planejamento modernista, com setorização de funções que condiciona a cidade a ter espaços privados como femininos enquanto os públicos são masculinos, relacionado à divisão sexual do trabalho e sobreposição de atividades domésticas e profissionais para mulheres. Ainda aponta que esse é um “poderoso instrumento de dominação [...] e sua desconstrução não é fácil” (BILAC, 2012, p.154). Já Bondi e Rose (2003) denunciam que a distribuição fragmentada dos usos do solo e a composição dos sistemas de mobilidade urbana com baixa integração intermodal atuam como barreiras para mulheres, principalmente as com filhos, reforçando as dificuldades na qualidade de vida baseada na divisão sexual do trabalho (RIBEIRO, 2019).

Outros elementos que relacionam as disputas sociais com o planejamento urbano e arquitetônico são a violência e o medo. Para Andrade (2011) a sociedade é marcada pelo medo ao diferente, repudiando quaisquer outros, tornando as diferenças uma ameaça, sejam físicas, sociais ou de outra ordem. Arendt (2001) descreve a violência como a mais clara manifestação do poder, denunciando um sistema de controle, tendo a violência como ferramenta de manutenção, vinculada à produção do medo.

Com essa aversão ao externo são criados mecanismos de mercantilização do

medo, descritos por Dias e Jesus (2019) como justificativa para o enclausuramento arquitetônico, gerando microrregiões com homogeneidade social. A sistematização do medo é comentada por Bauman (2009) ao destacar que, ao vivenciar interações com grupos distintos, o indivíduo tende a suspeitar dos outros e de suas intenções.

Simmel (1903) reflete sobre o *blasé* como ferramenta de negação social, descrevendo que essa expressividade corporal é utilizada em cenários onde o indivíduo não se sente acuado, ao estar entre “iguais”, ou seja, em maior segurança. Essa marcação também pode acontecer num processo inverso, destacando um alvo para entendimento de perigo, como é recorrente com a população negra.

Borges (2021) destaca a relação entre o encarceramento em massa com os negros, argumentando que “há um grupo alvo e predominante entre a população prisional, ou seja, que é considerada criminosa, temos aí uma fórmula perfeita de escoamento de um preconceito que é racial primordialmente” (BORGES, 2021, p.23). Assim, denuncia uma aversão preconceituosa naturalizada ante à população negra em espaços públicos, classificando-a como um constante perigo potencial.

Dias e Jesus (2019, p.27) afirmam que a produção do espaço condicionada pelo medo “transforma casas, ruas, praças e conduz a uma perda de vitalidade e urbanidade, na medida em que edifica espaços sem qualidade”. Enquanto isso, Andrade (2011) aponta a produção da arquitetura hostil como uma estratégia de repulsa aos possíveis agentes da violência urbana, gerando assim um conjunto de barreiras físicas nas edificações. Esse é um processo que se retroalimenta, uma vez que, inicialmente a arquitetura e o urbanismo se moldam pela violência urbana, porém a proliferação da arquitetura hostil gera maior sensação de insegurança ao meio urbano, demandando novas tecnologias para proteção (DIAS; JESUS, 2019).

1.2. DISSECANDO A HOSTILIDADE

Mas e o fenômeno social da hostilidade? Ao entender a cidade como palco das manifestações sociais e das relações entre grupos diversos, destaca-se que esses encontros possibilitam reações variadas, inclusive as que são foco de análise deste trabalho. Aqui o fenômeno da hostilidade foi abordado segundo quatro grupos:

- I. Comportamental: exclusão, distanciamento, olhares julgadores, gestos

- obscenos, ridicularizantes e semelhantes, mas sem contato verbal ou físico;
- II. Verbal: insultos, ofensas, ameaças, assédios, importunações sexuais e semelhantes, porém sem contato físico;
- III. Física: tentativas ou agressões (lesão corporal), importunação sexual física, tentativa ou agressão sexual e semelhantes;
- IV. Patrimonial: tentativas de furtos, assaltos e práticas criminais semelhantes.

Essa divisão busca compreender diferentes sistemas de hostilidade no espaço urbano, visto que enquanto o indivíduo seja parte de um grupo socialmente minorizado sua vivência na cidade é tolhida, condicionada e restrita a espaços e a turnos específicos. Esse processo acontece por fatores diversos, desde o conforto até manter a própria integridade física (MARTINS, 2019; MÜLLER, 2019).

A temática da hostilidade urbana sempre tem espaço de destaque através dos grandes produtores da mídia aberta, como portais jornalísticos, tanto em contextos internacionais quanto nacionais. Esse espaço tem uma vinculação direta com indicadores como a guerra às drogas (BORGES, 2021), feminicídio e violência à mulher (LUCENA, 2020), dentre outras. Num recorte temporal 2020-2022, cabe citar os movimentos de lutas antirracistas como o *black lives matters* e os protestos após a morte de *George Floyd*⁴ em maio de 2020.

É importante pontuar os esforços pela igualdade de gênero trazidos nas pautas de coletivos de lutas feministas, transfeministas e outras variantes. Também das iniciativas LGBTQIA+, seus avanços políticos e sociais pela aceitação às diferenças e conquista de direitos fundamentais. Dentre eles temos a:

- I. Despatologização da homossexualidade pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1992;
- II. Retirada de expressões transgêneras da seção de transtornos de ordem psiquiátrica, passando a alcinha de incongruência de gênero no tópico de saúde sexual na 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID-11, 2019);

⁴ Caso George Floyd, o homicídio de um homem negro pela violência policial em Minnessota, nos Estados Unidos, causou comoção global e despertou uma onda de protestos antirracistas e contra a violência urbana movida pelo racismo.

- III. Criminalização da lgbtfobia⁵ em 2019 com alterações na Lei nº 7.716 (BRASIL, 1989), equiparando-a à discriminação por raça e/ou cor;
- IV. Alteração, em 2022, na Lei nº 11.340 (BRASIL, 2006), conhecida como Lei Maria da Penha, passando a incluir travestis, mulheres transexuais e/ou transgênero como público alvo.

No entanto, mesmo com certos avanços, manchetes sobre violência e todo um conjunto de hostilização e preconceitos ainda são extremamente comuns na vivência dos grupos socialmente minorizados. Sendo assim, o debate sobre a hostilidade é uma demanda necessária, principalmente num contexto brasileiro que, nos mapas da violência, sempre se destaca.

Segundo relatório da *Transgender Europe* (TGEU, 2021), 70% dos assassinatos motivados pela transfobia, entre outubro de 2020 e setembro de 2021, foram na América Central e do Sul, num total de 260 casos. Nesse cenário, o Brasil é o país que mais mata a população trans no mundo, concentrando sozinho 33% de todas as mortes mundiais, com 125 dos 375 casos totais. De todas as mortes globais, 96% dos casos foram contra mulheres trans, travestis ou pessoas transfemininas. Além disso, o Brasil lidera o ranking dos homicídios motivados pela transfobia desde o início dessa avaliação em 2009 (TGEU, 2021).

Conforme o levantamento *visível e invisível* (FBSP, 2022), no Brasil oito mulheres foram agredidas por minuto durante a pandemia. Outros dados são que uma a cada quatro mulheres com mais de 16 anos, foi vítima de alguma violência nos últimos doze meses. Avaliando o aspecto étnico, a prevalência maior de casos foi contra mulheres pretas (28,3%), seguidas pelas mulheres pardas (24,6%). Há, como agravante, que em sete de cada dez casos o agressor era alguém conhecido e/ou próximo da vítima (FBSP, 2022).

Segundo o anuário brasileiro de segurança pública (FBSP, 2021) 76,2% de todos os assassinatos cometidos no Brasil foram para com a população negra. Ao se observar os valores dos últimos dez anos, o resultado dessa violência em massa

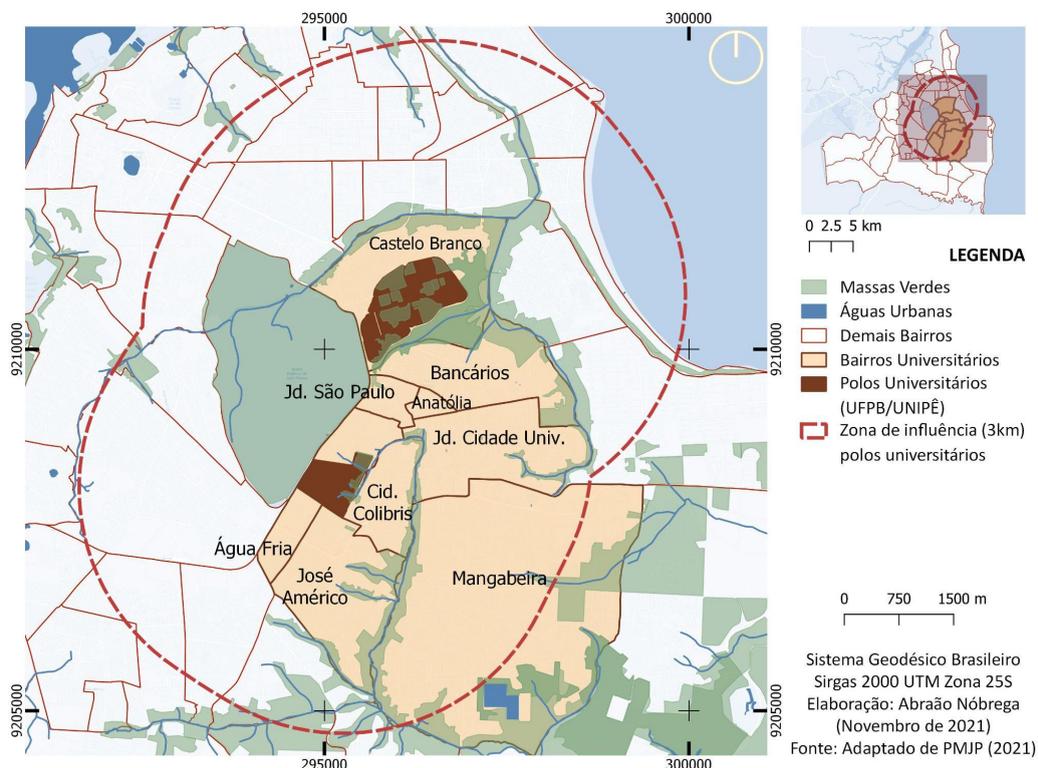
⁵ Em 2019 o Supremo Tribunal Federal equiparou a LGBTfobia à injúria racial. Assim, ações lesbofóbicas, homofóbicas, bifóbicas e transfóbicas se tornaram crimes semelhantes ao racismo.

atingiria o equivalente à população de Palmas, capital do Tocantins⁶ (FBSP, 2021). Pode-se observar ainda que a possibilidade de uma pessoa negra ser assassinada chega a ser 2.6 vezes maior do que alguém não negro, visto que a taxa de mortalidade negra é de 29,2 para 100 mil habitantes, enquanto de uma pessoa não negra é de 11,2 para 100 mil habitantes (FBSP, 2021).

1.3. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Nesse pandemônio de violências, hostilidades e lutas, em permanente processo de avanços e retrocessos, é que este trabalho se insere. Busca elencar um conjunto de características sociais e morfológicas para relacionar geograficamente com a hostilidade urbana em um recorte na zona sul de João Pessoa. A região estudada é composta pelos bairros aqui referidos pela alcunha de universitários, em consequência da dinamização de públicos atraídos pelos pólos de ensino superior, conforme espacializado na figura 01.

Figura 01. Delimitação do recorte por meio da área de influência e/ou atratividade das universidades.



Fonte: Elaboração própria (2022).

⁶ Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população da cidade de Palmas é de 313.349 pessoas.

O recorte estudado surgiu através da região de intersecção gerada pela aplicação de um raio de três quilômetros a partir das universidades (UFPB e UNIPÊ). Assim, foram concentrados os bairros com maior parte territorial dentro dos perímetros gerados, totalizando nove: Água Fria, Anatólia, Bancários, Castelo Branco, Cidade dos Colibris, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo, José Américo e Mangabeira.

Ao propor o mapeamento da hostilidade, sem desconsiderar a crítica ao design urbano pautado para servir ao sujeito “ideal”: o homem branco, de classe média, sem deficiências, hétero e cisgênero; este trabalho é justificável por se encaixar numa lacuna técnica. Visto que, busca refletir sobre o planejamento urbano segundo uma ótica interseccional e com mais equidade Além disso, este projeto também se propõe a gerar um retorno direto à comunidade, ao alertar sobre regiões mais hostis aos grupos sociais, com ênfase na vivência das minorias.

Por isso, a pesquisa tem como objetivo principal mapear ambiências urbanas passíveis do título de inseguras, perigosas e/ou hostis, com base na percepção de diferentes grupos sociais. E, de modo específico:

- I. Avaliar atributos morfológicos, sociais e geoprocessados, correlacionando-os para entendimento das expressões hostis no recorte;
- II. Desenvolver um conjunto cartográfico com as regiões mais hostis, de livre acesso, com base nos diferentes grupos participantes;
- III. Discutir sobre parâmetros de referência para avaliações urbanas que sigam uma lógica interseccional e interdisciplinar.

Portanto, com base no panorama apresentado a respeito das disputas sociais e da violência urbana, este trabalho busca responder às seguintes questões: a construção social nas cidades afeta na hostilidade a grupos sociais minoritários? Como o desenho urbano tem relação e/ou influência a respeito disso? Além de quais os elementos espaciais podem induzir, inibir ou influenciar em práticas hostis?

2. APORTE TEÓRICO

2.1. A CIDADE E O MEDO

Por que a rua dá medo? DaMatta (2001) aborda esse questionamento, relacionando-o com a ideia de o lar ser o espaço de segurança, enquanto a rua é o contexto de disputa, tendendo a ser um ambiente hostil naturalmente. Freitas e Ferreira (2011) descrevem que o espaço urbano é, essencialmente, produto das ações e intenções empregadas nele pela sociedade. Por isso, apresenta aspectos materiais e imateriais, caracterizado tanto pelos elementos físicos, quanto pelas relações entre grupos sociais, num permanente processo de criação e disputa (Ibid).

Segundo Corrêa (1995), ele é a organização da cidade de acordo com funções e atividades, gerando zonas integradas e que se estruturam através de elementos como malha viária, legislação e morfologia constituída. Construindo uma linha tênue entre a articulação e fragmentação, dado o fato de seus constituintes se relacionarem com maior ou menor intensidade. Já Rolnik (2004) o define, genericamente, como aquele em que há predominância da cidade ao campo, e que é o palco das atividades socioculturais, históricas e econômicas de uma determinada aglomeração urbana.

A ideia de lugar, cunhada por Augé (2007), está diretamente relacionada à afetividade e vínculos com o espaço físico, construindo-o através de territórios e apropriações. Freitas e Ferreira (2011) afirmam que essa territorialização do espaço configura a fragmentação da cidade em seu processo de expansão. No entanto, também reflete a lógica de segregação socioespacial que, segundo Andrade (2011) é um processo que acompanha a evolução das cidades, tendo características cada vez mais rígidas.

Negri (2008, p.130) destaca que, por meio da segregação socioespacial, “a classe alta controla e produz o espaço urbano, de acordo com seus interesses”. Desse modo, intensifica a divisão da cidade com base na classe social do indivíduo, favorecendo e consolidando os processos de periferização e territorialização pela geração de espaços com qualidades dicotômicas (HUGHES, 2004).

No contexto da exclusão, os elementos físicos e as estratégias arquitetônicas podem tanto favorecer quanto intensificar tal problemática (ANDRADE, 2011).

Rampasi e Oldoni (2020, p.386) discutem sobre a arquitetura antimendigo⁷, destacando que o “estereótipo de que a violência está relacionada aos mais pobres auxilia na propagação da arquitetura hostil”.

Afinal, a repulsa pela condição do outro é um fator que intensifica a aversão social e a desumanização dos indivíduos perante a sociedade, tendo forte vinculação com a segregação urbana (Ibid). Contudo, essa invisibilização de grupos em vulnerabilidade não implica necessariamente em sua inexistência. Pelo contrário, torna-se um fator de destaque para a demanda de resistência e luta por maior igualdade, além de projetos direcionados aos grupos (SILVA, 2017).

A produção arquitetônica e urbanística, pautada numa lógica hostil, desconsidera o direito coletivo à cidade, agindo como estratégia para o afastamento de grupos vulneráveis. Num aspecto físico, pode ser caracterizada por elementos como “bancos antimendigo, espetos e gradis, pedregulhos e até mesmo o paisagismo espinhoso” (RAMPASI; OLDONI, 2020, p.391). Mas, em aspectos comportamentais, afetam a vivência através de práticas excludentes, agressivas e semelhantes; atingindo principalmente indivíduos em maior vulnerabilidade, como grupos socialmente minorizados.

Para Mendes (2018) apud Beck (1992), a temática do risco social é semelhante à lógica de distribuição de riquezas, afinal ambas estão vinculadas a posições sociais específicas. A diferença é que o primeiro é caracterizado pela distribuição de “males”, enquanto o segundo é pela de benefícios. Nesse cenário, grupos como os aqui estudados, permanecem numa constante incógnita sobre a vivência urbana, visto que muitas vezes podem ter direitos negados e vivenciarem riscos à integridade, no entanto, continuam sendo atores da produção do espaço.

Prado (2020) aponta que as mulheres tanto estão nos espaços públicos, tendo padrões específicos em seus deslocamentos e apropriações, quanto são as que mais circulam a pé e em modais de transporte coletivo. Acrescenta também que a vivência urbana não é uniforme dentro das próprias minorias sociais, utilizando as mulheres como grupo de referência.

⁷ Termo alternativo para a Arquitetura hostil, que também tem, como variações, os termos: arquitetura da violência ou do medo (RAMPASI; OLDONI, 2020).

Essa percepção parte do pressuposto de que, ao somar marcadores como sexualidade, etnia, classe social, entre outros, haverá uma reconfiguração acerca da possibilidade da apropriação dos espaços urbanos (Ibid). Nesse contexto, Souza (2020) destaca que um dos grupos sociais em maior vulnerabilidade, por não se encaixar nos papéis sociais propostos, é composto pela população trans. Pois, como não é possível esconder a expressão de gênero, acabam por serem alvos para crimes de ódio, torturas e assassinatos.

Mesmo a hostilidade não sendo um fenômeno exclusivo do ambiente da rua, é na cidade que há uma maior miscigenação de grupos e, conseqüentemente, de conflitos. Assim, cabe a reflexão sobre a interseccionalidade ser uma ferramenta que permite entender a combinação entre opressões e possibilita pensar o espaço sob uma ótica mais integrativa, por ela ser um método de leitura que considera das opressões simultâneas às quais os indivíduos estão relacionados (BERTH, 2020).

2.2. ESPAÇOS DE QUALIDADE?

Como o espaço participa da hostilidade? Andrade (2011) destaca que as características físicas e os elementos que compõem uma ambiência urbana ou arquitetônica possuem relação direta sobre como será a utilização humana, podendo auxiliar a inibir ou intensificar comportamentos. A lógica de exclusão aos “outros” pode ser reforçada com base no ideal de insegurança presente no meio urbano (ORLANDI, 2011), mas em contrapartida, com a construção de lugares e territórios (AUGÉ, 2007), a sensação de pertencimento propicia uma melhor vivência em decorrência do reconhecimento entre indivíduo x lugar.

Sendo assim, é possível destacar a cidade como um palco, numa analogia às definições trazidas por Rolnik (2004). Em seu livro, a autora descreve, dentre outros conceitos, a *civitas*: cidade política, refletindo sobre como as articulações de poder e coletivo são importantes para a vivência social em paz. Nesse caso, adotando essa definição, podemos refletir como a cidade também abarca as problemáticas, as marginalizações, agressões e hostilidades, gerados também como subprodutos da concentração política do poder.

Partindo para uma leitura física do espaço é possível o destaque de características positivas ou negativas no que tange à sensação de segurança ou

falta desta. Jacobs (2011) retrata o conceito dos olhos nas ruas como uma importante lógica de conexão entre o fenômeno da violência urbana para com relação à produção do espaço.

A autora parte do pressuposto de que a segurança informal e impessoal é de suma importância para as ambiências urbanas, uma vez que seriam frutos de uma boa variabilidade de atividades do solo, o que atrairia diversidade. Assim, tornando as ruas frequentadas ininterruptamente por pessoas, e conseqüentemente mantendo uma permanente fiscalização do ambiente. Jacobs (2011) destaca também que um importante indicador de qualidade é a falta da sensação de medo ao se estar na rua.

Gehl (2013) discute sobre a importância do planejamento das cidades ser centrado nas pessoas, mantendo a escala humana como principal referência, indo contrária a lógica rodoviária vigente em diversas cidades brasileiras, como João Pessoa, em que a produção do espaço é consequência da valorização dos carros.

O coletivo Micrópolis (2016) reflete sobre esse universo da (in)segurança urbana, pontuando sobre o impacto direto de medidas individualistas, como a fortificação arquitetônica, corroborando com Dias e Jesus (2019) ao apontarem tais iniciativas como ações paliativas e que alimentam o ciclo entre medo, enclausuramento e hostilidade. O coletivo também destaca uma série de características socioespaciais que favorecem a intensificação do medo e podem contribuir para a hostilidade urbana, elas são:

- I. Atividades que não estimulem o uso das calçadas, deixando-as vazias;
- II. Atividades de lazer que poderiam dar vida à rua permanecendo encarceradas nos espaços privativos de condomínios e/ou semelhantes;
- III. Ter maior presença de veículos do que de pedestres nas ruas;
- IV. Pavimentos térreos ociosos ou sem acesso público;
- V. Má qualidade ou má distribuição dos elementos de iluminação;
- VI. Lotes vagos, murados ou com fachadas “mortas” que intensificam a sensação de medo;
- VII. Baixa variabilidade de uso do solo (MICROPOLIS, 2016).

Netto, Vargas e Saboya (2012, p.262-263) apontam sobre a relação da forma

como as edificações são implantadas no tecido urbano, afirmando que no Brasil tem sido perceptível uma substituição gradual de:

edifícios tradicionais por um tipo [...] de ligações mais frágeis com o espaço público. Essa crescente rarefação urbana, suspeita-se, seria acompanhada de aumento das distâncias intraurbanas, diluição do movimento de pedestres [...] problemas de segurança pública e novas formas de segregação socioespacial.

Magnoli (2006) reforça a importância da implantação das edificações, relacionando a redução do número de pedestres com questões como a continuidade da massa edificada e a criação de barreiras entre a cidade e a arquitetura. Já Dias (2019) aborda o impacto das interfaces de comunicação entre o espaço arquitetônico e o urbano, referenciando as tipologias de muros e semelhantes como possíveis potencializadores da insegurança urbana.

Partindo para o destaque de características positivas e que possibilitam uma melhor vivência do espaço e favorecem a urbanidade, Gehl et al. (2006) apresentam diretrizes que possibilitam uma melhor qualidade no planejamento de espaços urbanos. Os doze pontos fundamentais para boa produção no meio urbano são:

- I. Proteção contra o tráfego;
- II. Segurança nos espaços públicos;
- III. Proteção contra experiências sensoriais ruins;
- IV. Espaços para caminhar;
- V. Espaços para permanência;
- VI. Ter onde se sentar;
- VII. Possibilidade de observar;
- VIII. Oportunidade de conversar;
- IX. Locais para se exercitar;
- X. Escala humana;
- XI. Possibilidade de aproveitar o clima;
- XII. Boa experiência sensorial.

Por fim vale a reflexão a respeito de que todos os atributos anteriormente citados são pautados numa visão generalista e universal para a cidade. Ou seja, destaca características que fornecem uma qualidade boa ou ruim para os espaços

considerando um indivíduo neutro, sem relacionar diretamente a algum grupo, e por isso favorece aqueles dentro do padrão idealizado.

Por isso uma ótica interseccional é necessária, visto que proporciona a leitura com diversas perspectivas, considerando particularidades de grupos em vulnerabilidade. Devulsky (2021) reforça esse pensamento ao destacar que as opressões não são vividas individualmente, mas sim interconectadas, sendo assim, não é possível dissociar o indivíduo de sua experiência interseccional.

2.3. ESSA CIDADE TAMBÉM É MINHA: A VIDA URBANA FEMININA

Por que refletir sobre a vivência urbana feminina? A relação entre a cidade e os corpos é marcada pelas disputas de poder e essa equação é desbalanceada. Lucena (2020) afirma que a violência contra mulheres era um ato socialmente aceito e até legitimado durante a história, relacionando tais práticas com as estruturas patriarcais que se perduram na sociedade até a contemporaneidade.

Ribeiro (2021) cria um paralelo entre as ações hostis e as provas de virilidade masculinas, frutos da divisão sexual da sociedade, como também da lógica patriarcal que concede às mulheres o aspecto de fragilidade e fraqueza, enquanto ao homem é cedido o poder. No entanto, é necessário que se prove continuamente ser “digno” de se manter nesse espaço de controle, daí as provas de virilidade que são pautadas em aspectos de violência e dominação, sejam físicas ou sociais (Ibid).

Lucena (2020) apresenta o conceito do patriarcado como um sistema que legitima o homem como sujeito central, num espaço de privilégio em detrimento e exploração das mulheres. Ribeiro (2021), por sua vez, extrapola o limite de gênero como grupo dominado pelo sistema patriarcal, pontuando que demais minorias sociais são diretamente afetadas, vinculado a marcadores como sexo, classe e etnia. Ainda reforça sobre o aspecto de que o termo minoria social não se refere diretamente ao aspecto numérico do grupo, mas sim à concentração de poder (Ibid).

A dominação patriarcal, segundo Lucena (2020), pode ser entendida em dois cenários: o privado e o público. O primeiro tem uma relação direta com a exclusão feminina dos espaços coletivos, condicionando-as à atuação apenas no ambiente doméstico. Já o segundo acontece quando as mulheres ultrapassam as barreiras

limitantes no lar, passando a uma vivência de segregação e subordinação no âmbito público, pela sua baixa presença em lugares de poder e decisão (Ibid). Assim, corroborando com Tiburi (2020, p.57) quando afirma que “o espaço da voz foi até hoje do homem branco, situado no topo do sistema social de privilégios”.

Essa lógica com base segregatória, no meio urbano, acaba inserindo homens e mulheres em contextos separados, através de diferentes vivências e possibilidades de serem vítimas de hostilidades (TIBURI, 2020). E por ser algo enraizado na sociedade, fazendo parte do imaginário e modo orgânico de pensar e agir, torna-se ainda mais complexo lidar com suas problemáticas (Ibid). Ribeiro (2021) aponta que os padrões marcados como normais, na verdade, são frutos de uma construção social, naturalizando hostilidades, opressões e segregação.

2.3.1. *A luta das mulheres e as ondas do feminismo*

O feminismo pode ser entendido como um movimento que busca uma sociedade sem hierarquização pautada pelo gênero (RIBEIRO, 2018; RIBEIRO, 2021). Sua evolução é marcada por momentos de ápice nas revoluções do campo teórico, político e social, que são chamadas de ondas. Elas, se apresentam como:

- I. O movimento sufragista de meados do século XIX, conhecido como a primeira onda, é caracterizado pelo esforço de conquista de direitos básicos como acesso a educação e a profissionalização feminina, além do direito ao voto e não necessidade autorização do marido (RIBEIRO, 2018; RIBEIRO, 2021);
 - A. No entanto, dentro do próprio movimento havia diferentes demandas, uma vez que para as mulheres da burguesia a luta era pelo ingresso aos espaços públicos e melhores oportunidades de emprego, mas essa era uma demanda que refletia as mulheres brancas de classes abastadas. Mulheres de classes pobres acabaram por receber uma sobrecarga, graças a não divisão do trabalho doméstico, sendo assim, mulheres mais pobres permaneciam numa situação de exploração também por mulheres mais ricas, ao ocuparem as atividades domésticas (RIBEIRO, 2021);
 - B. Há, também, o destaque que para as mulheres negras, a luta não era voltada diretamente ao trabalho e à educação, mas sim que fossem reconhecidas como pessoas, tendo direitos respeitados (RIBEIRO, 2018).
- II. A segunda teve início por volta de 1970, sendo diretamente influenciada por obras como *O segundo Sexo* (BEAUVOIR, 1970) e foi caracterizada pelo

direito ao prazer, à liberdade sexual, controle de natalidade e contra a violência sexual;

- A. Beauvoir (1970) apresenta a reflexão clássica sobre o que é ser mulher e sobre a produção da feminilidade. A obra da autora foi referência pela discussão sobre o lugar de ser “outro” dentro da sociedade, além de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”;
 - B. Ribeiro (2021) destaca que o principal fruto da segunda onda foi a reflexão sobre que se não há garantias de decisão sobre o que fazer com o próprio corpo (no que tange à sexualidade e métodos contraceptivos), nenhum outro direito é de fato garantido.
- III. A terceira onda, iniciada em 1990, é caracterizada pela crítica à universalização da definição de mulher. O processo de cisão foi iniciado na segunda onda, mas se consolidou na terceira, com a reflexão direta sobre como “mulher” não é uma categoria universal e que diferentes óticas são necessárias para a reforma social. Ribeiro (2019) defende que, se o feminismo permanecer centrado numa ótica generalista, servirá a apenas um grupo em específico, reproduzindo opressão com os demais;
- A. Além disso, é na terceira onda que há a proposição da desconstrução do binarismo sexual (masculino/feminino), passando a reflexão sobre vivências não-binárias para feminismos pluralistas e inclusivos.

A luta pelos direitos femininos conseguiu gerar uma melhora em sua qualidade de vida ao longo da história, no entanto, ainda há uma série de problemáticas frutos das estruturas opressivas, dentre elas a violência. Lucena (2020, p.65) aborda o feminicídio como um dos maiores representativos para a hostilidade contra mulheres, apontando que “existe, assim, uma motivação norteadas por um sentimento de ódio, desprezo, prazer ou pretensão de propriedade sobre as mulheres” nessa tipologia criminal.

A lei nº 13.104 (BRASIL, 2015), define o feminicídio como os crimes de ódio contra a mulher por condições do sexo feminino. Lucena (2020) aponta que essa construção da lei é uma estratégia de exclusão às mulheres trans e travestis, uma vez que condiciona diretamente ao sexo feminino, substituindo o texto anterior em que o feminicídio era definido como um homicídio motivado por razões de gênero.

Tiburi (2020, p.107, grifo da autora) reforça o vínculo direto entre o feminicídio e a violência doméstica para com a disputa pelo poder, destacando que “enquanto a

violência é “sofrida” por mulheres, o poder é “exercido” pelos homens”. Lucena (2020) discorre sobre três tipologias dessa modalidade de homicídio:

- I. Femicídio íntimo: ação cometida por homens que a vítima tenha relação íntima, familiar, convivência ou semelhantes;
- II. Femicídio não íntimo: ação cometida por alguém que a vítima não tenha relação, sendo frequentemente vinculado com assalto sexual;
- III. Femicídio por conexão: ação cometida pela presença em um contexto hostil, como casos de mulheres que intervêm numa situação de violência a outra(s) mulher(s) e acabam se tornando alvos da ação feminicida.

Portanto, cabe a reflexão sobre a possibilidade de acesso ao meio urbano na vivência feminina, sendo aqui, majoritariamente reflexões pautadas em vivências de pessoas cisgênero, tendo a seguir a discussão sobre direitos, lutas e problemáticas sociais no meio urbano conforme a vivência de travestis, pessoas trans e não-binárias.

2.4. ANDAR EM PAZ: VIVÊNCIA DA POPULAÇÃO TRANS E TRAVESTI

“E não posso ser eu uma mulher?” Nascimento (2021, p.17) inicia seu livro, *Transfeminismo*, com uma paráfrase ao discurso histórico proferido em 1851 por Sojourner Truth⁸, ao alertar sobre o reconhecimento das mulheres negras como pessoas. Enquanto isso, a autora reconfigura o discurso para a reflexão sobre a vivência de travestis e mulheres trans, inserindo o aspecto de possibilidade como ponto central para determinação de quem pode ou não ser mulher.

Koyama (2001) destaca que “trans” é um termo guarda-chuva, que pode ser utilizado para representar uma diversa gama de expressividades, abrangendo pessoas em que o sexo biológico não condiz com a identidade ou expressão de gênero. Essa relação é reafirmada por Nascimento (2021) ao apontar que a terminologia trans engloba: pessoas transexuais, homens e mulheres transgêneros, pessoas transmasculines, transfeminines e não binárias. Além disso, pontua que qualquer um que não se encaixe no padrão cisnormativo, tendo uma expressão que

⁸ Sojourner Truth (1797 – 26 de novembro de 1883) foi o nome adotado, a partir de 1843, por Isabella Baumfree, uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos da mulher que foi revolucionária ao incitar a reflexão sobre a invisibilização das mulheres negras dentro da luta feminista.

extrapole as expectativas sociais pautadas na divisão sexual da sociedade é uma pessoa trans.

Ferreira (2018) destaca o termo *queer*, como outro guarda-chuva conceitual que abrange expressividades diversas. Surgiu como um termo pejorativo que denotava a algo estranho ou esquisito, sendo utilizado inicialmente para hostilização de homossexuais. No entanto, passou por uma ressignificação, por parte da comunidade LGBTQIAP+, e hoje integra a sigla do movimento — representado pela letra Q — englobando tanto pessoas que não se encaixam no padrão da heterossexualidade, como também em expressões cisgêneras.

Nascimento (2021) afirma que, embora a expressividade de gênero “travesti” esteja englobada no universo trans, a sua afirmação fora do termo guarda-chuva reflete uma ação política ao dar espaço de visibilidade a uma identidade tão marginalizada. Além disso, ser travesti não caracteriza diferença conceitual com relação a mulher trans, no entanto, carrega uma força política de autoafirmação e de reação à marginalização sistemática vivenciada por essa parcela da população.

Ambas identidades partem da incongruência entre a designação de gênero como homens, para pessoas que nascem no sexo biológico masculino, mas que no desenvolver social, performem o gênero feminino. No entanto, a primeira sempre foi vinculada, no imaginário social, ao contexto da prostituição e marginalização, tornando a autoafirmação como travesti uma reação política (FERREIRA, 2018; NASCIMENTO, 2021).

Além disso, a identidade travesti pode ser abordada segundo uma ótica de originalidade de gênero. Visto que, pessoas que se percebem nessa expressividade podem não se identificar com o binarismo, configurando a construção de uma “terceira possibilidade”: masculino, feminino e travesti. Essa percepção é reforçada pelo contexto sócio-geográfico, uma vez que, a identidade travesti é originária da América Central e do Sul, não tendo “traduções” para outras culturas (Ibid).

Jesus (2013) descreve o conceito de identidade de gênero como um produto individual ante à uma construção coletiva e social, possibilitando a identificação como homem, mulher, expressões não-binárias e outras, além de gerar reconhecimento como parte de um grupo. Ou seja, Beauvoir (1970) já abordava que

o gênero de um indivíduo é construído a partir de suas experiências, convívios e expectativas ao ser inserido num meio coletivo, por isso destaca que, ao longo da vida, se passa por um processo de tornar-se mulher. Afinal, ao nascer no sexo feminino, lhe será designado uma série de convenções sociais sobre como agir, interagir, se vestir, entre outras; assim construindo o imaginário para o papel de gênero em cada sociedade.

Desse modo, o gênero pode ser entendido tanto por uma performance, quanto por uma construção, pois é algo trabalhado gradativamente, variando o papel e características com base no contexto social, geográfico e cultural. Jesus e Alves (2012) destacam que o sexo, por sua vez, é a definição trazida diretamente pelos aspectos biológicos do indivíduo, como a configuração cromossômica.

Ao compreender “que não somos naturalmente generificados, mas que é um processo de produção de nós, de nossos gêneros, de nossos corpos” (NASCIMENTO, 2021, p.19) abrimos espaço para a discussão da estruturação do sistema de opressão cissexista. Visto que, ao encaixar a identidade cis como padrão social, ela é tida como o natural, como algo que não é também uma produção/constructo. Além disso, ao defini-la como normal, há, em consequência, a determinação de identidades trans como anormais e/ou patológicas (Ibid).

Ribeiro (2018) afirma que como ser mulher é uma construção, uma performance de gênero, independente de ser cis ou trans a identidade deve ser reconhecida como tal, não havendo motivos para a exclusão de mulheres trans e travestis das articulações feministas. Afinal, não se prioriza uma opressão, dado que elas são vivenciadas simultaneamente, por isso o pensamento de rompimento das estruturas engendradas deve ser diverso, integrativo e interseccional.

O “outro” para Beauvoir (1970) denota a construção do espaço social das mulheres em decorrência do seu não reconhecimento para o com o homem. Assim, inserindo-as como um grupo estranho para a sociedade, visto que não são o sujeito ideal e, por isso, vivenciam um não lugar social. Nascimento (2021) apud Kilomba (2019) inserem o conceito beauvoiriano numa percepção interseccional ao falarem sobre a falta de *locus social* usando mulheres negras como referência. Visto que, elas não se reconhecerão em homens negros, em decorrência da opressão sexista,

como também nas mulheres brancas em decorrência do racismo. Sendo assim, existindo num não lugar social descrito como o outro do outro.

Essa percepção cabe também para a vivência de pessoas trans, uma vez que não ocuparão o mesmo espaço social por sua identidade de gênero com o não reconhecimento de suas expressões em decorrência do cissexismo. Além disso, “é necessário destacar que, na verdade, [nós, pessoas trans] não gozamos muitas vezes nem do status de humanidade” (NASCIMENTO, 2021, p.48, grifo meu).

O processo de desumanização de pessoas trans pode ser exemplificado com a quantidade de casos de violência com requintes de crueldade. Em seu recente dossiê da violência, a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais do Brasil (ANTRA, 2022) destaca que a expectativa de vida da população trans no Brasil é de aproximadamente 35 anos, tendo tendência de redução. Essa previsão está diretamente relacionada com casos de homicídios contra pessoas trans cada vez mais jovens. Entre 2017 e 2018 a vítima mais nova tinha 16 anos, passando a 15 em 2019 e, por fim, 13 em 2021; assim evidenciando uma sistematização de desestruturação violenta da juventude trans (Ibid).

Koyama (2001) destaca que mulheres trans são alvos do sexismo, no entanto existem alguns fatores que as colocam em maior vulnerabilidade no que tange a violência sexual e doméstica. Exemplificando que, em situações de assalto sexual, o agressor ao descobrir que a vítima tem ou tinha uma anatomia “masculina”, tende a intensificar a violência, motivado por transfobia. Ademais, pessoas trans são alvos por serem *queers*, uma vez que agressores ao cometerem crimes de ódio não tenderão a discernir o alvo da hostilidade, no que tange a expressão de gênero e sexualidade, mas pessoas trans estão propensas a estar em maior vulnerabilidade por não poderem “esconder” suas características (Ibid).

Além disso, há uma precarização da possibilidade de acesso aos dados sobre a violência contra LGBTQIAP+, que dificulta o processo de luta por políticas públicas. Segundo Cerqueira et al. (2021) há uma necessidade de sistematização e publicidade de dados da violência contra esse grupo. Os autores ainda destacam que essa problemática persiste na atualidade, apontando que na proposta de censo demográfico de 2022 não teriam perguntas sobre orientação sexual e identidade de

gênero que auxiliam no mapeamento da distribuição da população LGBTQIAP +, como também não há indícios de iniciativas governamentais voltadas à melhora com relação à obtenção de dados. Enquanto isso, a população trans segue sendo vítima de hostilização, evidenciando um descaso estrutural.

2.4.1. *O movimento transfeminista: princípios e público alvo*

Koyama (2001) descreve, no manifesto transfeminista, que a definição do movimento extrapola a vivência de mulheres trans, podendo entendê-lo como um esforço que luta pela liberdade e segurança de pessoas intersexo, não binárias, homens trans e outras identidades/expressões de gênero. Destaca também os pilares que fundamentam as lutas do movimento:

- I. Autodefinição: referente à luta pelo direito individual de definição da própria identidade e que ela seja respeitada;
- II. Segurança: referente ao direito da liberdade de expressar seu gênero sem ter medo de discriminação ou violência;
- III. Autonomia: referente ao poder de decisão sobre o próprio corpo, sem que haja intervenção política, médica, religiosa ou semelhantes sobre procedimentos cirúrgicos e/ou medicamentosos que determinem ou condicionem a possibilidade da afirmação de gênero.

Jesus (2013) destaca outras demandas de luta do movimento, dentre eles o reconhecimento histórico da participação ativa de travestis e transsexuais, além da visibilidade de suas vivências como elementos fundamentais para entendimento do feminismo; a reiteração do debate da interseccionalidade das opressões e a correção da equiparação entre gênero e sexo biológico. Já Alves (2012), além dos pontos anteriores, destaca a demanda por:

- I. Direitos reprodutivos: refere-se ao direito de gestação segura para homens trans, também do combate à esterilização forçada de mulheres trans e travestis, entre outras práticas hostis;
- II. Desconstrução de identidades binárias: refere-se à quebra do paradigma de apenas existirem masculino e feminino como possíveis expressões;
- III. Corpo positividade e empoderamento: refere-se à crítica ao sistema médico-jurídico que passivamente impulsiona procedimentos cirúrgicos.

Também é referente ao bem-estar com o corpo referente à quebra dos padrões estéticos e da relação gênero x genitália;

- IV. Terminologia: refere-se à alteração de termos que denotam características negativas, como a troca de transsexualismo (que utiliza sufixo de doença) por transexualidade, entre outras trocas etimológicas.

Por fim, é evidente que a população trans em toda a sua diversidade de óticas, corpos e conhecimentos é um grupo social em alta vulnerabilidade e que destaca sua demanda por melhorias sociais e políticas. Ademais, para a ampliação da perceptividade de vivências estruturais de opressão e segregação, há a discussão sobre os impactos do racismo na sociedade. Permitindo assim uma avaliação dos pontos de inflexão que relacionem as violências de gênero e etnia.

2.5. A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: TODAS AS VIDAS TÊM O MESMO VALOR?

“Desceu e olhou para os lados, sabia que precisaria correr [...] porém se perguntou se seria seguro” (NÓBREGA, 2021, p.91). Embora a reflexão feita por Victor, personagem da obra *Violeta*, seja de uma narrativa ficcional, ela é pautada na vivência real de pessoas negras e seu constante receio de uma má interpretação de suas ações, principalmente no meio urbano e coletivo.

Almeida (2021) destaca que o racismo é um fenômeno essencialmente estrutural, ou seja, é um processo intrinsecamente conectado com as engrenagens econômicas, políticas, sociais e culturais da sociedade. Não obstante, ainda terá impacto direto na manutenção dos sistemas de desigualdade e violência que servem como fundamentos para a composição da vida coletiva. Além disso, segundo Ribeiro (2019), ele é um sistema que nega direitos, extrapolando a barreira do “eu”, visto que é oriundo de uma escala coletiva.

O racismo também pode ser entendido como um sistema que utiliza o princípio racial como fundamento para a discriminação. Podendo ser exemplificado através de práticas diretas ou indiretas que geram uma dicotomia na vida, criando um polo que detém privilégios, enquanto o outro será direcionado a um posto com desvantagens políticas, econômicas e sociais (ALMEIDA, 2021). E, estar nos extremos desses polos, significa ter vantagens ou prejuízos, independente ao

desejo individual de repúdio ou afinidade pelo sistema hierárquico racista (DEVULSKY, 2021).

A ideia de raça é descrita por Almeida (2021) como um conceito sempre relacionado ao desejo por classificação que, inicialmente, foi utilizado com animais e plantas, passando aos humanos como um modo de definição de dominância. Moreira (2020), por sua vez, destaca que a raça é fruto da construção social e coletiva, pautada no desejo de hierarquização que utiliza aspectos físicos, culturais e sociais como referência.

Por isso, ao “construir minorias raciais como grupos com traços morais específicos, membros do grupo racial dominante podem justificar um sistema de dominação que procura garantir a permanência de oportunidades sociais em suas mãos” (MOREIRA, 2020, p.41). Essa reflexão é reafirmada por Almeida (2021), quando o autor exemplifica a conexão entre o desenvolvimento do renascimento e a expansão comercial burguesa com a universalização do homem branco europeu como referência para o ideal. Assim, colocando todos os outros grupos sociais e culturais como pertencentes a um patamar menos desenvolvido.

Afinal, sempre haverá algum tipo de dominação e controle, retenção de poder e decisão por trás da definição de raças e pelo conflito entre grupos sociais. Assim remontando ao processo de consolidação política e econômica de sociedades contemporâneas, principalmente nas lógicas de escravização e genocídio (Ibid).

O racismo tem diversos desmembramentos e linhas de atuação, servindo para um apagamento sistemático das colaborações culturais, técnicas, artísticas e de outros campos, por parte de grupos raciais que fujam ao padrão dominante, ou seja, a população não-branca. Devulsky (2021) denuncia sobre o quanto de atraso, em diversos campos do conhecimento, tem vinculação com a destruição de vidas negras, como também das barreiras sociais impostas que dificultam a mobilidade e acesso à educação, saúde e outros direitos básicos.

Berth (2020) relaciona que a quebra desse paradigma parte, inicialmente, de dar o espaço necessário de articulação e visibilidade para os intelectuais pertencentes aos grupos diretamente afetados pelos sistemas de controle e

hierarquização. Visto que, com a integração entre teoria e vivência, o grupo poderá lidar com ações mais possíveis de desencadeamento de mudanças positivas.

Na perceptividade intelectual, Almeida (2021) destaca o impacto dessa centralização hegemônica do homem branco europeu, pois, em consequência, pessoas de outras regiões e culturas passaram por um processo de bestialização. Graças a esse posto de controle e a universalização da hegemonia durante a colonização, as pessoas brancas tornaram-se os parâmetros de representação do ideal para os seres humanos (MOREIRA, 2020).

Nesse contexto, nasce a ideologia antropológica da dicotomia entre quem é civilizado e quem é selvagem, com a expansão futura para quais são os grupos desenvolvidos e quais são os primitivos. Tornando o ideal de levar a civilização uma motivação torpe para o tráfico humano e exploração desenfreada com o genocídio negro e indígena (ALMEIDA, 2021; DEVULSKY, 2021).

2.6. A estrutura da exclusão: o racismo e suas nuances

Berth (2020) destaca a impossibilidade de compor um pensamento crítico que seja abrangente, independente de qual seja a área do conhecimento, caso se negue os apagamentos e exclusões ao longo da história. Uma vez que a sociedade é marcada pela exploração e segregação, pessoas de diferentes grupos vão ter, obrigatoriamente, lógicas diferentes de vivência coletiva, para isso a autora destaca o urbanismo daltônico como exemplo, situando o planejamento urbano que desconsidera as mazelas sociais, as práticas eugenistas e outras válvulas de desigualdades sociais.

A complexidade do racismo se dá pelo seu enraizamento na estrutura social, fugindo ao controle de decisão individual. Nesse contexto, Almeida (2021) destaca pontos centrais sobre práticas racistas e suas nuances numa lógica estrutural e institucional:

- I. O preconceito racial: é aquele que, baseado em estereótipos, julga as possíveis ações de determinado grupo racializado, podendo ou não resultar em práticas de segregação e discriminação de modo direto;

II. A discriminação: é caracterizada pelo tratamento diferenciado com base na raça de um indivíduo. É um fenômeno que se relaciona intimamente com o controle e o poder, podendo atribuir vantagens ou desvantagens com base na hierarquização socio-racial;

A. Quando o racismo é materializado pela discriminação é destacado seu impacto sistêmico, visto que não é vinculado unicamente aos atos individuais ou de pequenos coletivos. É direcionado aos processos de subalternidade e privilégio em larga escala nos âmbitos políticos, econômicos e de vida urbana. No entanto, pensar o racismo como um produto coletivo não isenta, individualmente, práticas de segregação.

Devulsky (2021, p.19) destaca um subproduto da composição racista, descrevendo o colorismo como um processo que é realizado “por brancos sobre negros e por negros sobre negros”, ao refletir sobre as diferentes tonalidades de pele e variabilidade entre a vivência de pessoas negras de pele clara e escura. Para a autora, o colorismo é um fenômeno que estipula a possibilidade de ser negro e ter vivência com algum nível de segurança em decorrência de uma maior proximidade de características físicas brancas.

Devulsky (2021) ainda escreve que, no Brasil, a gradação racial entre pessoas negras com peles claras ou escuras, foi mantida como uma possibilidade de dificultar as relações entre os grupos, possibilitando a reprodução da hostilidade entre os próprios pertencentes ao grupo oprimido. Uma vez que “o colorismo, portanto, é uma criação do branco, e não do negro, no que tange a sua instrumentalização para organizar os espaços [...] e disciplinar quem tem e quem não tem acesso ao capital cultural” (DEVULSKY, 2021, p. 53).

No entendimento institucional do racismo, é destacável que ele parte da das esferas de poder e decisão, como já abordado anteriormente. Visto que, como o controle está, majoritariamente, na mão de homens brancos é caracterizada uma espécie de hegemonia para manter ativos os interesses políticos e econômicos. Essa condição de dominação pode ser entendida como um processo de supremacia, uma vez que o controle não está vinculado apenas ao poder bruto da força, mas também aos campos teórico, político e ideológico (ALMEIDA, 2021).

Esse controle impacta diretamente na qualidade de vida da população, visto que, historicamente, grupos socialmente excluídos são atores da produção do

espaço urbano em ambiências periféricas e com baixa infraestrutura. Assim, gerando impactos em elementos como o acesso à educação, saúde, sistema de saneamento básico, infraestrutura urbana e outros (CORRÊA, 1995).

Há ainda uma constante a ser discutida, também fruto da instauração estrutural do racismo: a permanente sensação de insegurança. Ela está vinculada com a violência urbana racista, muitas vezes condicionada a uma abordagem policial agressiva. Nesse contexto, DaMatta (2001, p.21) pontua que “na rua não se deve brincar com quem representa a ordem, pois naquele espaço se corre o grave risco de ser confundido com quem é “ninguem”. E entre ser alguém e ser ninguém, há um mundo no caso brasileiro” como uma alusão ao receio da violência.

Lucena (2020) reflete sobre esse processo, comparando-o com a lógica de controle social trazida pela escravidão, apontando o encarceramento em massa e a cumplicidade do Estado pelo genocídio negro como táticas que mantêm as estruturas de poder, perpetuadas pela força bruta e institucional combinadas.

2.7. Genocídio negro e a nova roupagem do controle racial

O conceito do genocídio negro é abordado como a naturalização da extrema violência que populações inteiras são submetidas. Tendo, como exemplos, a morte de crianças e jovens, áreas em condições precárias para viver, baixo acesso a sistemas de educação e saúde, entre outros (ALMEIDA, 2021).

A violência contra a população negra é apontada como um produto de uma variabilidade de problemáticas, dentre elas a guerra às drogas. Essa entra como uma legitimação da ação hostil do Estado, sendo um discurso que na sociedade brasileira, forneceu subsídio para naturalização da violência contra corpos negros (BORGES, 2021). A guerra às drogas está diretamente vinculada à lei nº 11.343 (BRASIL, 2006), que instaura todo o conjunto de definições sobre o que é o tráfico e como o Estado se posicionará perante as problemáticas das drogas; no entanto, tornou-se uma política de legitimação para o encarceramento em massa, que atinge, em especial, os grupos socialmente marginalizados.

Lucena (2020) destaca que a excessividade de prisões tornou-se um dos principais mecanismos de contenção de classes marginalizadas, dificultando sua

mobilidade social, como também aumentando, no imaginário popular, a naturalização dos estereótipos racistas. Sendo assim, junto ao extermínio em massa da juventude negra, tornaram-se as principais “táticas racistas no atual contexto, que substituem a escravidão como método de neutralização das pessoas de herança africana” (Ibid, p.22)

O vínculo entre a guerra às drogas, genocídio negro e racismo é apontado por Borges (2021). A autora destaca que 64% da população prisional, em 2017, era composta por pessoas negras, além disso, 53% da população brasileira é do mesmo grupo, ou seja, no Brasil dois em cada três presos são negros. E esse processo segue com uma superpopulação de crescimento exorbitante, visto que em 1990, a população prisional brasileira era de aproximadamente 90 mil pessoas, chegando a 726 mil em 2017, configurando um aumento de 707%.

O aumento vertiginoso acontece exatamente após a aprovação da lei das drogas em 2006, visto que, entre 1990 e 2005 o crescimento da população prisional foi de aproximadamente 270 mil pessoas em 15 anos, mas entre 2006 e 2016 o aumento foi de 300 mil (Ibid).

Por fim, é evidente a importância das discussões que integrem as diferentes vivências de grupos socialmente minorizados, visto que “em um mundo em que a raça [ou gênero] define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo” (ALMEIDA, 2021, p.57, grifo meu).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. ETAPAS DA PESQUISA

Para alcançar os objetivos, a estrutura metodológica do trabalho seguiu organizada nas seguintes etapas: revisão bibliográfica sistemática, síntese da informação, diagnósticos e análise relacional, conforme detalhado a seguir:

- I. Revisão bibliográfica sistemática: consistiu na leitura exploratória para entendimento de temáticas como: hostilidade urbana, grupos sociais, concentração de poder, estruturas de segregação e temas semelhantes. Essa leitura foi realizada na produção teórica contemporânea e histórica, considerando uma visão interdisciplinar com áreas de conhecimento diversas, englobando arquitetura e urbanismo, geografia, política, filosofia, sociologia, antropologia, direito, história e jornalismo;
 - A. Para dar subsídio a esta etapa, foram utilizados como referências os seguintes modelos de publicação técnica e teórica: livros, legislações, manuais técnicos, manifestos, cartilhas, artigos de periódicos e congressos, trabalhos finais de graduação e dissertações;
 - B. Também foram considerados levantamentos produzidos por órgãos como o IPEA, IBGE, ANTRA, TGEU, OMS entre outros, para obtenção de dados quantitativos sobre problemáticas da violência e temas semelhantes. Para bases documentais foram consultados os repositórios da PMJP (Prefeitura Municipal de João Pessoa), SEMOB e outros órgãos municipais.
- II. Síntese da informação: consistiu na organização e filtragem dos dados e produções teóricas que seriam direcionados ao embasamento da pesquisa após a revisão sistemática. Também foi destinada à consideração de quais abordagens metodológicas seriam utilizadas para o entendimento da problemática da hostilidade no recorte geográfico, definindo que seriam:
 - A. Para atributos da forma: leitura espacial através da decomposição sistêmica baseada em Coelho et al. (2013); da *spacematrix* baseada na obra de Berghauser Pont e Haupt (2009); da classificação morfológica de interfaces relacionando à Dias (2019) e Magnoli (2006), da caracterização de espaços de lazer e infraestrutura de paradas de ônibus, e da caracterização de ocupação exemplificada através de mapas de figura-fundo (mapas noli);
 - B. Para atributos sociais: avaliação fenomenológica da hostilidade através construção de um questionário e observação de fluxos baseados no método de contagem de portais de Vaughan (2001);

- C. Para atributos do geoprocessamento: leitura dos padrões de hostilidade através da densidade Kernel, com lógica de aplicação semelhante ao exemplificado por Rizzatti et al (2020) em seu estudo de caso.
- III. Diagnósticos: etapa destinada à leitura socioespacial do recorte geográfico buscando entender como são os atributos físicos e sociais das zonas com maior concentração de experiências hostis. Sendo assim, foi uma etapa subdividida em três etapas: físico, social e geoprocessado.
 - A. Diagnóstico físico: aplicação dos métodos de leitura e decomposição urbanas apresentados nesta seção (método). Também consistiu na criação de um recorte secundário dentro da zona de estudo, objetivando a possibilidade de avaliação mais detalhada. Essa ampliação foi definida em decorrência da vastidão territorial e possibilidade temporal de estudos, vinculados à produção do trabalho de conclusão de curso.
 - B. Diagnóstico social: discussão sobre os resultados de cada etapa constituinte do questionário, como também do método de contagem.
 - C. Diagnóstico geoprocessado: referente ao destaque de todos os padrões de hostilidade mapeados, reflexões sobre as zonas críticas e métricas territoriais.
- IV. Análise relacional: destinada à leitura integrada entre os atributos físicos, sociais e geoprocessados para um entendimento das condicionantes que tenham relação com a hostilidade. Destinado também à articulação entre os resultados com as reflexões inicialmente trazidas no aporte teórico, como também das considerações finais e finalização do trabalho escrito.

3.2. MÉTODOS DE LEITURA DOS ATRIBUTOS SOCIAIS

Para o entendimento do fenômeno da hostilidade urbana foi desenvolvido um questionário evolutivo (Ver apêndice A). Ou seja, a depender das respostas do(a) participante, a aplicação seria encerrada automaticamente, conforme a necessidade. A estrutura do questionário estava organizada em:

- I. TCLE: explicação do aspecto geral da pesquisa, seus objetivos, metodologias, impacto social e possibilidade de riscos, conforme o padrão apresentado ao Comitê de Ética - CCS/UFPB. Havendo também o espaço para concordar e prosseguir com a pesquisa ou rejeitá-la e encerrar a participação;
- II. Perfil social: destinado ao entendimento sobre gênero, etnia, faixa etária, orientação sexual, vivência no recorte de estudo, entre outras características;

- III. Percepção sobre segurança: destinado ao entendimento sobre como é a relação do usuário e a sensação de segurança no meio urbano, elencando elementos que aumentem ou diminuam o medo, sobre segurança na locomoção a pé durante a noite, entre outras questões.
 - A. Como o questionário é evolutivo, ou seja, sua extensão está diretamente vinculada às respostas, nessa seção há a pergunta sobre já ter passado por hostilidade urbana, encerrando o questionário caso seja uma negativa e seguindo para a próxima etapa com uma resposta positiva.
- IV. Vivências com a hostilidade urbana: espaço destinado para que o(a) voluntário(a) demarcasse suas experiências de acordo com as tipologias presentes (comportamental, verbal, física e patrimonial), classificando uma intensidade, variando na escala de nunca (0), raramente (1), às vezes (2) e frequentemente (3). Também era possível destacar o turno com a hostilidade.
 - A. Nessa seção também havia uma pergunta que poderia finalizar a participação, visto que indagava se as experiências foram no recorte estudado. Com uma negativa o questionário seria encerrado, caso fosse positiva seguia para a próxima etapa.
- V. Localização de hostilidade: consiste na etapa final do questionário, destinada ao destaque de onde as experiências foram vivenciadas. Cada bairro era apresentado individualmente através de cartografias com marcos de referência (mercados, praças, escolas, shoppings e afins), facilitando a localização das pessoas e havendo a disponibilidade de seleção dos setores.

Conforme veiculado ao comitê de ética CCS/UFPB, para este trabalho tinha-se a expectativa de obtenção de 1800 respostas como amostragem dos grupos, dividindo-a em partes iguais com base em gênero e etnia pelo caráter interseccional da avaliação. Esse valor é consequência da mesma lógica das pesquisas de opinião de escalas nacionais, considerando uma parcela pequena de pessoas, mas representativa para o recorte.

Para tal, foi levada em consideração a quantidade habitantes em 2010 (quadro 01), visto que não há dados mais recentes pelo déficit do processo censitário, em que a população dos bairros estudados era aproximadamente 22% da cidade. Mantendo a mesma proporção, mas considerando as estimativas do IBGE⁹ para o crescimento populacional atual, João Pessoa tende a ter 825.796

⁹ Os valores referentes são apresentados no portal IBGE cidades referentes à população em 2010 e com a previsão de crescimento atual.

habitantes, sendo assim o recorte detém a tendência de 181.675 moradores. Ou seja, com 1800 respostas, a amostra seria referente a aproximadamente 1% da população do recorte.

Quadro 01. Distribuição territorial com base na PMJP (2021) e residentes nos bairros estudados (IBGE, 2011), com base no SIDRA.

Bairros	Área (ha)	População residente
Água Fria	157,7	6269
Anatólia	17,2	387
Bancários	218,9	11863
Castelo Branco	364,4	11642
Cidade dos Colibris	108,4	4095
Jardim Cidade Universitária	242,4	21425
Jardim São Paulo	38,4	4550
José Américo	255,7	16269
Mangabeira	1044,2	75988
Total	2447,3	153263

Fonte: Adaptado de PMJP (2021); SIDRA (IBGE, 2011).

Além disso, também é proposta a contagem de portais conforme descrito por Vaughan (2001), possibilitando um entendimento geral sobre como são os fluxos de pessoas e a sua proporção entre grupos. Além disso, objetiva destacar as tendências de movimentação do público avaliado e áreas de concentração de grupos sociais dentro do recorte.

Esta avaliação consiste na demarcação de “portais” em pontos estratégicos dentro do recorte, com uma faixa temporal pré-determinada, em que todos os passantes serão contabilizados conforme seus grupos. No caso deste trabalho é proposto a diferenciação encaixada nos nichos de gênero e etnia, conforme os registros de visita (APÊNDICE B).

3.3. MÉTODOS DE LEITURA DOS ATRIBUTOS FÍSICOS

Para a avaliação da qualidade morfológica do recorte foram selecionados dois métodos que permitem uma perceptividade sobre as características de composição urbana. Inicialmente com a leitura do tecido, traçado, quadras e parcelamento do solo baseado na análise de Coelho et al. (2013). E posteriormente a avaliação do perfil genérico de ocupação, refletindo sobre a relação entre aspectos como densidade e espaços abertos (BERGHAUSER PONT; HAUPT, 2009).

Para Coelho et al. (2013) a leitura do meio urbano pode ser decomposta em elementos representativos que fornecem o entendimento e potencial da forma. Para tal, há dois níveis de avaliação:

- I. Decomposição sistêmica: é pautada na leitura geral de um recorte urbano, sendo através dela que se tem a noção mais detalhada a respeito das proporções entre espaços passíveis de edificação, espaços de circulação e a própria dinâmica física da cidade. Nesta etapa são destacados quatro pontos principais;
 - A. Tecido urbano: composto pela leitura bi ou tridimensional do recorte, trazendo a informação com fotografias áreas e/ou imagens de satélite;
 - B. Malha viária: composta pela leitura bidimensional com o destaque dos espaços de circulação, evidenciando a sua integração ou a falta desta;
 - C. Quadras: composta pela leitura bidimensional com o destaque para a primeira escala de aproximação no que diz respeito aos espaços de permanência, servindo como base para a análise da composição das quadras, suas proporções e afins;
 - D. Parcelamento: composto pela leitura bidimensional com o destaque para a segunda escala de aproximação, servindo como base para a análise da distribuição de lotes, suas proporções e padrões.
- II. Decomposição elementar: pautada numa avaliação mais detalhada e aproximada, sendo realizada após a leitura sistêmica. Consiste na leitura de elementos específicos que participam da vivência urbana. Nela são avaliados os padrões de edificações (comparando-os entre comuns e singulares), as praças, o perfil de rua e de loteamento. No entanto, dada a lógica deste trabalho com uma zona de estudo vasta, a decomposição elementar não será realizada.

Outra avaliação realizada sobre a qualidade morfológica será a definição tipológica das interfaces de comunicação. Tal abordagem parte da relação entre o meio arquitetônico e urbano, neste caso avaliando como se dá a interação, no espaço de transição, entre a massa edificada e a rua. Ou seja, com base na permeabilidade das interfaces, elas foram definidas nos seguintes grupos:

- I. Interfaces de permeabilidade física: são aquelas que possibilitam o acesso do transeunte ao meio arquitetônico, porém sem comunicação visual. Podem ser representadas por áreas muradas, sem elementos de transparência, mas com portões que possibilitam o acesso.
- II. Interfaces de permeabilidade visual: são aquelas que não permitem o acesso físico, porém há uma comunicação visual. Podem ser representadas por muros baixos, gradis e elementos semelhantes.
- III. Interfaces de permeabilidade mista: são as que combinam permeabilidade física e visual.
- IV. Interfaces sem permeabilidade: são aquelas que não permitem qualquer tipo de conexão com o meio urbano, sendo representadas por muros altos sem aberturas, cercas vivas com alta densidade e altura, entre outros.
- V. Sem interface.

Essa definição é relacionada à reflexão de contiguidade trazida por Magnoli (2006), tendo também conexões com o estudo realizado por Dias (2019) e sua classificação de muros e fachadas em seu estudo de caso.

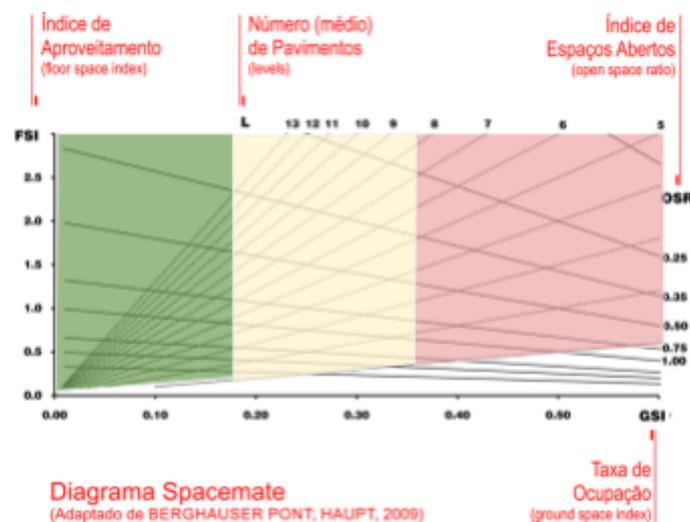
Partindo para a leitura do perfil de ocupação, destacando também a lógica média da densidade do recorte, é proposta uma leitura através da *spacematrix* desenvolvida por Berghauser Pont e Haupt (2009). Ela pode ser entendida como um mecanismo diagramático que integra diferentes elementos da produção arquitetônica, possibilitando assim o entendimento do perfil de ocupação desenvolvido em determinada área. E sua aplicação, neste trabalho, é relacionada ao apontamento dos perfis de ocupação na zona mais crítica de hostilidade, evidenciando a articulação entre a forma arquitetônica e como essa pode impactar na vivência urbana.

A matriz (figura 02) combina, simultaneamente, a taxa de ocupação, o índice de aproveitamento, o índice de espaços abertos e a quantidade média de

pavimentos. Deste modo, com base na localização gerada dentro do diagrama, é destacável o perfil genérico da ocupação do recorte estudado. A caracterização de tal perfil também pode ser entendida como tendências:

- I. Quanto mais próximo ao canto inferior esquerdo maior a tendência de grandes espaços livres, podendo ser fruto de pouca quantidade de edificações. À medida que se desloca para o canto superior esquerdo, a tendência é de maior verticalização, no entanto, mantendo grandes áreas livres, resultando em muita área construída com pouca ocupação do lote e, conseqüentemente, maiores índices de densidade. Essa tipologia é marcada como a faixa verde na figura 2.
- II. Quanto mais próximo ao centro maior a tendência de equilíbrio entre ocupação, densidade e espaços livres. No entanto, também pode indicar a falta de um padrão recorrente. Desse modo, ela tanto pode representar áreas com ocupação de média verticalização (entre 4 e 6 pavimentos), como também, áreas mistas com lotes variando entre baixa e alta ocupação do solo, tendo na spacematrix uma representação da média geral. Essa tipologia é marcada como a faixa amarela na figura 2.
- III. Quanto mais próximo ao canto inferior direito maior a tendência de muita ocupação no lote, porém com pouca área construída, resultando em regiões com ocupação representativa de casas térreas. À medida que se direciona ao canto superior direito, tem-se a tendência de verticalização baixa-média (2 a 4 pavimentos), porém ainda tendo muita ocupação dos lotes. Essa tipologia é marcada como a faixa vermelha na figura 2.

Figura 02. Representação do diagrama com destaque para os indicadores utilizados.



Fonte: Saboya (2014) editado pelo autor (2022).

Com a combinação entre o entendimento da composição urbana e sua morfologia, do destaque para a distribuição das edificações por meio de mapas de figura/fundo, além da inserção no diagrama da *spacematrix*; espera-se uma apreensão integrada sobre forma urbana e arquitetônica. Além disso, também foram avaliados outros elementos urbanos para uma percepção mais generalista sobre o recorte, assim há o destaque para a hierarquia viária, lógica do transporte público, distribuição de parques e praças, usos e atividades do solo.

3.4. MÉTODO DE LEITURA GEOPROCESSADA

Como método final de avaliação do recorte há a aplicação da interpolação de densidade Kernel, que exemplifica a relação entre fenômeno e a distribuição territorial, considerando sua proporção. Ela quantifica as conexões da informação vetorial em pontos, incluindo um raio de influência, estimando os padrões de ligações e pesos proporcionais, gerando a densidade dentro da área estudada (RIZZATTI et al. 2020).

Assim, a interpolação de densidade Kernel permite a espacialização da disposição de pontos georreferenciados. Neste trabalho, a representação gráfica usada foi uma escala térmica em que cores quentes (vermelhos) indicam mais intensidade e cores frias (verdes), menores. Por isso, este método serve para o destaque de áreas com base na quantidade de pontos próximos, permitindo uma avaliação tanto quantitativa (através da informação vetorial georreferenciada) quanto qualitativa (pela escala térmica que representa o padrão gráfico).

Rizzatti et al. (2020) afirmam que a escolha do raio de influência é de grande importância para a interpolação de densidade Kernel, visto que, sua alteração pode gerar interpretações incongruentes a respeito do comportamento da densificação da variável avaliada. Neste trabalho foi definido um raio de quinhentos metros (500m) como referência, visto que a proposta é entender como se dá o comportamento do fenômeno de hostilidade dentro do recorte. Ou seja, caso fosse utilizado um raio com maiores dimensões, a avaliação tanto extrapolaria o limite territorial estudado, como geraria uma informação com maior distorção.

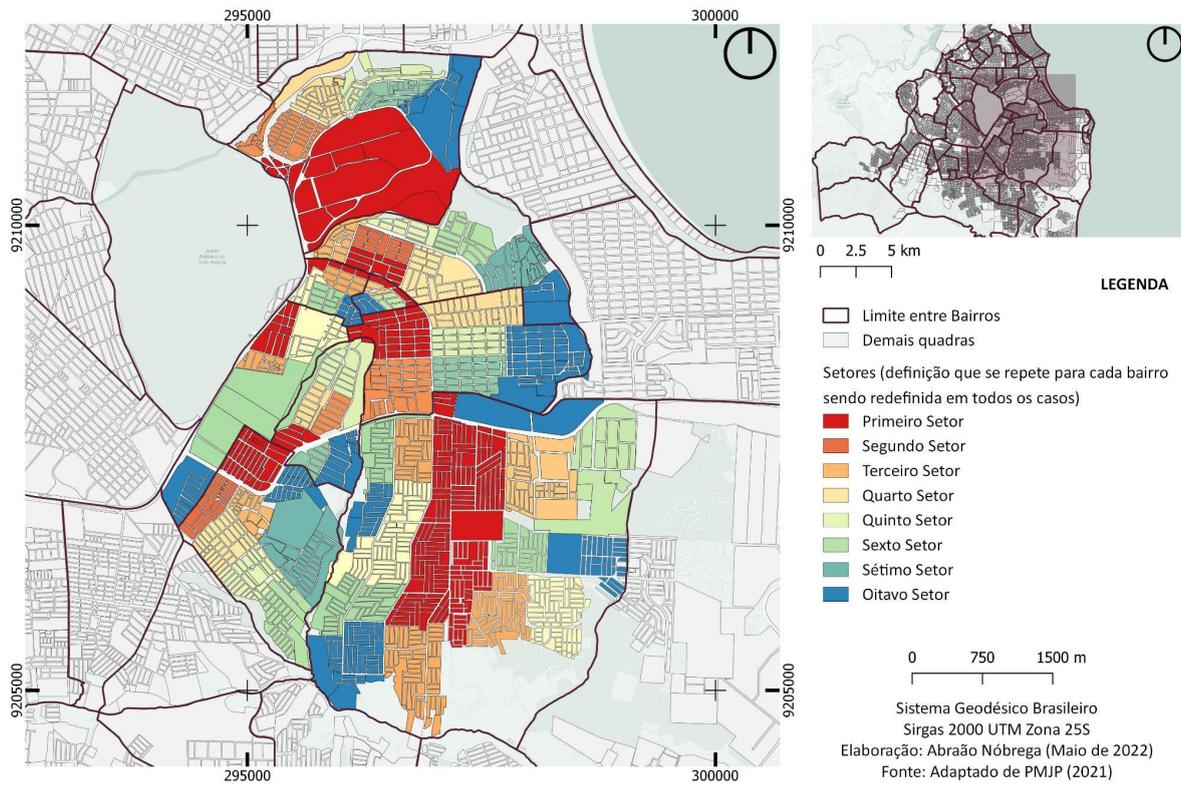
Essa distorção seria consequência da maior conexão entre os pontos, o que afetaria, em suma, as localidades mais próximas às bordas do recorte. Pois, à

medida que as experiências se aproximaram dos limites da zona estudada sua quantidade reduziu. E, aumentando o raio de avaliação, elas acabariam sendo influenciadas pelas conexões de pontos mais distantes. Por isso, o raio de quinhentos metros serve como uma referência equilibrada, destacando as regiões com maiores conexões, além de evidenciar a progressão de menor densidade à medida que se aproxima dos limites.

Para obtenção desse padrão, foi utilizada a forma quártica do interpolador, pois esta pondera maior peso para os pontos que estão mais próximos do que com relação aos distantes, tendo um decréscimo gradual (RIZZATTI et al., 2020). Após as definições sobre as estruturas para a interpolação, partiu-se para a espacialização do fenômeno através de informações vetoriais pontuais. Esse processo seguiu da seguinte maneira:

- I. No questionário, o(a) voluntário(a) ao destacar que já passou por hostilidade dentro do recorte seria direcionado a localizar suas experiências.
 - A. Essa disposição seria realizada não diretamente nos bairros, por se tratarem de regiões territoriais mais vastas. Sendo assim, foi desenvolvido um conjunto de setores para cada bairro, pois, desse modo, a precisão da localização de experiência passaria a ser relacionada a um conjunto de quadras. A criação dos setores foi baseada na própria disposição do traçado (figura 03), em que os quarteirões foram agrupados em conjuntos uniformes para distinção de marcos visuais que possibilitasse a localização dos(as) voluntários(as), assim permitindo a disposição de suas experiências em diversas especialidades dentro dos bairros.
- II. Com acesso à essa informação foi gerada uma planilha contendo as respostas. Através dela foram relacionados os setores e as quantidades de experiências hostis vivenciadas.
- III. Essa informação (quantidade de experiências por setor) foi direcionada para o Qgis 3.10, traduzindo a informação textual na espacialização de pontos.
- IV. Com o conjunto de pontos gerados o interpolador foi acionado, gerando o conjunto cartográfico que será abordado no diagnóstico.

Figura 03. Distribuição dos setores utilizados no questionário.



Fonte: Elaboração do autor.

4. DIAGNÓSTICO FÍSICO

4.1. O RECORTE E A DINÂMICA DO PLANEJAMENTO

A avaliação a seguir foi desenvolvida para o entendimento das características físicas do recorte, buscando relacionar atributos como as atividades do solo, infraestrutura de lazer, de transporte coletivo, interfaces e outras características; com as zonas potencialmente hostis. Deste modo, com base em levantamentos realizados e articulações com teóricos, foram avaliados os atributos físicos para subsidiar a discussão sobre as suas relações com a hostilidade no recorte.

Gonçalves e Castro (2019) lembram que o ato do planejamento urbano, representado pelo parcelamento do solo, pode ser considerado o primeiro ato para produção de uma cidade. Nesse contexto, a forma como será a expansão e as características futuras de sua paisagem, são frutos do modo de surgimento e implementação da fragmentação urbana. Negrão (2012), por sua vez, destaca como os modelos de expansão tem uma relação direta com a segregação.

A autora evidencia a dicotomia encontrada ao comparar os opostos em relação à classe, ou seja, evidenciando como pessoas de baixa renda vivenciam uma segregação imposta — muitas vezes por ações do próprio Estado — enquanto as parcelas mais abastadas passam por uma segregação autoimposta. Para tal, utiliza como referência, o processo de surgimento e implementação de alguns bairros da zona sul, a exemplo o Castelo Branco e Mangabeira, visto que esses detêm uma relação intrínseca com políticas habitacionais de baixa renda (Ibid).

A ocupação inicial dos bairros aqui estudados, em consequência do forte vínculo à políticas de habitação e conjuntos populacionais, são marcados por diferentes fases de expansão. Por isso, o traçado de suas quadras não segue uma lógica regular, tendo regiões com maior reticulação da malha, porém em outras há uma falta de uniformidade. Lamas (2004) afirma que a morfologia do parcelamento do solo é diretamente infundida na forma da cidade, visto que, a forma da quadra e, conseqüentemente do lote, condicionam a produção da arquitetura.

Perceber a lógica do tecido urbano não é uma atividade simples, para tal Coelho et al. (2013) conectam a decomposição com três escalas, assim permitindo uma avaliação mais coerente. A primeira é cidade, nela é feita a avaliação do tecido

e traçado. A segunda é a cidade pública, avaliando os espaços coletivos como praças e ruas. Por fim, a terceira é a cidade privada em que se avaliam o parcelamento do solo e o edifício. Nesse contexto, conforme a figura 04, ficam evidentes as características de composição do tecido e traçado do recorte estudado.

Figura 04. Tecido (à esquerda) e traçado (à direita) do recorte estudado.



Fonte: Elaboração própria (2022).

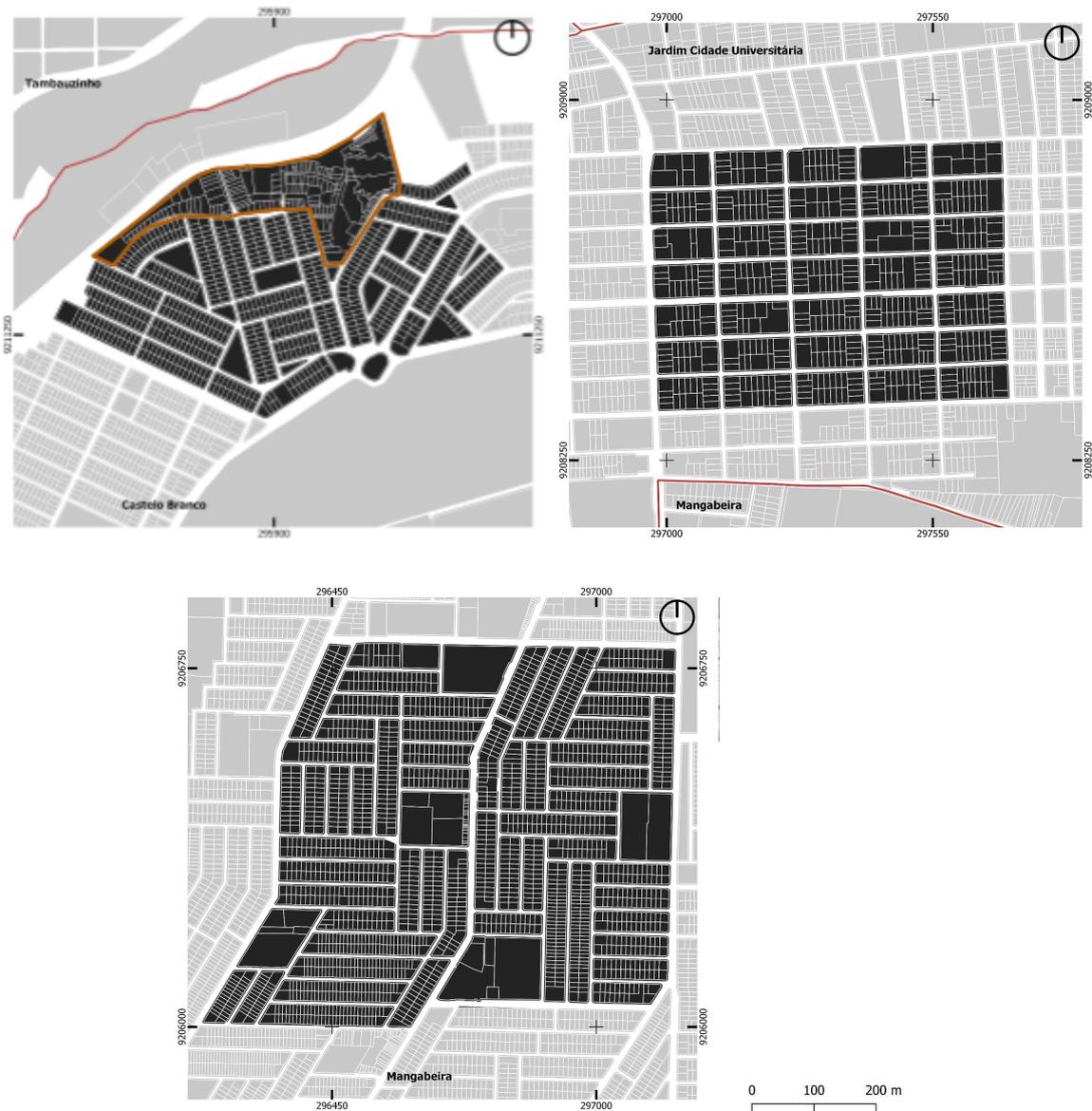
Discutir sobre o tecido é uma forma de refletir sobre a realidade da cidade, entendendo-a como uma matéria real e temporal, incluindo o destaque tanto das ambiências construídas quanto não edificadas, além de todos os outros elementos que compõem a cidade como as ruas, infraestruturas, espaços verdes, etc. (COELHO et al., 2013). No caso do recorte, fica em evidência a desproporcionalidade entre espaços verdes e construídos, em parte fruto de um processo de expansão com áreas de baixa densidade em decorrência da ocupação por edificações de baixa verticalização.

Partindo para a avaliação do traçado, há uma diversidade de padrões da composição urbana, resultado das diferentes épocas de expansão. Bairros como Castelo Branco apresentam uma adequação formal à composição inicial dos conjuntos habitacionais, gerando um traçado com áreas de maior irregularidade. Tendo, como contraponto formal, o traçado reticulado em bairros como o Jardim

Cidade Universitária que apresentou uma ocupação posterior (figura 05).

Sobre a falta do padrão no parcelamento urbano, Gonçalves e Castro (2019) alertam sobre o impacto não apenas na vivência e possível problemática para orientação, mas também pelo encarecimento da infraestrutura tanto para sua implementação quanto gestão e manutenção. A composição do parcelamento do solo é diversa em consequência das formas de implantação dos bairros. Na maior parte dos casos há uma composição padronizada, seguindo uma divisão regular das quadras, acompanhando o traçado mais ou menos ortogonal.

Figura 05. Ampliação do traçado e parcelamento do solo no Castelo Branco (com destaque para a comunidade Santa Clara), Jardim Cidade Universitária e Mangabeira.



Fonte: Adaptado de PMJP (2021).

No entanto, em alguns dos bairros há presença de ocupações irregulares, como também de zonas de interesse social vinculadas à comunidades, como é o caso da ocupação no Castelo Branco, conhecida como a comunidade Santa Clara. Essa lógica de implementação com maior irregularidade pode expor a população a riscos ambientais como deslizamentos e alagamentos, além de outras problemáticas socioambientais (GONÇALVES; CASTRO, 2019).

Sobre a relação entre a composição do traçado e da malha viária, é outro mecanismo de entendimento da dinâmica de implementação do bairro. A ordenação da malha viária destaca espacialidades de ocupação irregular e espontânea através de uma densificação de suas conexões, conforme evidenciado na figura 06, onde bairros como José Américo, Castelo Branco e Mangabeira apresentam uma malha mais orgânica e densa. Para Ximenes (2016), a irregularidade no traçado é uma problemática que dificulta a localização e o acesso dentro de um contexto geral.

Figura 06. Malha viária do recorte, baseada na decomposição de Coelho et al. (2013).

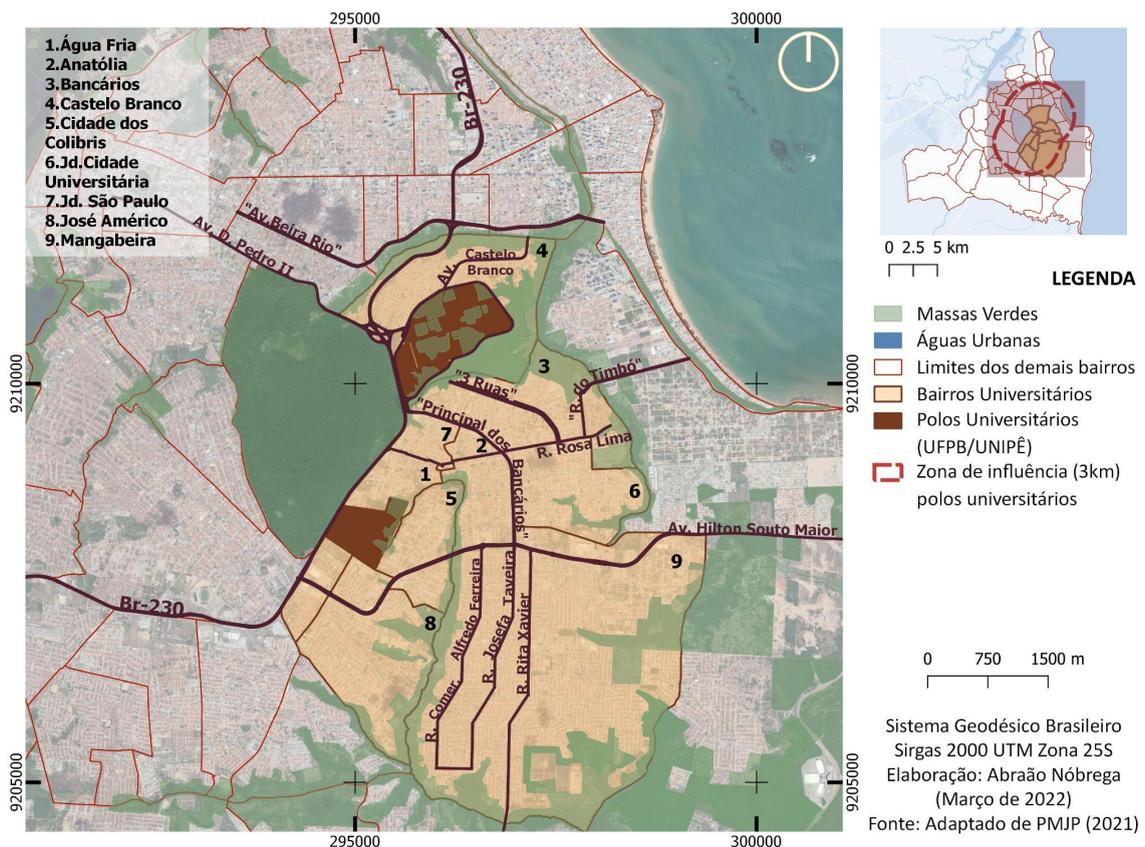


Fonte: Elaboração própria (2022).

Esse tipo de relação entre traçado e malha é bastante marcante em cidades que seguem uma lógica rodoviarista para o planejamento urbano, destacando um maior “prestígio” e espaço para o deslocamento movido a veículos individuais. No

recorte é perceptível a relação de hierarquia viária com o escoamento urbano nos eixos de grande movimentação destacados no tecido urbano na figura 07, como à BR-230 (Rodovia Transamazônica), Av. Hilton Souto Maior e Av. Bancário Sérgio Guerra (popularmente conhecida por “principal dos bancários”) que se conecta ao corredor da Av. D. Pedro II, esse sendo um dos principais eixos de transporte da cidade, conectando parte da zona sul ao centro.

Figura 07. Vias de maior importância, acessos e conexões viárias.

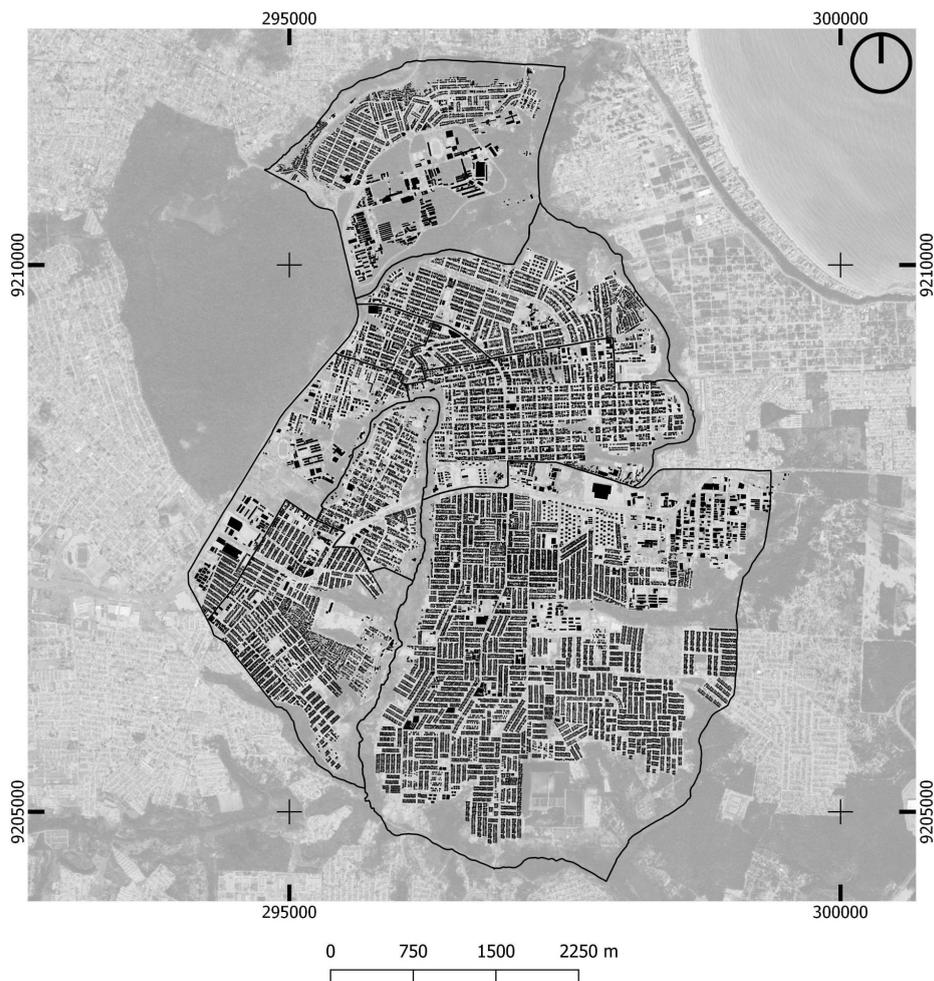


Fonte: Elaboração própria (2022).

Partindo para a última escala de avaliação, foram mapeadas e vetorizadas, com base na visão de satélite, 36170 edificações na zona de estudo (figura 08). Estas, com base em visitas in loco, estão distribuídas, no que tange a verticalização, entre 1 e 25 pavimentos. Com relação ao formato das construções, representado pela sua projeção no solo urbano, foi encontrada uma variação de 290 vezes ao se comparar a distinção entre a menor — localizada na quadra 13 em Água Fria e com 25,3 m² — e a maior — localizada na quadra 118 em Mangabeira e com 7.346,1 m².

Já em relação aos lotes a diferença é de 11.503 vezes, visto que o menor deles — localizado em Mangabeira, na quadra 96 tem 25,6 m² — enquanto o maior — localizado em Água Fria, na quadra 44, tem 294.488 m². Essas variações reafirmam uma variabilidade de tipologias, tanto com relação ao parcelamento do solo quanto das edificações (considerando sua projeção no solo) presentes na região de estudo, destacando também a falta de um padrão na composição urbana.

Figura 08. Distribuição das edificações na região de estudo.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Há também uma dispersão generalizada na ocupação, tendo grandes áreas com pouca presença de massa edificada sendo contrapostas por regiões de extrema massificação. Essa variabilidade tem relação direta com os usos, por exemplo, pela concentração de atividades institucionais com grandes lotes e poucas edificações, como nos campi universitários ou nos limites a nordeste de Mangabeira. Como também das áreas residenciais de baixa densidade, que tem

uma maior ocupação do solo e replicação de edificações. Tendo vínculos também com a lógica de parcelamento e das ocupações de risco, além das diversas áreas de proteção ambiental que permeiam os espaços ocupados pelo homem.

4.2. A DENSIDADE URBANA PELA ÓTICA DA SPACEMATRIX

Para a avaliação das características de ocupação, a aplicação da spacematrix foi vinculada a um recorte dentro da zona de estudo. Essa ampliação foi necessária para possibilitar a sua executabilidade, visto que, a referência utilizada para leitura da ocupação e noção de densidade são as quadras (BERGHAUSER PONT; HAUPT, 2009).

A zona ampliada (figura 09) foi definida com base nos resultados preliminares da avaliação de hostilidade urbana oriundos do questionário e trabalhos geograficamente na interpolação de calor Kernel, conforme exposto no apêndice C. Para tal, foi determinado que a spacematrix seria aplicada ao longo das regiões com maior quantidade absoluta de casos hostis. Pois, assim seria possível a avaliação relacional entre o perfil de ocupação e de densidade com as áreas mais críticas.

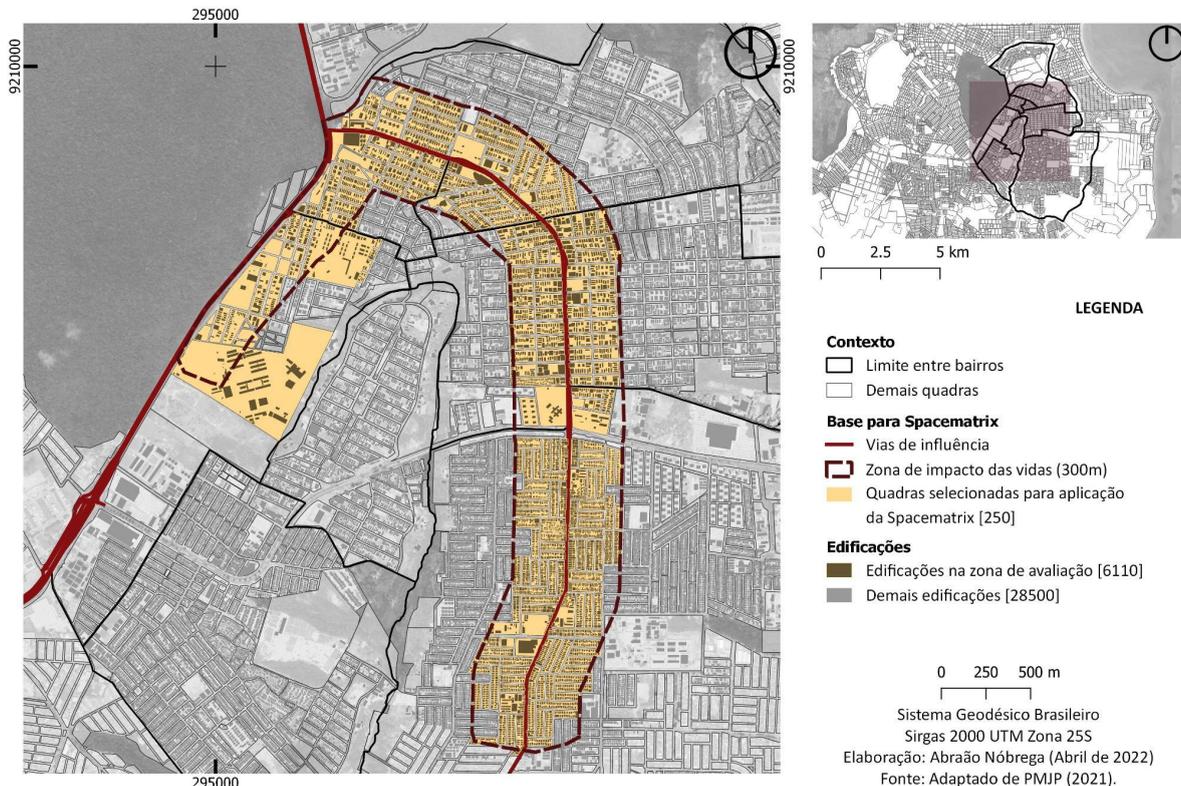
Com a integração entre as áreas de maior hostilidade preliminares foi gerada uma região axial como zona de impacto direito, tendo 300 metros a partir do eixo da BR-230, da Av. Bancário Sérgio Guerra e R. Josefa Taveira. Essa região compreende 250 quadras distribuídas nos bairros Água Fria, Anatólia, Bancários, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo e Mangabeira.

Dentro das 250 quadras há um total de 6110 edificações com gabaritos variando entre 1 e 24 pavimentos. E, para a aplicação do método, as quadras foram nomeadas conforme os dados oficiais em uso pela PMJP (Ver Apêndice D). Também foi utilizado como referência territorial a classificação de setores de planejamento que extrapolam os limites de bairros, visto que tornaria mais viável a comparação das tendências de ocupação. Além disso, também possibilita a geração de identidade para a numeração das quadras, pois essas reiniciam a contagem a cada novo setor, havendo repetições numéricas se fosse avaliar bairro a bairro. Sendo assim, a distribuição da zona de ampliação será discutida conforme:

- I. Características do setor 43 (Água Fria);

- II. Características do setor 44 (Anatólia e Jardim São Paulo);
- III. Características do setor 8 (Bancários);
- IV. Características do setor 45 (Jardim Cidade Universitária);
- V. Características dos setores 52 e 53 (Mangabeira).

Figura 09. Zona de ampliação para avaliação na Spacematrix.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Os dados para os quatro indicadores utilizados na spacematrix foram desenvolvidos com base nas áreas das quadras e edificações. Essas foram geradas através do cálculo espacial dos polígonos georreferenciados, considerando como fator de multiplicação individual de áreas a quantidade de pavimentos no caso das construções com mais do que apenas o térreo.

Ao final, os dados foram refinados no Excel, conforme exemplificado no quadro 02, considerando expressões para definição dos atributos, a exemplo, a divisão entre área ocupada pela construção e a disponível no loteamento para geração da taxa de ocupação (GSI). A apresentação individual dos valores de cada uma das 250 quadras está no apêndice E, tendo toda a base detalhada dos dados que serviram de referência para o destaque das tendências de ocupação.

Quadro 02. Atributos utilizados para cálculos na spacematrix.

Setor	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
-------	--------	---	-----	----	----	----	-----	-----	-----

Fonte: Elaboração própria (2022) com base em Berghauser Pont e Haupt (2009).

Onde:

L: Gabarito (quantidade média de pavimentos/níveis);

ACT: Área Construída Total (somando os pavimentos);

AT: Área do terreno das quadras (sem vias e calçadas, ou seja, a área passível de construção);

AA: Área da Amostra (perímetro bruto);

TO: Total de área térrea ocupada pelas construções;

OSR: Índice de Espaços Abertos (tradução livre);

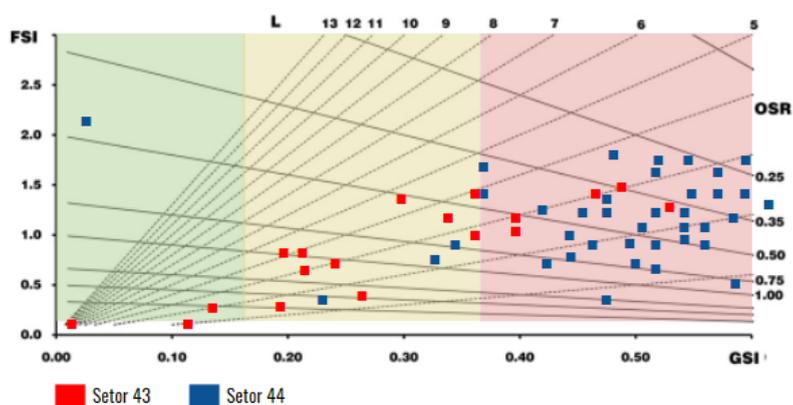
FSI: Índice de Aproveitamento (tradução livre);

GSI: Taxa de Ocupação (dado em %) no terreno.

Iniciando pelos setores 43 e 44 foi percebida uma tendência predominante de maior equilíbrio entre ocupação do lote e áreas livres, mantendo indicadores médios no quesito de verticalização. Assim, conforme a figura 10, nos pontos vermelhos, é possível ver a tendência de ocupação por edificações de gabaritos medianamente verticalizados (entre 4 e 6 pavimentos) nas quadras estudadas em Água Fria.

Já os bairros de Anatólia e Jardim São Paulo, apresentam predominância de maior ocupação dos lotes, tendo verticalizações baixas-médias (2 a 3 pavimentos), característico também de uma maior diversidade tipológica. Há o destaque para a única quadra fora do padrão, composta pelo residencial Tierras de España, que detém três torres com 18 pavimentos, sendo a única quadra com ocupação exclusiva de alta verticalização e baixa ocupação do solo, como trazido na figura 11.

Figura 10. Aplicação na spacematrix dos setores 43 e 44



Fonte: Elaboração própria (2022) com base em Berghauser Pont e Haupt (2009).

Figura 11. À esquerda a tipologia padrão de ocupação no setor 43. Ao centro, o residencial Tierras de Espanã e à direita a diversidade de ocupação no setor 44.

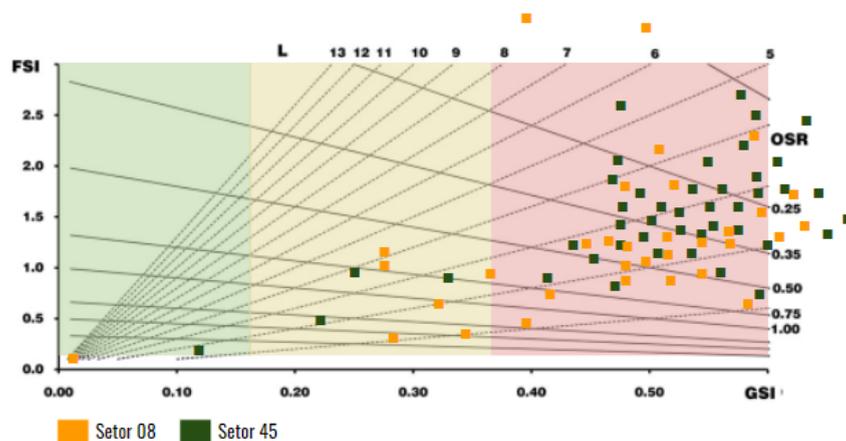


Fonte: Google Street View (2021).

O bairro Bancários (figura 12), apresentou maior diversidade de tendências, tendo maior concentração em um perfil semelhante ao Jardim São Paulo e Anatolia. No entanto, também há porções com maior proporção entre ocupação e espaços livres. No bairro há algumas indicações pontuais com verticalização elevada (acima de 10 pavimentos), porém assim como os bairros do setor 44, elas estão implantadas em quadras com diversidade tipológica de construções.

Assim é gerada uma leitura vinculada às médias gerais, embora se destaquem fora dos padrões da matriz. Vale pontuar que este é um método desenvolvido para leitura espacial com referência à Barcelona, sendo assim, as métricas ao considerar o planejamento urbano pessoense, são distintas e, por isso, há alguns pontos que estão locados fora das faixas de atuação da matriz, tanto em ocupação do solo, quanto de índice de aproveitamento.

Figura 12. Aplicação na spacematrix dos setores 08 e 45.



Fonte: Elaboração própria (2022) com base em Berghauer Pont e Haupt (2009).

O Jardim Cidade Universitária é caracterizado por uma tendência de maior ocupação do solo, tendo uma variabilidade quanto à quantidade de pavimentos. De modo geral, apresenta muitas edificações de média verticalização, com algumas pontuais de maior quantidade de pavimentos, no entanto, no que tange aos espaços livres, há uma tendência de redução destes, por isso, o bairro tendeu a ficar alocado em maior quantidade na porção vermelha da matriz. Conforme pode ser ilustrado na figura 13, há alguns exemplos de tipologias edificadas.

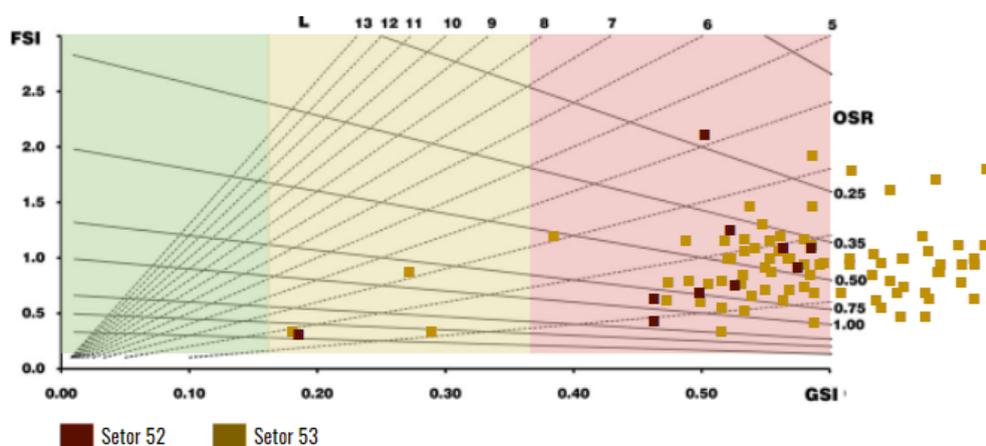
Figura 13. À esquerda as diferenças tipológicas padrão no setor 8. Ao centro e à direita, tipologias recorrentes no setor 45.



Fonte: Google Street View (2021).

Mangabeira, que concentra os setores 52 e 53, apresenta uma tendência clara de baixa densidade e muita ocupação do lote. É uma característica marcante a de edificações térreas ou de baixa verticalização, tendo algumas poucas exceções em decorrência do processo de expansão e verticalização em curso atualmente. No entanto, ainda durante a pesquisa, há uma massificação de usos térreos ou com dois pavimentos (Figura 15). Assim como os setores 8 e 45, o 53 extrapola os padrões pré estabelecidos por Berghauer Pont e Haupt (2009) como evidente na figura 14, sendo uma consequência da massiva ocupação dos lotes, chegando a índices de até 85% do lote ocupado.

Figura 14. Aplicação na spacematrix dos setores 52 e 53.



Fonte: Elaboração própria (2022) com base em Berghauer Pont e Haupt (2009).

Figura 15. Padrões tipológicos nos setores 52 e 53.

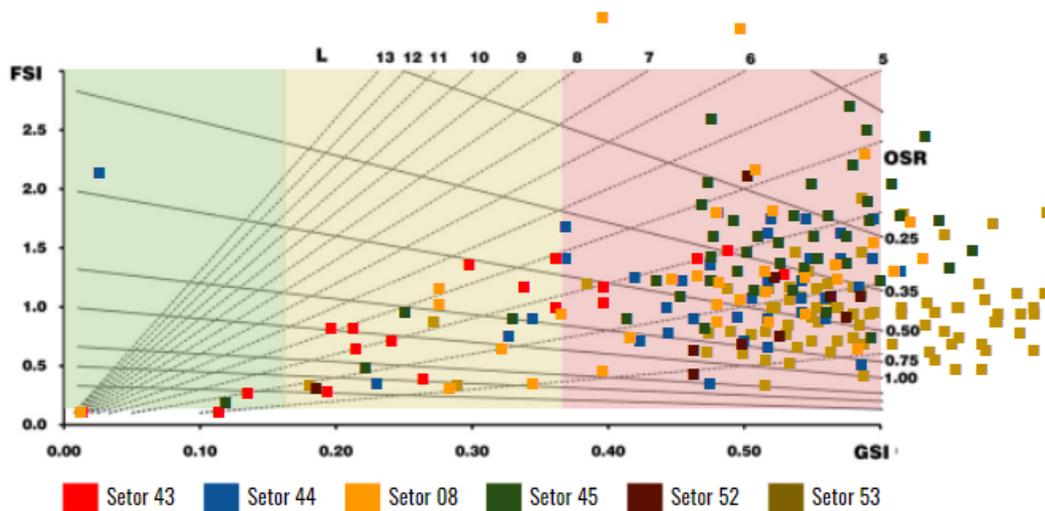


Fonte: Google Street View (2021).

Por fim, com uma sobreposição simultânea de todos os setores (figura 16) fica evidente, por meio da comparação das tendências individuais, uma massificação muito destacada num padrão de menor densidade e maior ocupação do solo. Sendo representado fortemente por edificações térreas ou com dois pavimentos, apresentando algum tipo de recuo (conforme pré determinado no código de urbanismo).

Essa característica indica uma menor diversidade tipológica no aspecto construtivo, o que, por sua vez, pode ter relação direta com uma baixa miscigenação de usos do solo, gerando grandes áreas monofuncionais e reforçando esvaziamentos em determinados momentos do dia. O que teria vínculos estreitos com a maior quantidade de experiências hostis.

Figura 16. Sobreposição de todos os setores na spacematrix



Fonte: Elaboração própria (2022) com base em Berghauer Pont e Haupt (2009).

4.3. RELAÇÕES ENTRE ARQUITETURA E CIDADE

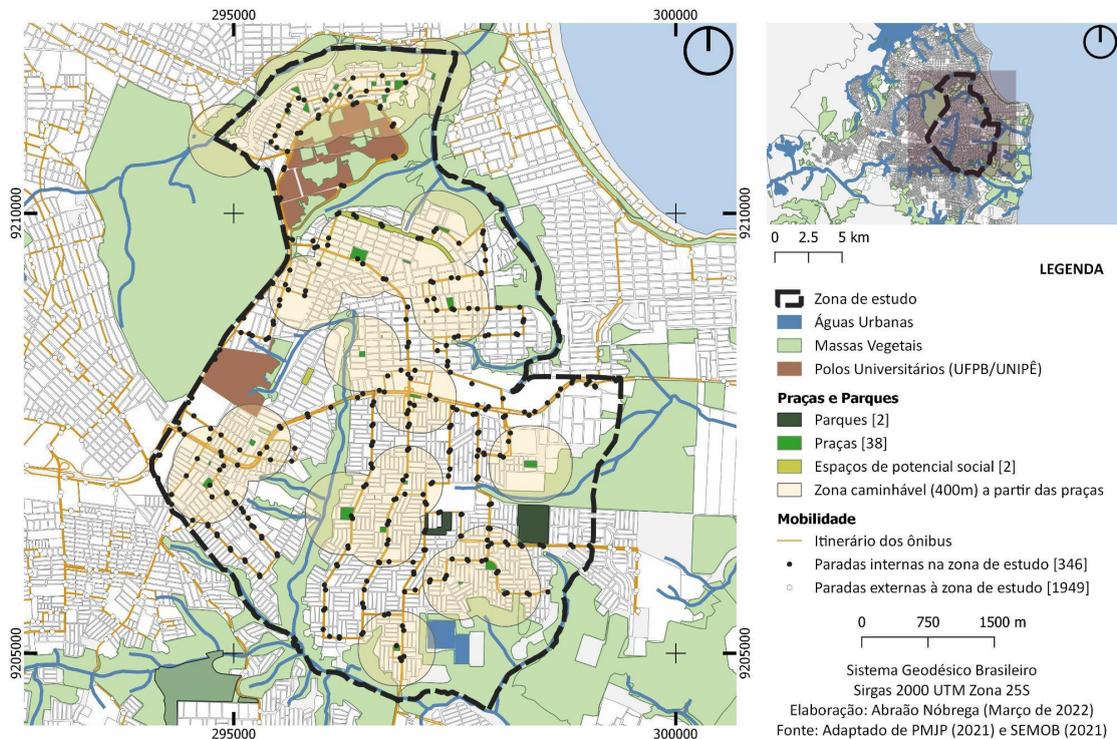
Buscando entender as relações sociais e as possibilidades de espaços de conflito também foram levantadas informações sobre a distribuição de praças e parques, pelo potencial de socialização e por serem os principais espaços de permanência, como também as rotas e paradas do transporte público (figura 17).

Primeiramente, relacionado às praças, fica em evidência uma distribuição pouco regular nos bairros. Segundo a base cadastral da PMJP (2021) há um total de 214 praças na cidade e João Pessoa possui 64 bairros, ou seja, seria possível que todos os bairros tivessem ao menos três praças em sua territorialidade considerando os números absolutos. É entendível que a questão de área e demanda populacional poderiam ser ponderadas para uma distribuição proporcional, no entanto, ainda haveria a possibilidade de mais espaços do gênero espalhadas pelos bairros.

A máxima representação da má distribuição se percebe no Castelo Branco que detém 18 praças em sua territorialidade, concentrando sozinho 47,4% de todas presentes na região estudada. Em contrapartida, bairros como Água Fria e Anatólia não detém uma unidade sequer. A má distribuição pode ser encontrada também em regiões específicas, o que acaba gerando apagões de espaços públicos para lazer e

permanência dentro dos bairros, mesmo que eles tenham praças em sua territorialidade, fomentando maiores deslocamentos.

Figura 17. Distribuição das rotas de transporte público, praças e parques dentro da zona de estudo.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Além disso, o bairro Cidade dos Colibris tem, atualmente, o processo de consolidação de uma praça em seu território, totalizando sua primeira unidade. Para tal, foi destacada a região de sua implantação sob a alcunha de áreas com potencial social, evidenciando também toda a faixa verde que acompanha as “três ruas” nos Bancários. Esse destaque é vinculado ao uso já existente de atividades de lazer ativo e passivo (MACÊDO, 1995) nos canteiros ao longo do trajeto que conecta desde o Jardim Cidade Universitária a um acesso à UFPB. Assim, indicando uma relação de demanda por parte da população e do uso espontâneo.

Já sobre o transporte público fica em evidência também a problemática de distribuição em determinados trechos. As paradas são espaços que acabam concentrando pessoas e, em consequência, podem se tornar palco para as experiências com a hostilidade urbana e conflitos de modo geral. A primeira característica destacável é a distribuição não regular dos pontos, gerando

deslocamentos excessivos em bairros como Cidade dos Colibris e em trechos de Anatólia, Jardim São Paulo e José Américo.

Além disso, conforme a figura 18, há a problemática com relação a própria infraestrutura das paradas, que muitas vezes não apresentam mobiliários para sentar, cobertas, lixeiras ou iluminação própria, tendo extremos na má qualidade ao serem simbolizadas exclusivamente com placas em postes. Ainda há a questão da relação entre as paradas e seus entornos, não sendo necessariamente em regiões com maior vitalidade de usos ou interfaces menos opressivas.

Figura 18. Paradas de ônibus, à esquerda parada com cobertura, à direita parada apenas marcada pelo poste.



Fonte: Google Street View (2021).

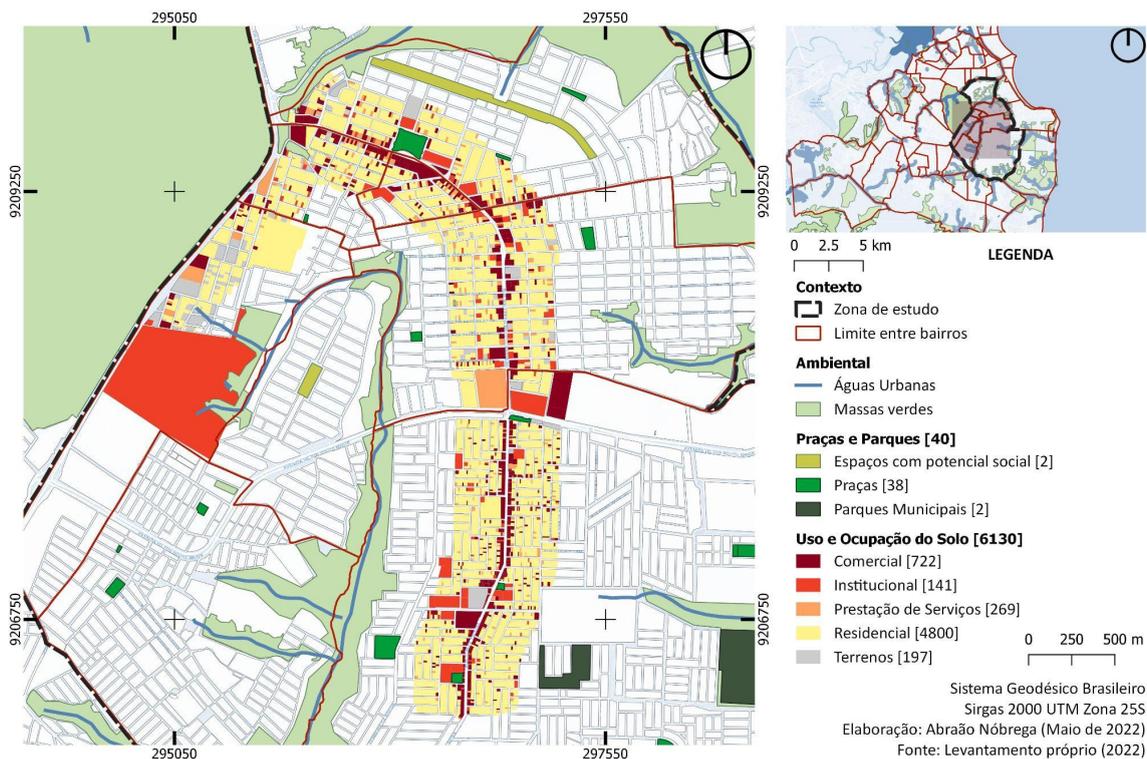
Partindo para a avaliação da atividade do solo, o levantamento foi concentrado na região de impacto das vias principais, buscando compreender a lógica dos usos e suas relações com a hostilidade. Para tal, a definição das atividades foi distribuída em cinco grupos principais:

- I. Comercial: composto por todas as atividades de comercialização de produtos, independente do ramo de atuação, assim englobando bens materiais, decorativos, culturais, alimentícios, etc.
- II. Institucional: composto pelas atividades relacionadas à instituições, dentre elas: escolas, entidades públicas, igrejas, urgência/emergência, unidades de pronto atendimento, bancos, entre outras.

- III. Prestação de serviço: composto pela atividade voltada à realização de um trabalho, compreendendo espaços como: salões de beleza, borracharias, clínicas laboratoriais, clínicas veterinárias, entre outras.
- IV. Residencial: engloba as habitações e conjuntos habitacionais.
- V. Terrenos: espaços vazios, públicos e privados, sem nenhuma edificação ou função aparente.

Conforme destacado por Hillier (2001), as áreas que concentram a maior quantidade de atividades comerciais, de serviço ou institucionais ficam dispostas nos lotes ao longo das vias de maior fluxo (Figura 19); reforçando o conceito dos usos que procuram movimento. Essa concentração tem vínculos diretos com a insegurança no turno da noite pelo término das atividades após horário comercial às 18:00, gerando o esvaziamento nas ruas (LUCENA, 2019).

Figura 19. Uso e ocupação do solo na região de impacto das vias principais (300m).



Fonte: Elaboração própria (2022).

Tal fenômeno é recorrente principalmente ao longo da R. Josefa Taveira, em Mangabeira, pela concentração do comércio varejista diurno. No entanto, ao longo da Av. Bancário Sérgio Guerra, há uma diversidade nos tipos de serviço e comércio, englobando atividades com foco maior durante o dia, como o comércio varejista,

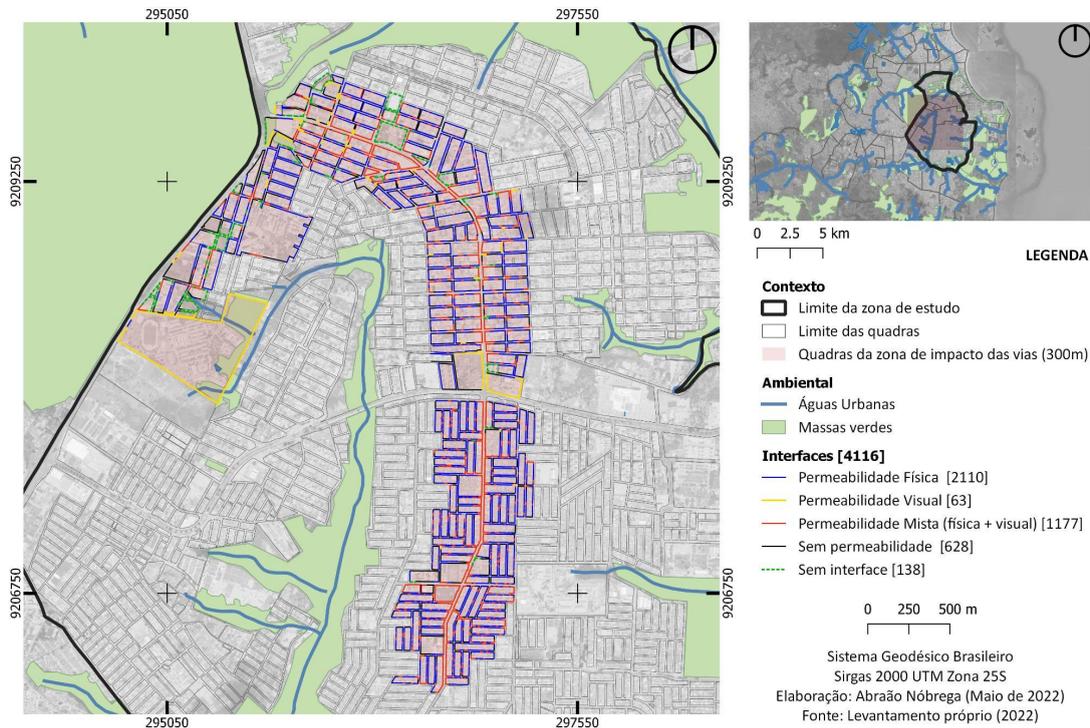
mas também algumas funções com ativação noturna, como bares, lanchonetes, restaurantes e um shopping; o que auxilia a reduzir o impacto do esvaziamento após as 18:00.

No entanto, à medida que a avaliação é direcionada para as vias mais internas, há uma tendência de hegemonia do uso residencial, sendo encontrados em 4800 lotes dos 6130 totais da região, ou seja, 78.3%. Essa concentração residencial, sem maiores variações, tem relação com esvaziamento do fluxo pedestrianizado. Visto que, as pessoas se locomovem, majoritariamente, pelo intuito de ir ou voltar para casa, tendo menor complexidade nos padrões de movimento (LUCENA, 2019). Corroborando com Van de Hoek (2008) ao afirmar, que é em decorrência da interação entre funções que surge o sentimento de urbanidade, pois ela gera maior intensidade no fluxo de pessoas com diferentes destinos, trazendo mais movimentação no espaço urbano.

Além disso, há a presença de terrenos vazios em 197 dos lotes, ou seja, 3.2%. Essa configuração pode favorecer a sensação de insegurança por diversos fatores. No caso de Água Fria, há a presença de lotes de grandes dimensões completamente vazios, além de ser o bairro que apresenta o maior número absoluto desse uso na região de estudo. Além disso, um lote vazio, a depender de elementos como a iluminação presente, a qualidade física das calçadas e também da interface de comunicação entre o espaço privado e o meio urbano, pode favorecer o medo e a insegurança, como também a prática de hostilidades diversas.

A principal característica encontrada no levantamento das interfaces de comunicação (figura 20) é a concentração massiva de baixa permeabilidade visual, pois 51.2% é composta por interfaces com a possibilidade de acesso físico e 15.3% por nenhuma permeabilidade. Essa característica, conforme Dias (2019) reforça a sensação de opressão no meio urbano, induzindo a uma redução da apropriação dos espaços. Nessa configuração, de baixa permeabilidade visual, é perdido o princípio de olhos nas ruas, descrito por Jacobs (2011).

Figura 20. Distribuição das interfaces de conexão entre as edificações e a cidade na zona de impacto das vias (300m).



Fonte: Elaboração própria (2022).

Dentro do universo de interfaces de permeabilidade física (portas), foram encontrados dois padrões principais, conforme exemplificado na figura 21. O primeiro é majoritariamente encontrado em edificações verticalizadas, sejam de uso residencial ou comercial/serviço. Nesse primeiro cenário é destacável que toda a interface é formada por portões móveis, mas sem qualquer contato visual entre o espaço privado e o público. O segundo caso, no entanto, é mais recorrente nas edificações térreas, principalmente no uso residencial, sendo caracterizados por muros sem qualquer tipo de permeabilidade, tendo como únicas fenestrações, as portas de acesso pedestrianizado e veicular, podendo ter a variação de uma única porta que mantém os dois fluxos.

Figura 21. Variações da interface de permeabilidade física (porta), à esquerda formada inteiramente por portões e à direita formada pela interação entre muro e portão.



Fonte: Google Street View (2021).

As interfaces sem permeabilidade (fachadas mortas), conforme a figura 22, são muito recorrentes ao delimitar os espaços de lotes ociosos, criando corredores urbanos opressivos tanto pela perda da comunicação visual entre espaço privado e público, quanto pelos vazios urbanos espalhados pelo território. Além disso, esse tipo de interface também foi muito recorrente nos lotes de esquina das áreas residenciais de Mangabeira, em decorrência do perfil de casas térreas, como também nos fundos ou laterais de lotes extensos. Assim, diversas ruas no bairro são tangenciadas por interfaces sem nenhuma permeabilidade visual, criando corredores hostis para o trânsito a pé, conforme ilustrado pela figura 22.

Figura 22. Interface sem permeabilidade (morta) à esquerda e físicas (porta) à direita.



Fonte: Google Street View (2021).

A maior parte dos lotes vazios encontrados em Água Fria, por sua vez, estão relacionados à falta de interfaces de qualquer tipo, conforme a figura 23 representa.

Essa característica foi comumente encontrada principalmente na região que ainda está com baixa ocupação, tendo como função predominante o comércio atacadista, postos de gasolina e semelhantes, ou seja, atividades que tem uma relação mais forte com o trânsito veicular. Há também proximidade com o centro universitário Unipê, porém distantes em relação aos acessos principais da universidade. Além disso, é uma região tangenciada pela BR-230, outro fator que tem relação com baixo fluxo a pé e alto fluxo veicular.

Figura 23. À esquerda exemplo de interface visual (cerca). À direita exemplo da falta de interface.



Fonte: Google Street View (2021).

As interfaces de permeabilidade visual são pouco recorrentes no recorte estudado, sendo majoritariamente encontradas ao longo de grandes lotes de funções institucionais. São encontradas, principalmente, sob a forma de cercas, mas em alguns casos, também foram apresentadas em gradis fixos e elementos vazados em muros, mais relacionados ao uso residencial.

Já sobre as interfaces de permeabilidade mista (física + visual) elas também são encontradas principalmente em dois cenários, conforme ilustrado na figura 24. O primeiro caso é vinculado aos usos comerciais e de serviço encontrados nas vias principais. É uma situação em que não há presença de barreiras físicas e nem visuais que controlem ou direcionam o fluxo a pé. No entanto, não são necessariamente fachadas ativas e que favorecem uma maior atração e ativação do espaço. Elas apresentam uma possibilidade de refúgio à aridez urbana, mas, na maioria, se limitam a isso, mesmo que promovam uma melhora na sensação de segurança pela liberdade de poder entrar e ser visto.

Figura 24. Variações da interface de permeabilidade mista, à esquerda, formada no padrão comercial/serviços. À direita no padrão de edificações multifamiliares.



Fonte: Google Street View (2021).

A outra situação, também tendo o mesmo tipo de impacto da anterior, é encontrada em edificações residenciais multifamiliares. Assim como no caso das edificações que todos os portões são móveis, esse é o mesmo sistema, no entanto, são compostos por gradis que permitem o acesso visual e a relação entre público x privado. Desse modo, auxiliam a reduzir a sensação de opressão ao caminhar na rua, ao comparar com muros e portões fechados, mas não necessariamente auxiliam na melhora da vitalidade do espaço. Há também o caso de edificações térreas unifamiliares com fachadas de permeabilidade mista, mas são a exceção ao padrão encontrado.

Por fim, com relação aos atributos físicos, é evidente a criação de um padrão no que diz respeito às tendências encontradas na zona ampliada. Nesse caso, percebe-se uma relação com as regiões potencialmente hostis com: com baixa diversidade de funções e de fluxos, regiões de passagem com pouca presença de espaços de permanência e de lazer coletivo, com interfaces caracterizadas por baixa ou nenhuma permeabilidade (física e/ou visual), como também de regiões com baixa densidade, caracterizada por uma maior ocupação horizontal do solo.

5. DIAGNÓSTICO SOCIAL

5.1. DADOS DO QUESTIONÁRIO

5.1.1. Perfil social

Buscando compreender as dinâmicas gerais sobre o público estudado, suas percepções sobre a sensação de segurança e possíveis vivências com a hostilidade, foi aplicado um questionário através da plataforma digital *Google Forms*. Foi possível respondê-lo durante o período entre novembro (2021) e maio (2022) e, ao contrário da estimativa inicial, o total de respostas foi de 358, configurando 0.2% em relação à população prevista para o recorte. No quadro 03 há a distribuição e peso percentual de cada grupo em relação ao todo, considerando simultaneamente gênero e etnia.

Quadro 03. Distribuição dos respondentes quanto ao gênero e etnia.

Grupo	Qtd. de respondentes	% em relação ao total de respondentes
Mulheres Cisgênero Brancas	110	30,7%
Mulheres Cisgênero Negras	87	24,3%
Mulheres Cisgênero Amarelas	2	0,6%
Travestis Negras	12	3,4%
Homens Cisgênero Brancos	54	15,1%
Homens Cisgênero Negros	42	11,7%
Homens Cisgênero Amarelos	8	2,2%
Homens Cisgênero Indígenas	7	2,0%
Homens Transgênero Brancos	6	1,7%
Homens Transgênero Negros	3	0,8%
Pessoas Não Binárias Brancas	19	5,3%
Pessoas Não Binárias Negras	7	2,0%
Pessoas Intersexo Negras	1	0,3%

Fonte: Elaboração própria (2022).

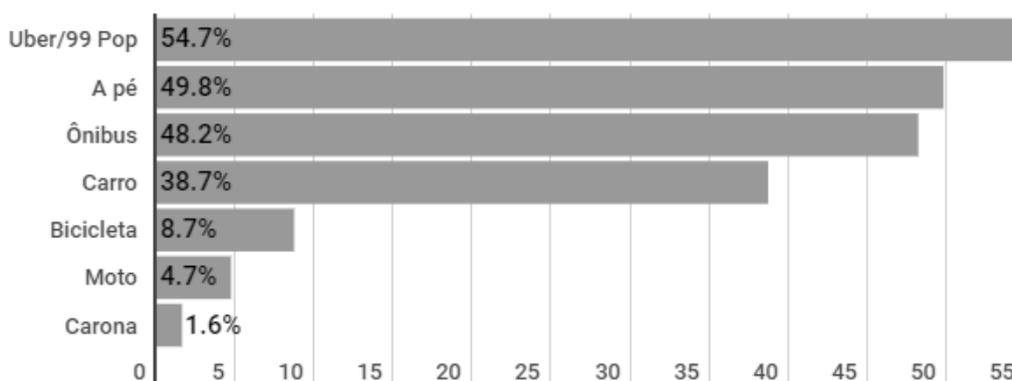
Com base no perfil de gênero são destacáveis uma participação mais consolidada de pessoas cisgênero, destacando-se as mulheres, que concentram ao todo 55.6% de toda a amostragem, sendo prontamente seguidas pelos homens cisgênero (31%) e tendo as expressões transgênero (13.4%) com os menores valores, mesmo somando todos os grupos (travestis, homens trans, pessoas não binárias e intersexo). Já no aspecto étnico, pessoas brancas (52.8%) são o grupo

com mais respondentes, seguidos por negros (42.5%), amarelos (2.8%) e indígenas (2%), tendo peso percentual quase igual entre pessoas brancas e não brancas, possibilitando assim uma leitura mais proporcional das vivências.

Com relação à faixa etária, é perceptível a maior participação de um público de jovens adultos, possível de relação com o perfil etário mais comum de universitários, conforme a própria região geográfica favorece. A distribuição etária ficou na seguinte proporção: entre 18 e 22 (35%), 23 a 28 anos (38.6%), seguido por 29 a 35 anos (13%), 36 a 50 anos (9.5%) e acima de 51 (4%). A faixa de renda média auxilia a confirmar essa tendência de um público majoritário de universitários, visto que, sua maior distribuição ficou com até um salário mínimo (40%) e entre 1 e 2 salários (30%), seguidos por: entre 2 e 3 (13%), entre 3 e 5 (6%) e acima de 5 (11%). Como última característica relacionada diretamente ao público em si, ao serem questionados sobre a orientação sexual, 50% dos entrevistados afirmaram serem heterossexuais, seguidos por bissexuais (22.1%), homossexuais (21.7%), panssexuais (3.2%) e assexuais (2.8%).

Sobre a vivência do recorte, a maior relação foi de pessoas que, com frequência, visitam os bairros estudados, mas não residem (45.5%), seguidos por pessoas que habitam na região (34.5%) e por fim, aqueles que não residem e têm uma baixa frequência de visitação (20%). E, ao serem questionados sobre os principais modais de transporte, podendo selecionar até três opções, a distribuição evidenciou uma forte relação com modais não ativos. Além disso, destaca-se a grande importância dos aplicativos de transporte representados pela *Uber* e *99 Pop*, sendo o principal meio de deslocamento encontrado (figura 25).

Figura 25. Proporção dos modais de transporte.



Fonte: Elaboração própria (2022).

5.1.2. *Percepção de segurança*

Partindo para as noções e relações com a sensação de segurança em espaços públicos, 65,2% afirmaram que, independente do lugar, não se sentem seguros para andar sozinhos durante a noite, seguidos por 34% ao afirmarem que, a depender do lugar, também não se sentem seguros. Em contrapartida, 0,8% dizem não ter problemas para andarem sozinhos. Ao observar o gênero, etnia e sexualidade dos respondentes que afirmam a sensação de completa segurança, observa-se respostas apenas dadas por homens héteros, brancos e cisgênero.

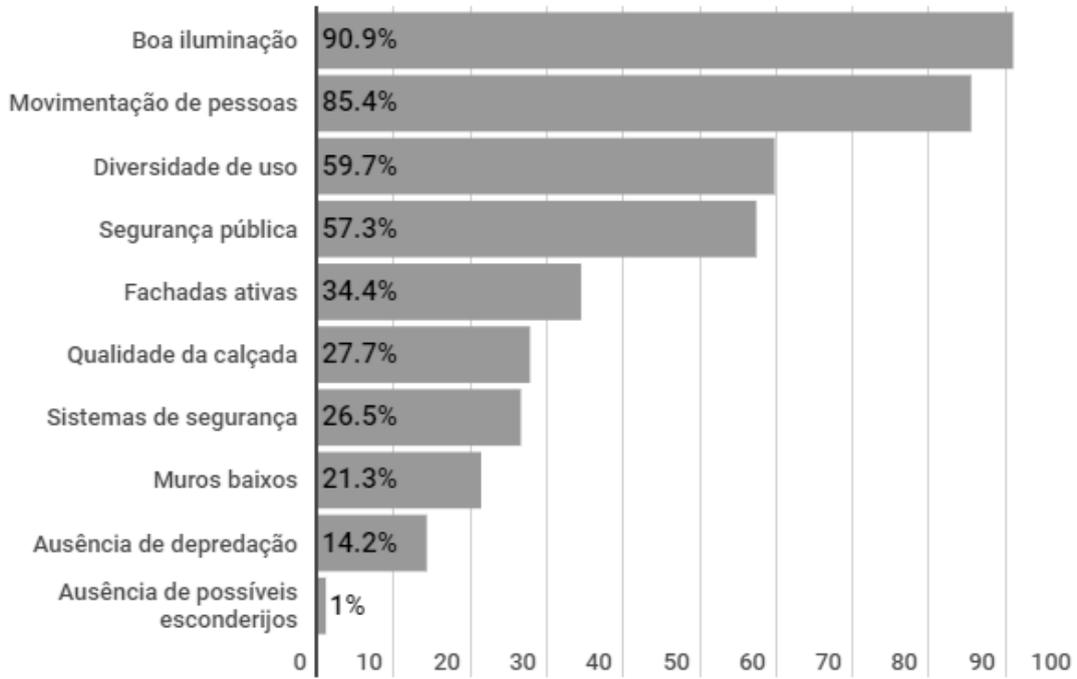
Relacionando a mesma percepção, mas condicionado ao deslocamento em grupos, 68% dos respondentes afirmam que ter a sensação de medo ou não vai ser completamente dependente do lugar e quantidade de pessoas. O deslocamento em grupos pequenos (entre 2 a 4 pessoas), fornece a sensação de segurança para 7% dos entrevistados, enquanto 12,4% só terão a mesma experiência em grupos acima de 5 pessoas. Ainda assim, para 12,6% independente da quantidade de pessoas ou do lugar em que estejam, não haverá sensação de segurança ao andar à noite.

Ao serem questionados sobre quais elementos lhe favorecem a sensação de segurança no espaço e posteriormente a falta dessa sensação, podendo destacar até cinco características, houve uma maior concentração em atributos que foram previamente apresentados neste trabalho. Corroborando com referências como Jacobs (2011), Gehl (2006; 2013) e Micrópolis (2006), os principais atributos são relacionados à qualidade da iluminação dos espaços, movimentação de pessoas, diversidade de usos, segurança pública (representada pelo policiamento) e tipologia da interface, conforme apresentado pelas figuras 26 e 27.

Outros elementos que também foram ponderados são relacionados a uma percepção mais subjetiva e variante conforme os grupos, abordando questões como a qualidade física das calçadas e a presença (ou falta) de elementos de segurança em edificações, como sistemas de monitoramento, além de depredações ao patrimônio coletivo. Além disso, com a possibilidade de inserção de percepções extras, ao adicionar elementos, possibilitou também a presença de outras problemáticas como a relação do paisagismo urbano e sua capacidade de geração de esconderijos caso não tenha um planejamento e integração com sistemas de

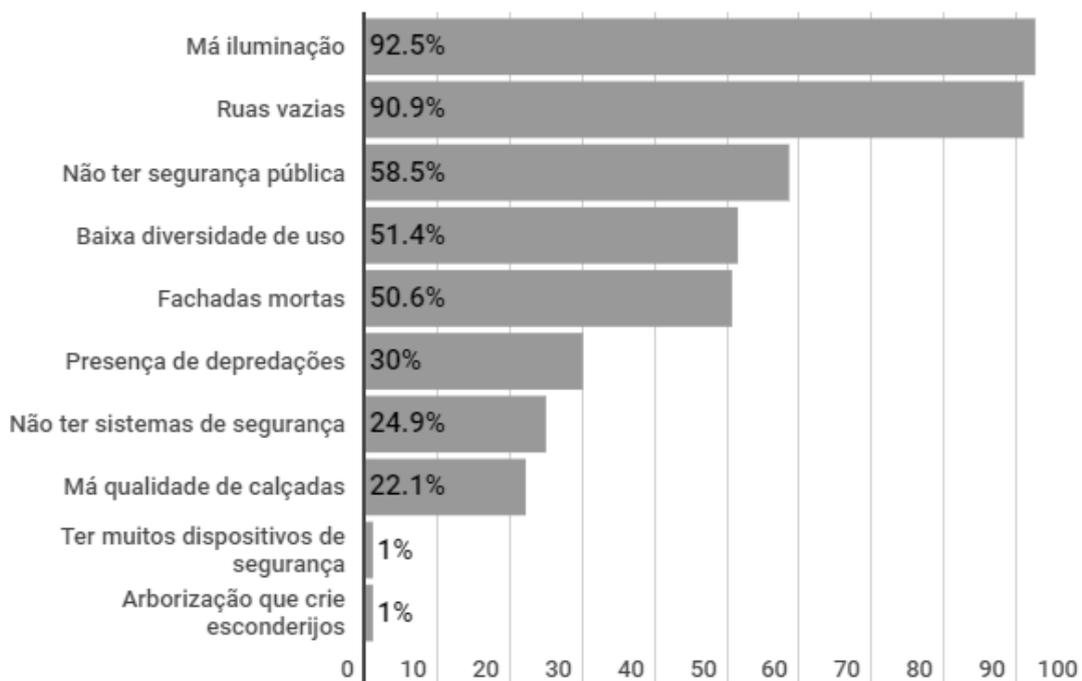
iluminação. Além disso, também houve o acréscimo relacionado a um exagero na quantidade de elementos de monitoramento como fator relacionado ao aumento da insegurança .

Figura 26. Atributos do espaço que favorecem a sensação de segurança.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Figura 27. Atributos do espaço que favorecem a sensação de insegurança e/ou medo.

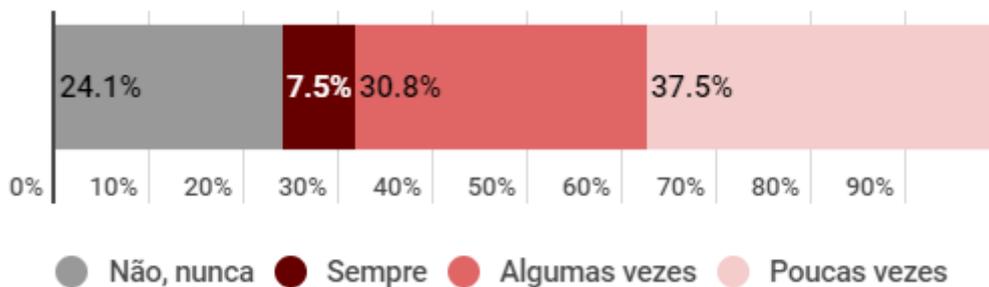


Fonte: Elaboração própria (2022).

5.1.3. Vivência com a hostilidade urbana

Como última etapa do questionário havia uma série de perguntas a respeito das experiências com a hostilidade. Para ter uma noção sobre a frequência das situações foi proposta uma escala que partia do nunca (0), poucas vezes (1), algumas vezes (2) até sempre/frequentemente (3). Conforme já abordado anteriormente, caso a resposta nesse momento fosse “não, nunca” o questionário seria encerrado automaticamente, desse modo, as respostas desta seção deixaram de ser as 358 totais, passando ao valor de 272. A figura 28 apresenta a proporção no momento de transição em que houve a redução de respondentes.

Figura 28. Proporções das frequências de experiências hostis.



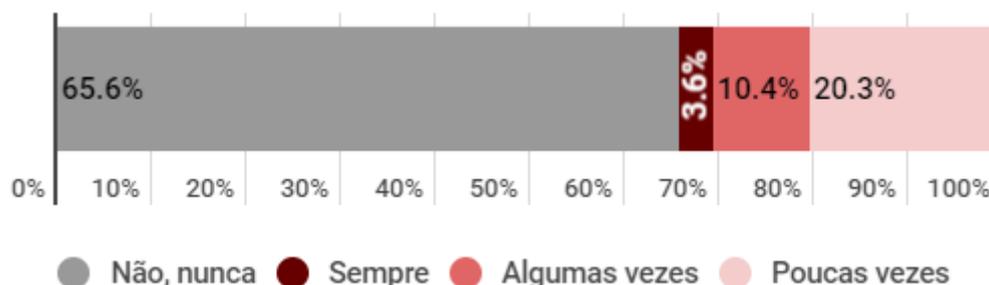
Fonte: Elaboração própria (2022).

Partindo para as experiências propriamente ditas, inicialmente foram questionadas relações com as hostilidades comportamentais. A primeira tipologia (figura 29) diz respeito ao distanciamento e exclusão nos espaços públicos, causando uma hostilidade sutil, mas ainda assim sendo um comportamento desconfortável. Por se tratar de uma prática com tendência à sutileza, a relação de nunca ter vivenciado (ou percebido) tal prática foi dominante, ainda assim aproximadamente 35% dos participantes já tiveram experiência com tal ação, variando a intensidade para maiores ou menores frequências.

Avaliando conforme a intersecção desse tipo de hostilidade com gênero percebe-se que o grupo com maior quantidade de casos foi o de homens cis, com 36% das respostas, e no aspecto étnico, o grupo dominante é de negros, com 50% dos casos. No entanto, pessoas trans também se destacam nesse contexto, tendo

35% das respostas, e ao observar a etnia, o padrão de dominância é de pessoas brancas, com 60% dos casos.

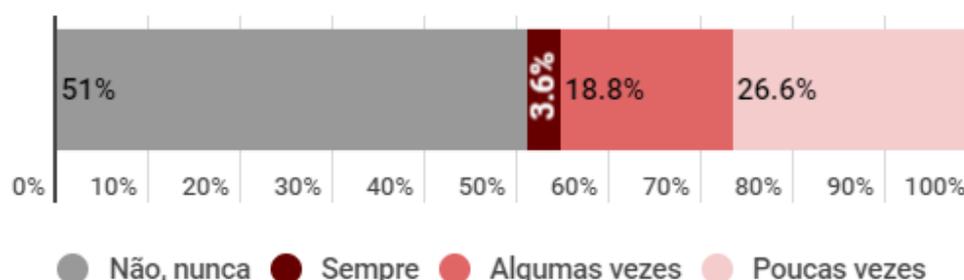
Figura 29. Proporções das frequências de experiências hostis comportamentais (distanciamento).



Fonte: Elaboração própria (2022).

No segundo caso de hostilidade comportamental, sendo agora referente a gestos pejorativos, expressões, olhares e outras práticas que causem desconforto e/ou humilhação pública (figura 30). Nesse caso, diferente da anterior, por se tratar de uma ação direta e mais perceptível, a proporção de casos entre não, nunca e sim (em suas variações de frequência), ficou mais equilibrada. Avaliando conforme a intersecção desse tipo de hostilidade com gênero percebe-se que o grupo com maior quantidade de casos foi o de mulheres cis, com 44% das respostas, e no aspecto étnico, o grupo dominante é de negras, com 65% dos casos

Figura 30. Proporções das frequências de experiências hostis comportamentais (olhares, expressões e gestos pejorativos e/ou acusatórios).

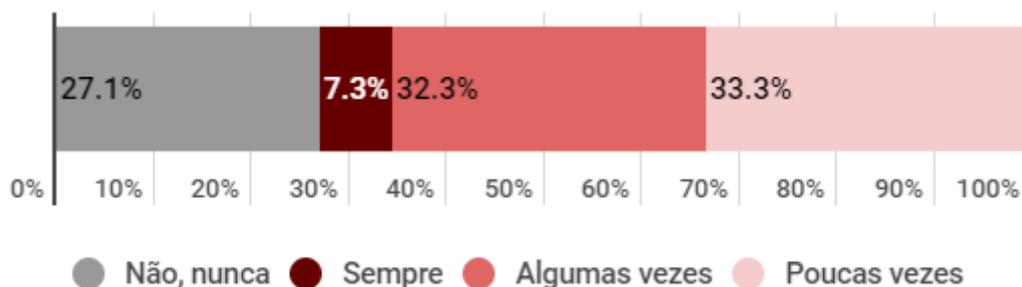


Fonte: Elaboração própria (2022).

Partindo para a hostilidade verbal, traduzida através de insultos, ameaças, assédios e semelhantes, o que se inicialmente se destaca é a menor quantidade em relação a nunca ter vivenciado (figura 31). Isso pode ser consequência por esta ser

um tipo de hostilidade mais direcionada, assim como a física e patrimonial, que é mais difícil não perceber quando acontece. Como grupo dominante, no aspecto de gênero destaca-se as mulheres cis, com 64% das respostas e, na distribuição étnica os valores ficaram concentrados em mulheres brancas (54%) e negras (44%).

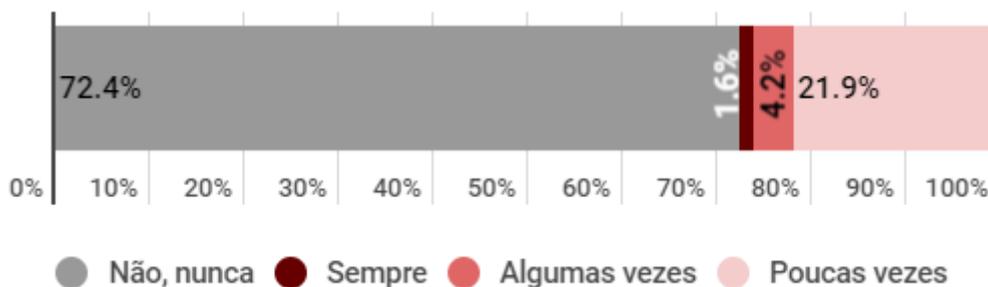
Figura 31. Proporções das frequências de experiências hostis verbais.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Já no caso de hostilidade física (figura 32), que compreende agressões, assaltos sexuais e ações semelhantes, há uma redução da quantidade de pessoas que já passaram por esse tipo de violência. Mas um fator que se destaca, nesse tipo de hostilidade em particular, foi uma forte relação com a LGBTfobia, visto que, tanto em mulheres e homens cisgênero os casos foram majoritariamente realizados contra pessoas não heterossexuais. Além disso, o grupo que detém a maior quantidade de respostas é das pessoas transgênero, com 37% dos casos, seguidas por mulheres cis com 35% e homens cis com 28%. E, em todos os grupos, pessoas negras são as vítimas mais recorrentes, variando entre 55% e 60% das respostas.

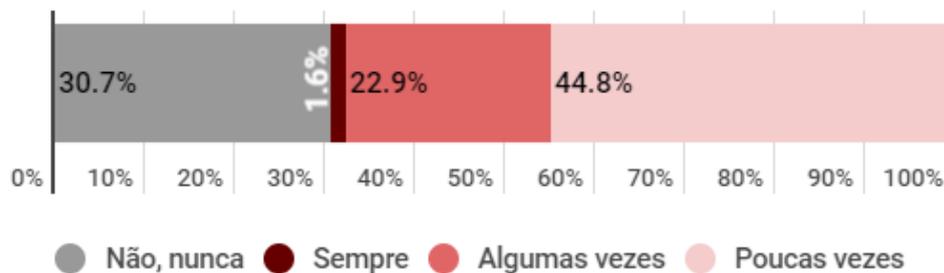
Figura 32. Proporções das frequências de experiências hostis físicas.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Indo para o último tipo de hostilidade, a violência patrimonial (figura 33) diz respeito a furtos, assaltos e práticas semelhantes. Essa tipologia foi majoritária contra mulheres cisgênero, com 52% dos casos, disituando as repostas em 53% para brancas e 46% para negras, como as principais expressões no grupo étnico. Reforçando a ideia de que há um alvo preferencial para práticas como o roubo, relacionado ao estereótipo de fragilidade feminina.

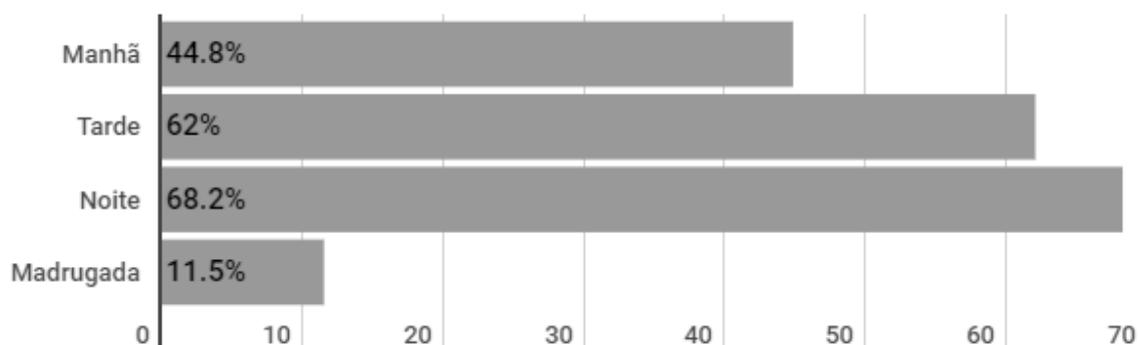
Figura 33. Proporções das frequências de experiências hostis patrimoniais.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Conforme o esperado, as experiências hostis tiveram uma concentração maior no turno da noite (figura 34), dada relação com aspectos de redução de movimentação de pessoas, apagões em áreas comerciais e de serviço, entre outras dinâmicas já discutidas. No entanto, houve também uma expressão muito grande e bastante proporcional, com relação ao turno da tarde, evidenciando que, fora do esperado, as hostilidades podem acontecer a qualquer momento, indiferente a atributos do espaço, embora uma má qualidade dos elementos favorece os comportamentos hostis.

Figura 34. Relação entre turnos e hostilidade.



Fonte: Elaboração própria (2022).

No quadro 04, há o destaque para os maiores casos absolutos encontrados neste trabalho. Ou seja, estão em evidência as pessoas que tiveram as maiores quantidades de experiências com a hostilidade urbana. Nesse caso, não estão diretamente refletindo os dados dos seus grupos sociais, mas sim suas experiências individuais. Embora, seja possível encontrar relações com os grupos que tiveram maiores pesos proporcionais nos gráficos anteriores.

Quadro 04. Maiores valores individuais de experiências com a hostilidade.

Grupo	Nº de experiências com a hostilidade
Mulher Cis Branca	32
Mulher Cis Negra	19
Mulher Cis Negra	16
Mulher Cis Negra	14
Homem Trans Branco	14
Pessoa Não Binária Negra	14
Pessoa Não Binária Branca	14

Fonte: Elaboração própria (2022).

Por fim, o quadro 05, ilustra as médias encontradas segmentadas por grupo interseccionando gênero e etnia simultaneamente. Desse modo, pode-se observar que todos os grupos, sem exceção, têm médias no mínimo acima de três experiências por pessoa. Mesmo grupos como homens cis brancos, que estão num locus social de maior segurança, não escaparam a esse padrão. É entendível também que nesse caso há uma relação não apenas com etnia e gênero, mas também com sexualidade, conforme discutido nas hostilidades físicas majoritariamente motivadas por LGBTfobia.

Quadro 05. Proporções entre número de respondentes e experiências separados por grupo social.

Grupo	Qtd. de respondentes	Total de experiências	Média (experiência por pessoa)
Mulheres Cis Brancas	26	126	4,85
Mulheres Cis Não Brancas	29	155	5,34
Homens Cis Brancos	06	19	3,17
Homens Cis Não Brancos	15	74	4,93

Pessoas Trans Brancas	13	97	7,46
Pessoas Trans Negras	13	41	3,15
Geral	102	510	5

Fonte: Elaboração própria (2022).

Além disso, o grupo em maior vulnerabilidade mapeado foi o de pessoas trans brancas, com uma média mais alta que a geral, sendo o único grupo que fugiu ao padrão. Visto que, no locus social voltado à vulnerabilidade, pessoas não brancas estão em uma situação mais instável que pessoas brancas. Tal padrão foi percebido ao se comparar a vivência de mulheres e homens cis em que as médias de pessoas não brancas são maiores.

Essa é uma demanda que precisa ser avaliada mais a fundo, buscando entender as motivações que geraram tal perfil, como também um estudo direcionado a esses grupos para entender melhor a sua dinâmica com a hostilidade. Sendo assim, uma questão em aberto para uma possível continuação ou ampliação desta pesquisa em outro grau acadêmico.

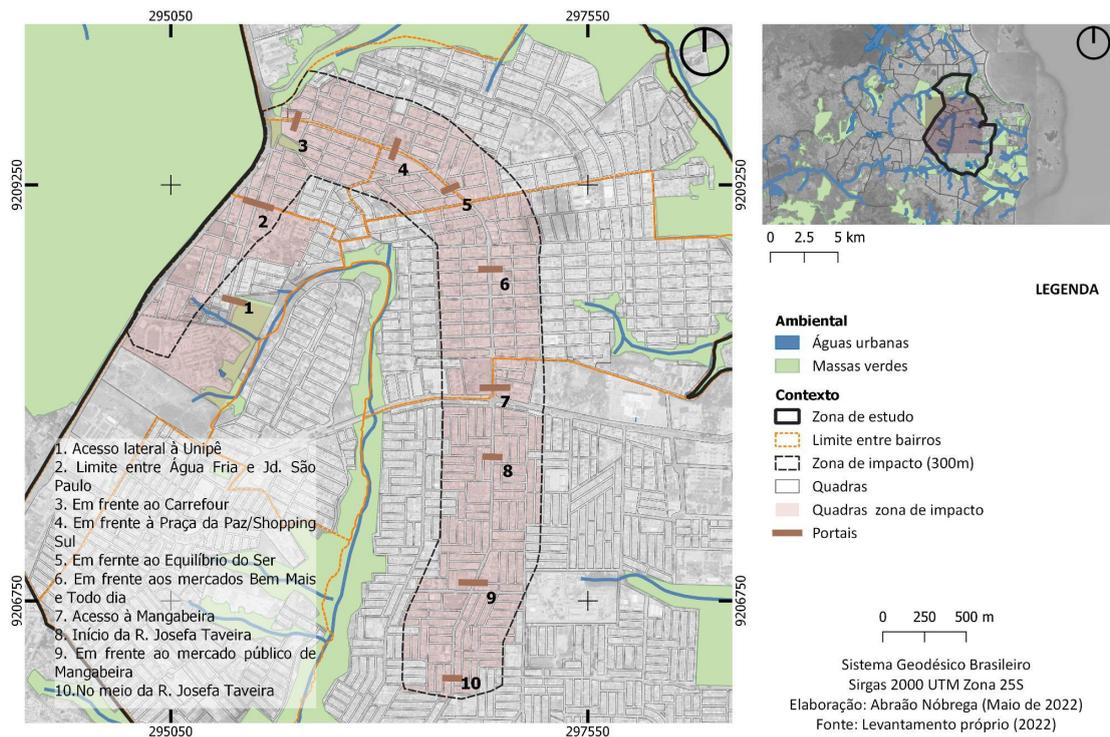
5.2. TENDÊNCIAS DE MOVIMENTAÇÃO

A aplicação dos portais, com base em Vaughan (2001), foi realizada buscando entender as tendências de movimento dos grupos e a proporção entre as formas de deslocamento. Para tal, a distribuição dos portais, ao longo da zona de impacto das vias (300m), foi desenvolvida com a vinculação direta a âncoras urbanas. Ou seja, considerando territorialidades que tenham potencialmente atração de fluxo com base em suas funções, resultando nas imediações de campus universitário, shopping, praças e mercados de maior porte, conforme a figura 35.

Como o método de contagem de portais é caracterizado por uma ação sistemática de numeração de passantes (sejam pedestres ou veículos), sem que haja um contato direto entre o aplicador e o grupo avaliado, foram criadas categorias que não ferem o princípio de auto afirmação/definição étnico e de gênero. Pois, como não era possível confirmar a identidade individualmente, optou-se pela criação de grupos com potencial equivalente tendo por base a percepção do aplicador.

Sendo assim, sob o ponto de vista de gênero, ao invés da classificação como homens ou mulheres, a definição utilizada foi de pessoas que exercem o masculino ou feminino. Assim como, para os termos referentes a grupos étnicos, foram utilizadas as expressões pele clara ou escura, como equivalências. Deste modo, as definições englobam os pedestres em quatro grupos, tendo também chaves de contagem para carros, motos, bicicletas e ônibus.

Figura 35. Distribuição dos portais.



Fonte: Elaboração própria (2022).

A aplicação foi realizada em três turnos, manhã (09:00-10:30), entardecer (12:00-13:30) e tarde (15:00-16:30), almejando destacar diferentes padrões de movimentos a depender do período do dia. Foram realizadas, ao todo, seis visitas distribuídas entre dias úteis e finais de semana, conforme esquematizado individualmente no apêndice B. As principais tendências observadas foram:

- I. O portal 1 não obteve resultados expressivos no que diz respeito ao fluxo tanto pedestrianizado quanto veicular. Uma possível causa para isso pode ser o horário do levantamento, visto que, não era compatível necessariamente com o início ou término de atividades no campus universitário, reduzindo assim a motivação de pessoas se deslocarem

- durante o período do levantamento. Tendo aos finais de semana, uma redução quase total para o trânsito tanto a pé, quanto de outros modais.
- II. No portal 7 não houve resultados significativos no trânsito a pé. Possivelmente é uma consequência da pouca infraestrutura possível para o deslocamento nesse modal, além do estímulo ao trânsito veicular e coletivo, pois os modais não ativos obtiveram valores muito maiores.
 - III. O portal 2 obteve resultados muito próximos, considerando todos os levantamentos, além de apresentar resultados bastante proporcionais ao comparar tanto o aspecto étnico quanto o gênero, além da dicotomia entre mobilidade ativa e não ativa.
 - IV. Os portais 3, 4 e 5 evidenciam a relação de um fluxo veicular mais intenso e a via principal que se estende ao longo da zona estudada (no caso do trecho compreendido pelos portais a Av. Bancário Sérgio Guerra). Também destacam o impacto da presença da Praça da Paz e da Praça do Equilíbrio do Ser como atrativos para a presença de pessoas, por também concentrarem valores expressivos nos passantes a pé.
 - V. Os portais 8, 9 e 10 destacam a tendência de maior presença de pessoas de pele escura, como também de maior fluxo de pedestres, principalmente ao considerar as imediações do mercado público de Mangabeira. Essa questão pode ser oriunda da grande variedade de atividades presentes no bairro, atuando como uma centralidade para a região sul da cidade. Como também pela sobreposição do fator étnico e classe socioeconômica, visto que Mangabeira é um bairro localizado próximo à periferia do território do município e apresenta herança de ocupação por classes mais pobres.
 - VI. É evidente também a redução do transporte coletivo ao comparar dias úteis e finais de semana. Há uma queda na quantidade de veículos em atuação, aumentando os tempos de espera e deslocamento na cidade. No entanto, o fluxo pedestrianizado e o de veículos individuais, de maneira generalista, não tiveram mudanças significativas na mesma comparação aos ônibus.
 - VII. Ao buscar conexões no perfil dos passantes a tendência geral é da criação de uma espécie de hierarquização na frequência de seus deslocamentos. Ou seja, pessoas que exercem o masculino com pele clara foram o grupo dominante, seguidos por pessoas que exercem o feminino também de pele clara, para então repetir o mesmo padrão, masculino e após o feminino também para aqueles com peles escuras.

O quadro 06 apresenta as médias gerais encontradas, considerando todos os dias levantados, dividindo os resultados entre modais ativo (pedestres e ciclistas) e não ativo (carros, motos e transporte coletivo). Um dos fatores que afetou a coleta dos dados e se reflete em sua amostragem abaixo foram as condições climáticas do período de levantamento. Por se tratar de um contexto chuvoso o trânsito veicular, de modo geral, acabou por sofrer com lentidão e alguns engarrafamentos, o que repercutiu numa baixa quantidade de passantes. Em contrapartida, o número de transeuntes em modais ativos teve também um valor excedente em decorrência de, durante chuvas pontuais, pessoas correrem para se abrigar.

Quadro 06. Médias gerais dos portais considerando todos os dias de levantamento.

	Dia útil	Modal Ativo	Modal Não Ativo	Fim de semana	Modal Ativo	Modal Não Ativo
Manhã (09:00 até as 10:30)	Portal 1	29,75	20,75	Portal 1	3	3
	Portal 2	34,5	20,5	Portal 2	23	15,5
	Portal 3	62,25	52,25	Portal 3	42	35
	Portal 4	89,25	69,25	Portal 4	67,5	49,5
	Portal 5	77,25	54,25	Portal 5	52	41
	Portal 6	92,75	54,25	Portal 6	71	37
	Portal 7	10,5	54	Portal 7	7	37
	Portal 8	105	50,25	Portal 8	76,5	37
	Portal 9	148,75	49,5	Portal 9	100,5	38
	Portal 10	118,5	36	Portal 10	88,5	24,5
	Dia útil	Modal Ativo	Modal Não Ativo	Fim de semana	Modal Ativo	Modal Não Ativo
Entardecer (12:00 até as 13:30)	Portal 1	11,5	8,25	Portal 1	5	3
	Portal 2	19,25	16,25	Portal 2	14,5	8
	Portal 3	74,25	68,5	Portal 3	48,5	50
	Portal 4	81	71,75	Portal 4	64,5	53
	Portal 5	57,5	54,25	Portal 5	38	44,5
	Portal 6	76,25	56,75	Portal 6	54,5	44,5
	Portal 7	8,75	41,75	Portal 7	3,5	28,5
	Portal 8	88,5	59,25	Portal 8	67,5	43,5
	Portal 9	126,5	51	Portal 9	95	39
	Portal 10	105	48	Portal 10	82,5	37
	Dia útil	Modal Ativo	Modal Não Ativo	Fim de semana	Modal Ativo	Modal Não Ativo

Tarde (15:00 até as 16:30)	Portal 1	7,25	8	Portal 1	0,5	1,5
	Portal 2	40,75	22,5	Portal 2	33,5	15,5
	Portal 3	43,25	37,75	Portal 3	38	31,5
	Portal 4	71	41,75	Portal 4	65	35
	Portal 5	68,25	41	Portal 5	55,5	32
	Portal 6	65,75	35,75	Portal 6	55	28
	Portal 7	6,25	39,25	Portal 7	2	28,5
	Portal 8	82,5	44,5	Portal 8	69	41,5
	Portal 9	130,5	38,5	Portal 9	96	33,5
	Portal 10	112,75	37	Portal 10	93	41

Fonte: Elaboração própria (2022).

Embora seja perceptível certas tendências de deslocamento, presença de grupos em determinados bairros e possíveis justificativas para tais padrões encontrados; foi entendido que tais apontamentos não possuem uma robustez necessária para uma afirmação mais concreta. Para tal, seria necessário aumentar a quantidade de visitas e variantes de turnos, englobando também o trânsito noturno, além disso, também se recomendaria a inserção de mais portais para uma avaliação com maior robustez. Também seria vital a conexão com outro método de leitura espacial que apontasse de fato os fluxos e pontos de interesse para os grupos sociais. Assim, com uma integração maior entre práticas de leitura social e urbana, poderia se confirmar com maior solidez as tendências aqui levantadas.

Por fim, nesta seção da pesquisa, a percepção sobre a interseccionalidade e a vulnerabilidade ficam em evidência ao avaliar os dados gerados por meio do questionário. Visto que, os grupos que estão num espaço de intersecção entre minoração social, considerando simultaneamente gênero e etnia, se mostraram mais representativos nos dados mapeados sobre violência. Além disso, foi perceptível o prelúdio das tendências de movimentação, que puderam ser reafirmadas nos perfis de hostilidade mapeados na seção a seguir, com relação às localidades críticas por grupo.

6. DIAGNÓSTICO GEOPROCESSADO

6.1. PARÂMETROS PARA AVALIAÇÃO

Para o encerramento dos diagnósticos foi realizada a leitura geoprocessada das experiências com a hostilidade urbana oriundas do questionário. O quadro 07 ilustra a distribuição final dessas situações em cada bairro estudado, considerando a informação total, ou seja, sem destrinchar nos diferentes grupos sociais. Essa primeira abordagem foi desenvolvida para entendimento generalista da tendência de densidade das hostilidades mapeadas com os 102 participantes, sendo uma avaliação posteriormente comparada com os seguintes grupos:

- I. Mulheres cisgênero brancas;
- II. Mulheres cisgênero não brancas (englobando dados de mulheres negras e amarelas);
- III. Homens cisgênero brancos;
- IV. Homens cisgênero não brancos (englobando dados de homens negros, amarelos e indígenas);
- V. Pessoas transgênero brancas;
- VI. Pessoas transgênero negras.

A divisão acima foi desenvolvida após uma reflexão sobre a relevância numérica de alguns grupos, pois esses não obtiveram resultados significativos para aplicação da densidade de calor Kernel individual. Por isso, foi realizado o agrupamento de etnias distintas, criando um grupo nomeado como “não brancos”. Afinal, produzir a avaliação de densidade com apenas respostas de com uma ou duas pessoas não seria nem minimamente representativo ao seu grupo, nem funcional para o trabalho. Dessa forma, para não criar grupos em excesso, prejudicando a qualidade da avaliação, pessoas não brancas tiveram suas vivências unificadas. Assim como, homens transgênero, travestis e pessoas não binárias tiveram suas respostas compiladas num único grupo (pessoas trans).

Quadro 07. Quantidade de experiências com a hostilidade referente aos 102 respondentes.

Bairro	St. 1	St. 2	St. 3	St. 4	St. 5	St. 6	St. 7	St. 8	Total
Água Fria	8	4	3	4	3	0	0	0	22
Anatólia	32	9	10	3	0	0	0	0	54

Bancários	47	8	15	10	9	6	4	1	100
Castelo Branco	36	8	5	4	3	2	0	0	58
Cidade dos Colibris	1	3	2	1	0	4	0	0	11
Jardim Cid. Universitária	10	17	10	10	10	5	0	0	62
Jardim São Paulo	17	9	13	2	1	0	0	0	42
José Américo	8	1	2	2	3	2	0	4	22
Região 1 Mangabeira	13	13	7	15	8	0	0	0	56
Região 2 Mangabeira	12	3	10	2	0	0	0	0	27
Região 3 Mangabeira	16	20	2	11	0	0	0	0	49
Região 4 Mangabeira	3	2	0	1	1	0	0	0	7

Fonte: Elaboração própria (2022).

Para a distribuição dos valores acima foi utilizada a ferramenta de geração de pontos ao longo do polígono no Qgis 3.10, assim espacializando a informação de hostilidade em cada um dos setores. Ao finalizar a locação dos pontos foi aplicada a fórmula quártica do interpolador da densidade de calor Kernel, utilizando como referência um raio de 500m para a geração das tendências de hostilidade geral e segmentada por grupo, conforme descrito na seção do método e abordado a seguir.

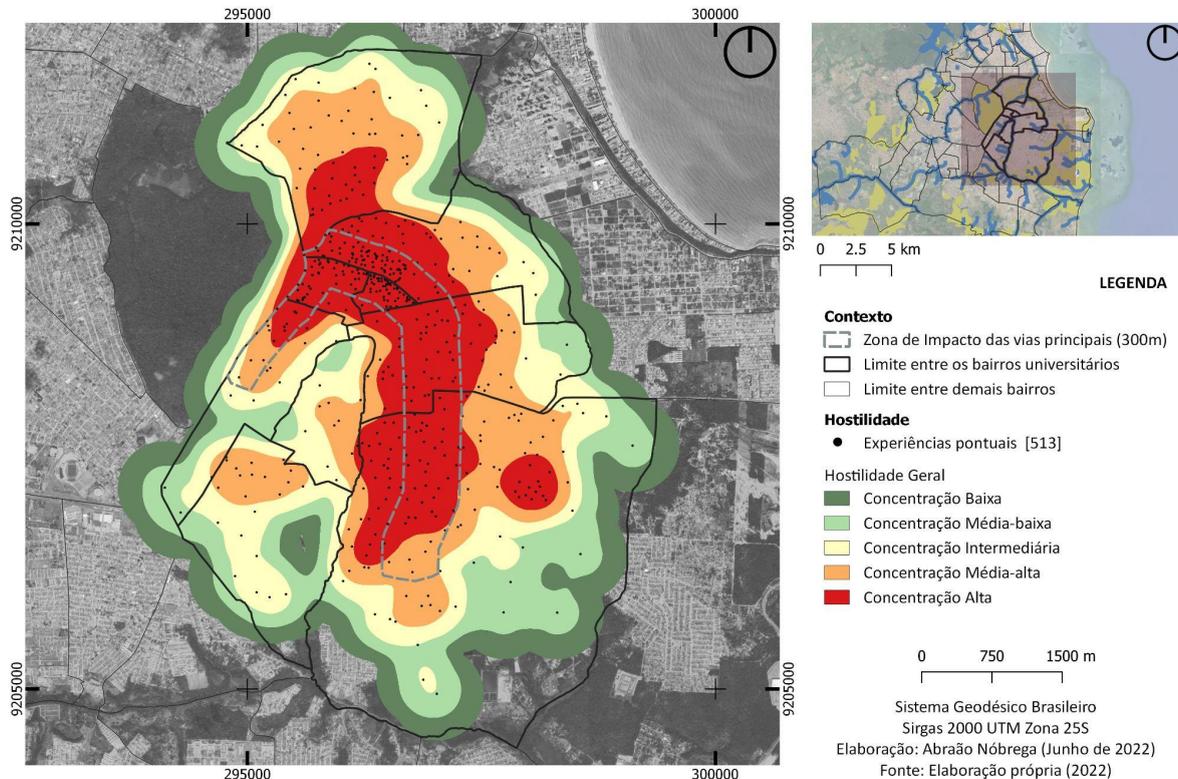
6.2. TENDÊNCIA DA HOSTILIDADE SINTÉTICA

A tendência de hostilidade sintética, isto é, referente a todos os grupos, (figura 36) reforça uma relação com as vias de maior fluxo, como já entendido nas avaliações preliminares. A zona de impacto das vias (300m) que foi o foco das análises físicas e sociais mais detalhadas fica quase integralmente na zona de maior concentração de hostilidade, com exceção da porção que engloba o campus universitário Unipê em Água Fria e um trecho na R. Josefa Taveira em Mangabeira.

Há, no entanto, duas regiões que se destacam com relação à espacialidade principal: o trecho ao sul do Castelo Branco, compreendendo uma porção do Centro

de Tecnologia da UFPB, como também, um recorte em Mangabeira que engloba a sede do DETRAN-PB e região de entorno.

Figura 36. Perfil da hostilidade urbana (todos os grupos) presente no recorte.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao direcionar a avaliação a essas territorialidades, o que se destaca é que ambas atraem fluxos com base em sua função, gerando diversas movimentações diárias, incluindo pessoas e carros. Além disso, também apresentam conexões com vias de intenso tráfego veicular, tanto individual quanto coletivo. No caso da UFPB, ela é tangenciada pela Via Expressa Padre Zé, que conecta o fluxo vindo dos Bancários, Água Fria e demais bairros vizinhos, com o corredor da D. Pedro II. Já o DETRAN-PB tem conexões com a rua Desportista João Apóstolo de Souza que integra uma das principais rotas de transporte público na porção leste do bairro, relacionando-o ao ponto final de diversos itinerários.

Outra questão em destaque é que a região de maior hostilidade é concentrada, majoritariamente, ao longo de espaços de passagem com pouca presença de ambientes de permanência. Essa baixa quantidade pode ser caracterizada ao se observar o eixo entre Jardim São Paulo e Mangabeira, pois

apenas três praças equipadas e arborizadas estão presentes nesse trecho. Elas são: a Paz nos Bancários, a Capitão Ulysses da Silva Costa no Jardim Cidade Universitária e a Cristo Rei em Mangabeira, tornando evidente a pouca quantidade de espaços de qualidade para a sociabilização e permanência.

Sendo assim, além das problemáticas apontadas no levantamento físico sobre forma urbana e arquitetônica, interfaces e usos do solo, fica em evidência essa nova camada — sobre ser apenas uma passagem — que atribui ao espaço a possibilidade de favorecer comportamentos hostis. Pois, ambiências de passagem, além de não terem atributos que favoreçam a permanência, ao priorizarem o trânsito veicular, amparam experiências hostis em diversos formatos aos pedestres.

Outra característica levantada, para destaque do padrão geral encontrado, foi a relação entre número de casos por área territorial dos bairros, gerando uma média de hostilidade por hectare. O quadro 08 ilustra essa relação. Era esperado valores baixos em consequência do número de respondentes que aderiram ao questionário, no entanto, ainda assim, alguns bairros recebem destaque em seus índices.

Quadro 08. Proporções entre área territorial e casos de hostilidade, com destaque em vermelho para valores acima da média e em verde para valores abaixo da média.

Bairro	Área (ha)	Casos de hostilidade	Média de hostilidade por ha
Água Fria	157,7	22	0,14
Anatólia	17,28	54	3,13
Bancários	218,97	100	0,46
Castelo Branco	364,41	58	0,16
Cidade dos Colibris	108,46	11	0,10
Jardim Cid. Universitária	242,45	62	0,26
Jardim São Paulo	38,42	42	1,09
José Américo	255,77	22	0,09
Mangabeira	1044,26	139	0,13
Total	2447,72	510	0,21

Fonte: Elaboração própria (2022).

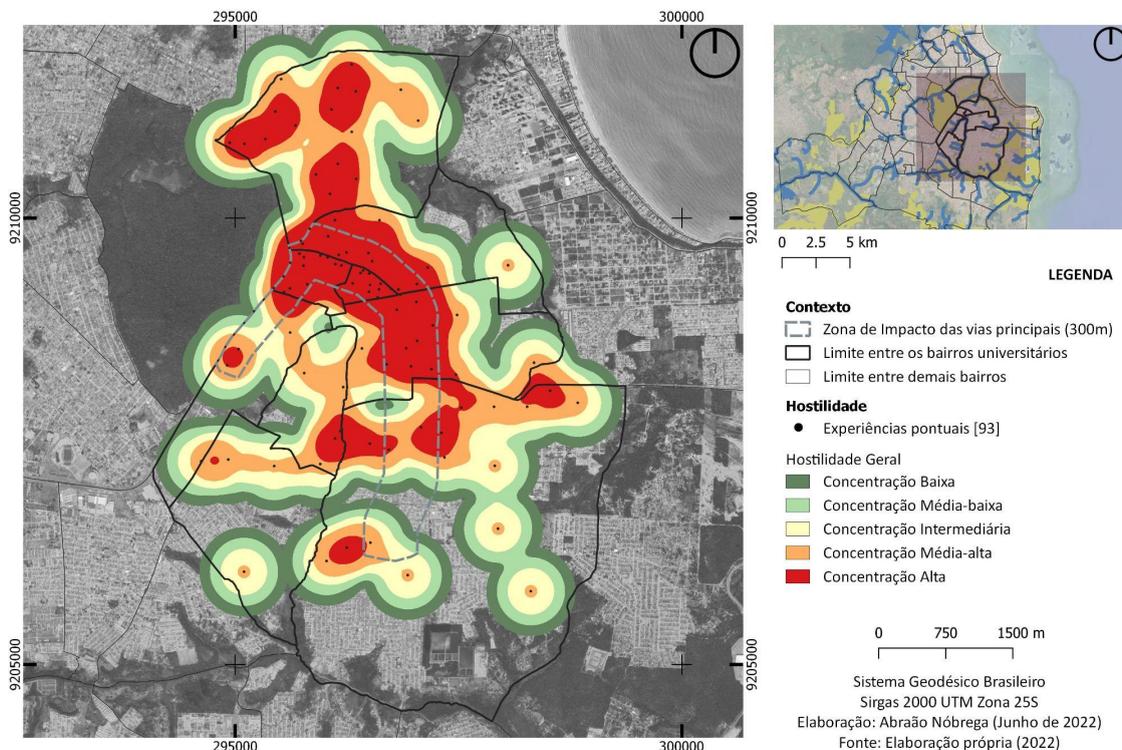
Anatólia e Jardim São Paulo, por serem os menores bairros presentes no recorte, extrapolaram o padrão e resultaram em valores acima de 1 caso por hectare, mesmo que tenham outros bairros com valores absolutos de hostilidade

maiores. No entanto, mesmo tendo territórios grandes, Bancários e Jardim Cidade Universitária apresentaram valores acima da média geral, em decorrência de uma maior quantidade de casos mapeados. Deste modo, destacam-se como bairros mais relacionados com a concentração de hostilidade, assim como Mangabeira que, embora concentre o maior valor absoluto de experiências hostis, também detém uma área muito grande, o que fez sua média cair. Em contrapartida, bairros como José Américo e Cidade dos Colibris apresentaram os menores valores, tanto em consequência da área territorial vasta quanto dos valores absolutos.

6.3. TENDÊNCIA DA HOSTILIDADE POR GRUPO SOCIAL

No que diz respeito ao perfil da hostilidade contra homens cis (figura 37) pode-se destacar que a área crítica, a que concentra a maior quantidade, diferentemente do perfil geral, é dispersa. Mantém, como conexão ao padrão geral, uma massificação de casos ao longo da Av. Bancário Sérgio Guerra, concentrando casos em Bancários, Anatólia e Jardim São Paulo, mas há a tendência de dispersão de dados por outras territorialidades.

Figura 37. Perfil de hostilidade contra homens cis (negros, indígenas, amarelos e brancos).



Fonte: Elaboração própria (2022).

A dispersão tem vínculos com as concentrações pontuais mapeadas, como por exemplo, nos três primeiros setores do bairro Castelo Branco, compreendendo o campus I da UFPB e sua região de entorno, como também as comunidades São Rafael e Santa Clara. Observando tais regiões pode-se apontar que potencialmente as relações de hostilidade terão conexão com a grande atratividade de movimento no caso da UFPB, enquanto nas outras regiões pode-se destacar a presença majoritária de habitações, além disso, também são áreas de maior vulnerabilidade social, com presença de zonas de risco e problemáticas de segurança por uma relação com criminalidade em espaços pontuais.

Além disso, reforçando o aspecto de dispersão, há outras espacialidades com concentrações pontuais de experiências hostis espalhadas pelo território do recorte. Os casos se espalham em espaços como o Campus universitário Unipê em Água Fria, o Mangabeira Shopping e trechos da R. Josefa Taveira, reforçando o padrão já discutido sobre a relação com a atratividade de fluxos. Como também, mantém uma concentração de casos com maior uniformidade no eixo Jardim São Paulo - Mangabeira, reforçando a ideia do vínculo da hostilidade e espaços de passagem.

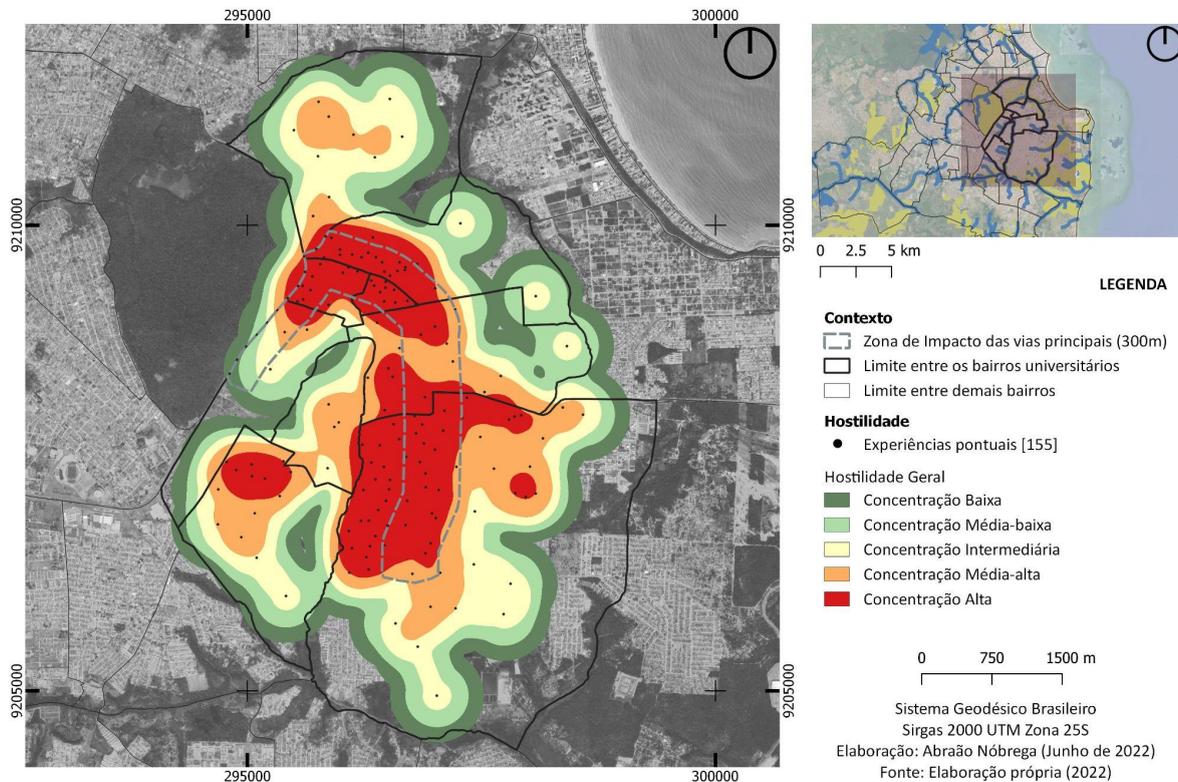
Considerando a vivência feminina, dada a adesão ao questionário, a avaliação foi separada entre mulheres cis brancas e mulheres cis não brancas (englobando negras e amarelas). Conforme as figuras 38 e 39 fica em evidência uma proximidade com o padrão geral pela concentração crítica mais uniforme manter-se no eixo já abordado no padrão geral, mas há particularidades.

Avaliando, especificamente o padrão de mulheres cis não brancas, é destacável uma maior relação com a hostilidade em três regiões consolidadas. A primeira engloba a tríade territorial de Anatólia, Bancários e Jardim São Paulo, sendo um padrão repetido nos demais grupos e no perfil geral, reforçando a problemática espacial dessa localidade, potencialmente pela baixa quantidade de espaços de permanência e alta presença de interfaces de pouca permeabilidade.

A segunda região em destaque é compreendida por uma larga faixa territorial de Mangabeira, extrapolando o padrão geral, o que reforça uma maior vivência de mulheres não brancas no bairro, corroborando com a tendência mapeada na

contagem de portais do diagnóstico social, expandindo no sentido do Mangabeira Shopping e também para as áreas majoritariamente residenciais do bairro.

Figura 38. Perfil de hostilidade contra mulheres cis não brancas (negras e amarela).



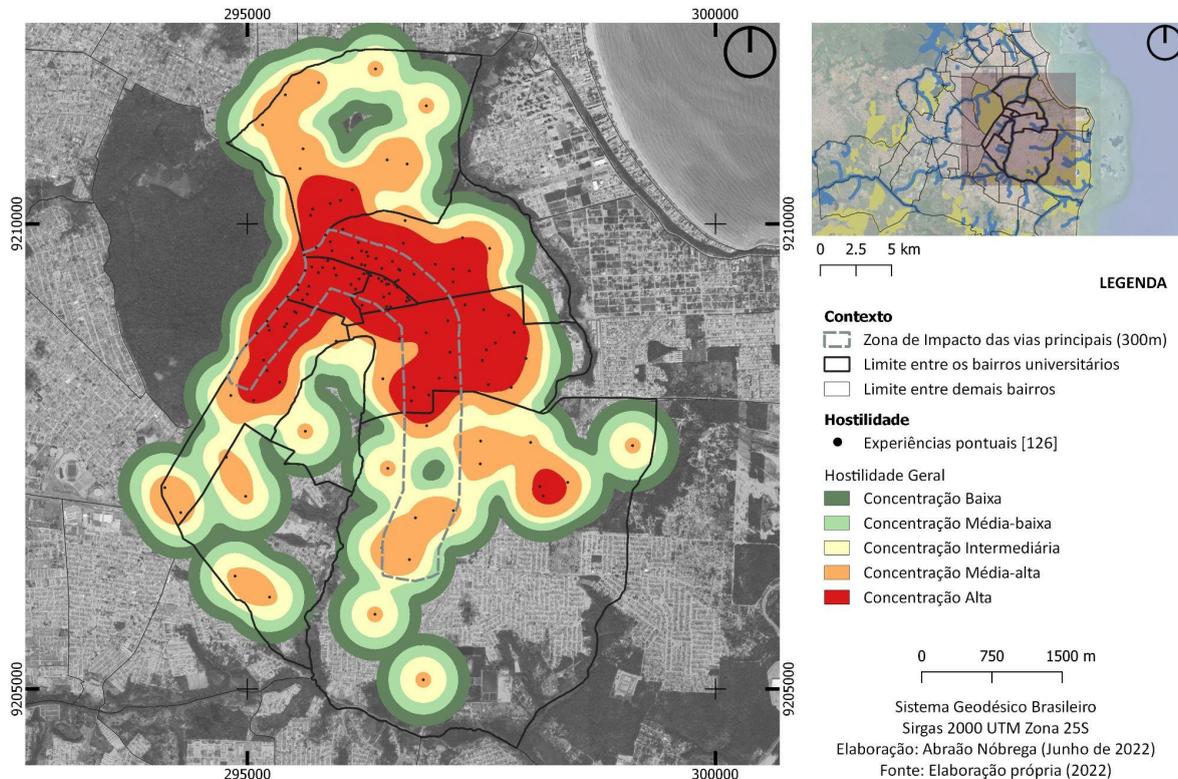
Fonte: Elaboração própria (2022).

A terceira região crítica é compreendida por um trecho no José Américo, bairro em que 82% das experiências hostis foram contra mulheres, destacando uma problemática pontual em relação à vivência feminina no bairro. Essa região crítica fica nas imediações da AeC, empresa de telemarketing, sendo uma importante atração de fluxos na região, como também tendo uma área residencial em seu entorno. Por fim, o perfil de mulheres cis não brancas na distribuição das áreas críticas de hostilidade, é o mais semelhante à tendência geral.

No caso de mulheres cis brancas, a concentração de hostilidade em Mangabeira é bem menor, exceto a região do DETRAN-PB. O contraponto se dá por uma área crítica mais consolidada na região do Jardim Cidade Universitária e Bancários. Em tais bairros é percebida uma tendência de expansão dos casos rumo aos limites, tendo proximidade aos limites do bairro, principalmente nas áreas residenciais. Além disso, também apresenta um prolongamento da zona crítica para

a região do campus universitário UNIPÊ, reforçando que as tendências de movimento de mulheres cis brancas apresentam maior relação com tais bairros.

Figura 39. Perfil de hostilidade contra mulheres cis brancas.



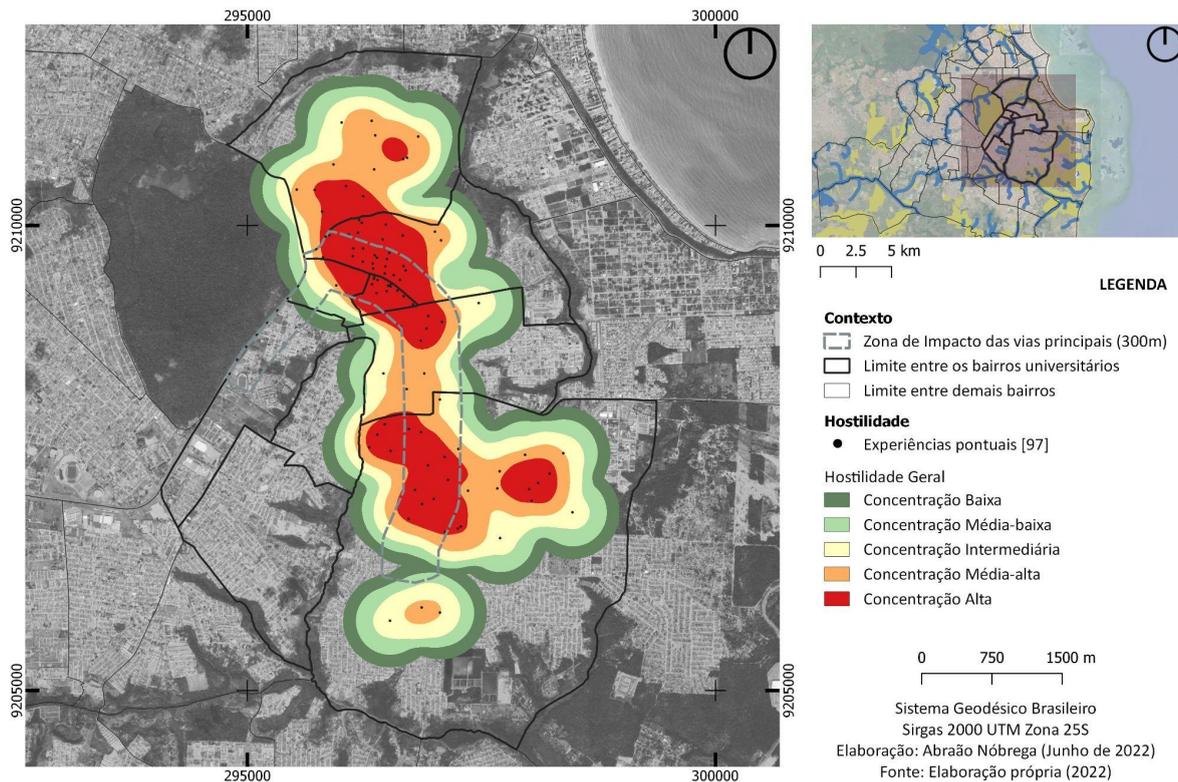
Fonte: Elaboração própria (2022).

Em relação ao perfil da hostilidade contra pessoas trans brancas (figura 40) primeiramente se destaca que as respostas foram exclusivamente de pessoas não binárias e a tendência é semelhante ao mapeado na vivência de mulheres cis não brancas, no entanto com uma área crítica menor.

A concentração mais uniforme dos casos está na tríade Anatólia, Bancários e Jardim São Paulo, mas o que difere do padrão geral é que, no caso de pessoas trans brancas, há um deslocamento na concentração, rumando ao Castelo Branco. Por isso, percebe-se uma redução da presença do Jardim São Paulo na zona crítica. Sendo assim, a maior concentração de casos ainda permanece com maior vínculo com o eixo da Av. Bancário Sérgio Guerra, porém deixando de englobar toda a região residencial do Jardim São Paulo.

Esse deslocamento, no entanto, é consequência também da maior densidade de casos vivenciados na região de limite entre Bancários e Castelo Branco, que também é uma área de ocupação residencial caracterizada por um público universitário. E, como a região de limite entre os bairros está próxima ao campus que também concentrou algumas experiências, há o deslocamento da zona crítica.

Figura 40. Perfil de hostilidade contra pessoas trans brancas.



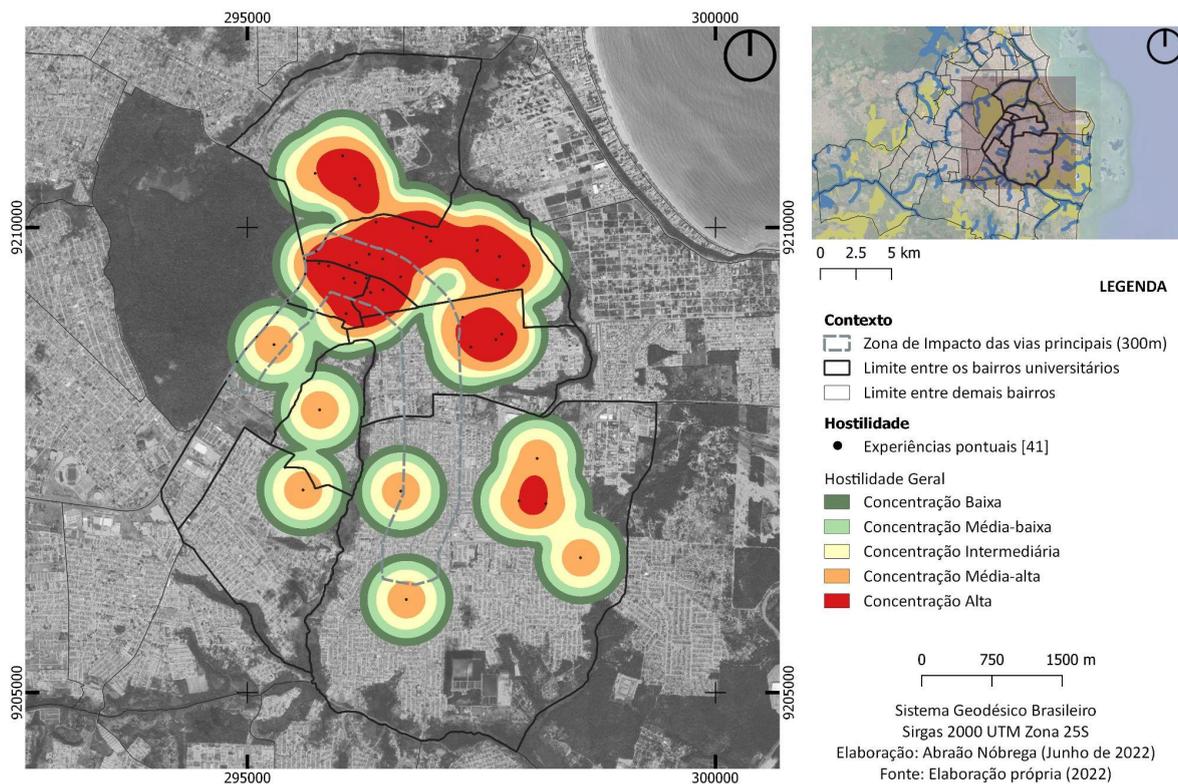
Fonte: Elaboração própria (2022).

Além disso, há a presença de uma mancha crítica fora do campus, alocada no setor cinco, todavia ela é em suas imediações, na região próxima à residência universitária, como também a uma área residencial que também tem perfil do mesmo público. Reforçando que, no caso de pessoas trans brancas, há predominância de um perfil universitário nos respondentes. Seguindo para a segunda região que concentra casos para esse grupo, em Mangabeira o que é destacável é a repetição do padrão já discutido nas tendências de grupos anteriores, destacando a relação com o alto fluxo da R. Josefa Taveira e também nas imediações do DETRAN-PB.

O último grupo é referente à vivência de pessoas trans negras, englobando homens trans, travestis e pessoas não binárias (figura 41) e seu perfil tem tendências particulares em relação aos demais. Esse é o único grupo que concentra a área crítica num eixo transversal ao recorte, diferentemente dos demais que tem um eixo longitudinal.

Além disso, a área crítica engloba os Bancários quase em sua totalidade, tendo uma expansão rumo ao limite do bairro, apresentando casos ao longo do eixo das “três ruas”, sendo uma região de alto fluxo pela conexão para a UFPB, bem como, por ter bares e atrativos noturnos ao longo das vias. Há também casos concentrados na região que compreende a comunidade Timbó, sendo uma área urbana ainda em expansão, com lotes vazios e grandes áreas muradas.

Figura 41. Perfil de hostilidade contra pessoas trans negras.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Outro ponto de destaque é que, ao avaliar a zona crítica presente no Castelo Branco, percebe-se que só existem casos de hostilidade no campus da UFPB, sendo outra característica exclusiva ao grupo em questão, sendo possivelmente fruto de problemáticas internas ao campus. Já em Mangabeira, o padrão é de baixa

presença de casos, com exceção da região do DETRAN-PB, espacialidade que já foi apontada na vivência dos demais grupos, entendida como uma região com grande potencialidade hostil a todos e que se classifica como um importante foco para análises futuras de continuidade desta pesquisa por ter uma dinâmica excedente no bairro e ser palco de hostilidade para todos os grupos aqui avaliados.

6.4. AVALIAÇÃO DAS ÁREAS CRÍTICAS

Para o encerramento do diagnóstico geoprocessado, foi realizada uma avaliação diretamente sobre as áreas críticas. Para tal, fez-se a extração dos contornos ao longo das zonas críticas para a geração de polígonos vetorizados e assim, o cálculo de áreas. O quadro 09 apresenta a área territorial em hectares das zonas mais críticas para cada um dos grupos e também para o perfil geral.

Quadro 09. Áreas das regiões críticas separadas por grupo social.

Grupo	Área (ha) da região crítica de hostilidade
Geral	557
Mulheres cis negras	441,5
Mulheres cis brancas	430,2
Homens Cis	367
Pessoas trans brancas	241,8
Pessoas trans negras	224

Fonte: Elaboração própria (2022).

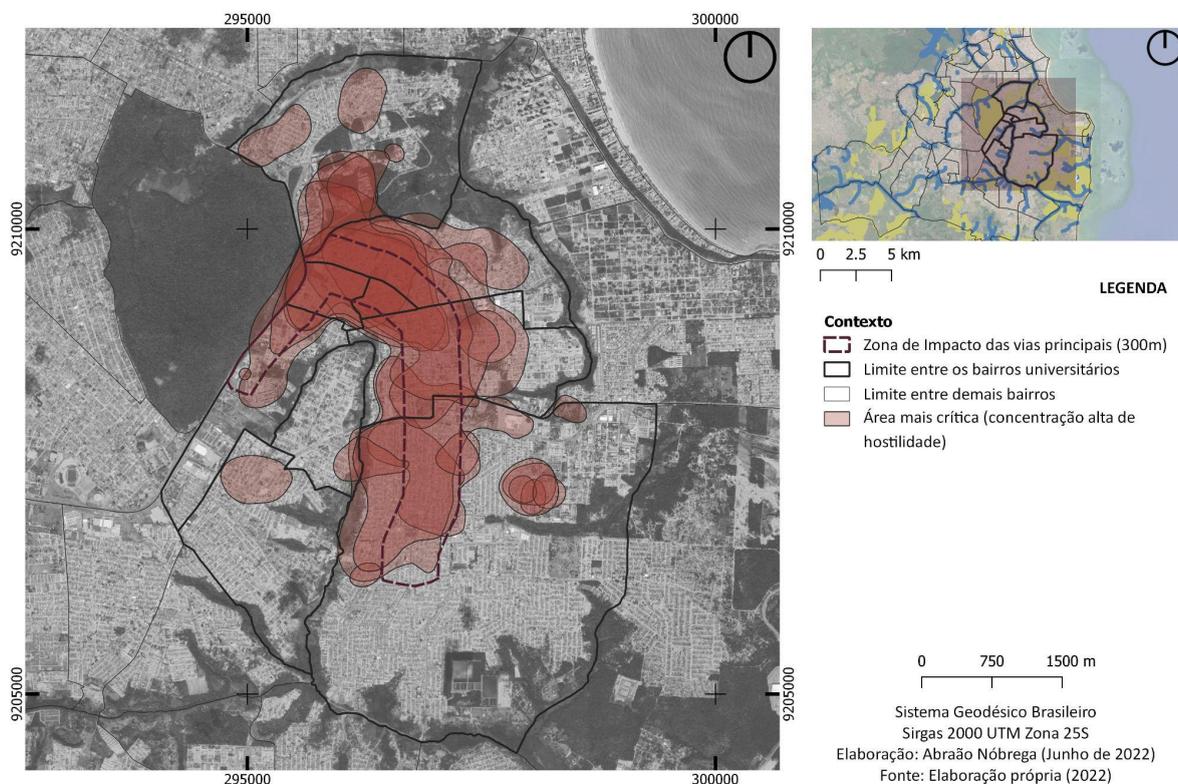
Como já discutido na avaliação dos perfis, pode-se destacar os seguintes pontos com relação à métrica das áreas críticas:

- I. A vivência de mulheres cis não brancas e sua zona de maior hostilidade é a que tem o perfil mais próximo com relação ao geral. Essa questão parte tanto por causa de uma maior adesão ao questionário, quanto pela quantidade de casos e também pela sua dispersão ao longo do recorte.
- II. No caso dos homens cis, sua área da zona crítica consegue ser muito grande, mas é consequência da dispersão descrita, visto que no caso desse grupo, houveram diversas regiões com casos pontuais próximos, distribuindo densidades elavadas em espacialidades específicas.

- III. O perfil de pessoas trans negras evidencia uma área muito concentrada, gerando assim uma zona crítica menor, pois a densificação é majoritária no eixo Anatolia - Bancários.

A figura 42 espacializa a sobreposição entre as áreas críticas de todos os grupos individualmente e também do perfil generalista. Assim, reforça como o eixo Jardim São Paulo — Mangabeira concentra a região com maior problemática da hostilidade urbana, em consonância aos problemas com os atributos físicos e sociais já discutidos ao longo dos diagnósticos.

Figura 42. Sobreposição entre áreas críticas de hostilidade de todos os grupos.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Além disso, o quadro 10 completa a informação, trazendo também os valores quantitativos da relação entre zona crítica x território dos bairros. Destacando numericamente questões como a totalidade territorial de Anatolia (em todos os grupos) estar incluída na área crítica de hostilidade. Assim como o Jardim São Paulo, quase também atingir a totalidade em zona crítica. No entanto, bairros como José Américo e Cidade dos Colibris tiveram participações nula e irrisória, respectivamente, na região crítica geral.

Quadro 10. Proporção territorial ocupada pela área crítica de hostilidade em cada bairro, considerando o perfil sintético (todos os grupos).

Bairro	Área (ha) da região crítica no território de cada bairro	% do território do bairro em área crítica
Água Fria	19,65	12,46%
Anatólia	17,28	100,00%
Bancários	91,37	41,73%
Castelo Branco	61,70	16,93%
Cidade dos Colibris	2,52	2,32%
Jardim Cid. Universitária	124,85	51,50%
Jardim São Paulo	36,84	95,89%
José Américo	0	0,00%
Mangabeira	193,23	18,50%

Fonte: Elaboração própria (2022).

Essa relação reafirma a questão da relação entre número de casos por hectare, visto que, os índices de maior valor permanecem em Anatólia e Jardim São Paulo, tendo também valores consideráveis nos Bancários e Jardim Cidade Universitária. Mangabeira permanece com indicativo de baixa participação na zona crítica como consequência de sua vastidão territorial e os demais bairros, embora tenham sim concentrações maiores ou menores, acabam com uma porcentagem não tão grande ao ponto de classificá-los numa necessidade de avaliações mais detalhadas das dinâmicas vivenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas avaliações e reflexões aqui descritas foi possível observar como os atributos do espaço urbano tem relação com o fenômeno social da hostilidade. Além disso, também é possível destacar como a vivência da cidade é diferente com base em quem esteja centrada essa percepção.

A possibilidade de acesso, liberdade e segurança são completamente distintas ao se observar a sexualidade, gênero, etnia e outras diversas camadas que compõem um indivíduo. Sendo assim, um dos primeiros pontos a se refletir aqui é sobre como as avaliações urbanas são desenvolvidas de formas neutras. Utilizam, de modo geral, indicadores que não qualificam o indivíduo referenciado para a análise, por conseguinte, direcionando a estudos que tendem a extrair a informação centrada no sujeito idealizado no planejamento urbano. E todos aqueles que fujam a esse padrão, seja por aspectos econômicos, sociais e ou físicos, terão sua percepção da cidade negada, bem como sofrerão com o apagamento de suas problemáticas, mantendo assim um ciclo permeando uma exclusão constante.

Por isso, é necessária a criação de novas formas de leitura do espaço urbano, ou reestruturação e adaptação dos métodos de decomposição e avaliação existentes, para que passem a considerar aspectos como gênero e etnia nos desenvolvimentos de perfis e vivências. Com isso, também é destacável a necessidade pela interdisciplinaridade, pois ao buscar diferentes formas de se entender o espaço, é possível integrar mais grupos e mais diversidade para as análises.

Este trabalho só foi possível pela sua articulação técnica e teórica com campos como o direito, a geografia, a sociologia, filosofia e outros. Ou seja, para uma leitura mais integrativa e interseccional do espaço urbano, são relevantes avaliações orientadas ou relacionadas por:

- I. Métodos de leituras sociológicas e antropológicas, possibilitando assim maior autonomia para entendimento de fluxos, interação entre grupos, relações socioafetivas entre pessoas x pessoas e pessoas x espaço, bem como do entendimento de componentes estruturais que movem a construção social;

- II. Métodos pautados nas percepções geográficas do espaço, considerando questões étnicas, culturais, sociais, morfológicas, entre outros;
- III. Leituras e espaços comuns do estudo da cidade entre a arquitetura e urbanismo com a psicologia ambiental e o direito urbano, articulando características físicas do espaço, pela avaliação pautada pelo/a arquiteto/a urbanista, com questões comportamentais e suas reverberações político-administrativas, dentre outras possibilidades de interdisciplinaridades;
- IV. Pela busca de novas ferramentas técnicas que possibilitem diferentes meios de representação gráfica de fenômenos ainda pouco explorados ou discutidos nos campos da arquitetura e urbanismo. Sendo assim, a valorização de métodos presentes em softwares para o geoprocessamento de informações, possibilitando uma nova gama de avaliações do espaço.

Partindo para as considerações vinculadas ao objeto físico e a denominação de áreas hostis pode-se destacar a criação de três grupos baseados na concentração média de casos. A distribuição dos bairros ficou da seguinte forma:

- I. Territórios hostis:
 - A. Anatólia e Jardim São Paulo, por terem todo o território compreendido em zonas críticas, seriam os primeiros a serem classificados sob a alcunha de inseguros e/ou hostis. Essa definição é tanto vinculada ao fato desses estarem majoritariamente presentes nas zonas críticas dos grupos estudados, bem como terem as maiores médias na relação hostilidade por hectare.
 - B. O bairro Bancários também é passível de receber tal denominação, pois apresenta valores acima da média geral com uma margem considerável, no que diz respeito à relação hostilidade por hectare. Além disso, é destacável o alto valor absoluto de casos de hostilidade e uma relação territorial considerável na presença de zonas críticas, beirando 50% do bairro.
 - C. O Jardim Cidade Universitária, embora sua média de hostilidade por hectare também seja acima do padrão, mesmo não tendo uma margem tão grande quanto a dos Bancários, ao avaliar os casos absolutos, ele foi o terceiro bairro com índice mais alto. Por isso, também pode ser apontada como uma espacialidade que demanda uma avaliação detalhada de suas características, decompondo a morfologia urbana e os fenômenos sociais com maior detalhamento, buscando um aprofundamento das causas relacionáveis aos índices de hostilidade encontrados.
- II. Territórios em alerta:

- A. O Castelo Branco apresentou áreas pontuais com problemas, como o campus e a região de entorno da UFPB, bem como as imediações das comunidades Santa Clara e São Rafael. No entanto, dada sua área territorial ser uma das maiores do recorte, a média de hostilidade por hectare caiu. Além disso, a participação do bairro nas áreas críticas não engloba grandes porções, por isso mantém-se como uma espacialidade com potencial hostil, mas ainda não com níveis críticos.
- B. Essa questão também é perceptível em Mangabeira que deteve o maior valor absoluto de hostilidade por bairro, porém pela vasta área a média despencou. Embora apresente-se como uma região de referência para a maior parte dos grupos, tendo diversas áreas pontuais com maiores índices de hostilidade, sua participação em áreas críticas é baixa. Por isso, os dois bairros ficam classificados como espacialidades em alerta que demandam avaliações mais aprofundadas para uma possível reavaliação da situação e enquadramento em uma avaliação positiva ou negativa.

III. Territórios neutros:

- A. Água Fria, Cidade dos Colibris e José Américo foram os bairros com os menores índices, tanto na relação entre hostilidade por hectare, como nos casos absolutos e participação nas áreas críticas. Sendo assim, permaneceram como espaços de menor hostilidade. No entanto, dada suas conexões com regiões mais problemáticas, como o caso Água Fria e Jardim São Paulo, bem como de grupos em específico terem concentrações pontuais, como mulheres cis brancas em Água Fria e mulheres cis não brancas em José Américo; são espacialidades que demandam um acompanhamento para melhor entendimento da dinâmica urbana.

Sendo assim, percebe-se que embora tenha sido gerada uma definição com base no estudo atual, é relevante que a pesquisa tenha uma conexão futura, com o prolongamento de suas análises, permitindo um diagnóstico comparativo com as tendências mapeadas no atual cenário temporal e de expansão urbana.

Essa extensão pode ser veiculada a uma diversidade de atuações, permitindo um aprofundamento maior na dinâmica física do espaço, por meio de avaliações que qualifiquem e quantifiquem os elementos de infraestrutura citados pela população como indicadores de segurança (descritos no questionário e apresentados nas figuras 26 e 27). Além disso, com base numa definição mais refinada sobre relações físicas e sociais com a hostilidade, também haveria a possibilidade de definições de estratégias de políticas públicas e intervenções

espaciais direcionadas a melhorar a qualidade de vida dentro do recorte estudado, considerando as diversidades de vivências.

Além disso, também é possível como continuidade da pesquisa, uma expansão do espaço geográfico estudado, buscando uma visão sobre a dinâmica de hostilidade urbana em outros trechos da cidade, permitindo uma comparação futura entre os diferentes territórios pessoenses.

Destaca-se também a importância de práticas quali-quantitativas para avaliações urbanas, pois graças a integração entre métodos de avaliação relacionados à qualidade foi possível entender dinâmicas urbanas e sociais, gerando reflexões sobre aspectos positivos ou negativos sobre o espaço. Como também, graças às avaliações quantitativas, foi possível destacar atributos espaciais e morfológicos, métricas territoriais e outras características, assim reforçando as tendências positivas ou negativas discutidas com base qualitativa.

Conclui-se também que cada grupo social apresenta um perfil na sua vivência urbana, tendo maior ou menor possibilidade e liberdade de vivência na cidade conforme sua identidade. Essa reflexão corrobora com o apontamento de Nóbrega e Silva (2020) em seu estudo de territorialidades com base em gênero em praças da zona sul de João Pessoa, pois quando há a exclusão dos espaços neutros, percebe-se que os homens têm maior possibilidade de dominância. E o espaço urbano, como palco das ações humanas, têm características que de fato conseguem afetar essa possibilidade de uso.

Ao observar o espaço de intersecção entre gênero e etnia destaca-se também o quanto marginalizada será a vivência de mulheres negras e sua presença na hostilidade urbana dado o locus social em maior vulnerabilidade pela sobreposição de sistemas opressivos. Corroborando assim com Ribeiro (2018, p.27) quando ela destaca que, “enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo”.

Como já discutido pelos autores clássicos, há elementos indispensáveis para uma boa vivência urbana, como iluminação, acessibilidade, vitalidade dos espaços, movimentação de pessoas, entre outros. Mas a depender do usuário, há uma demanda específica que lhe possibilite maior qualidade na vivência e na própria

possibilidade de viver a cidade. E, além disso, como principal reflexão deixada por esse trabalho, pode-se dizer que onde há pessoas há possibilidade de conflitos.

Visto que, dos espaços aqui avaliados como hostis, em muitas áreas, apresentaram elementos positivos, mas ainda assim, seus atributos negativos e os elementos em falta, auxiliaram que a vida urbana chegasse a ter dados hostis como os aqui mapeados. Ou seja, embora o espaço possa facilitar ou dificultar comportamentos hostis, há uma forte problemática social por trás da violência. Por isso, será com a melhora da educação de base para ruptura de preconceitos e quebra das estruturas segregatórias e/ou opressivas, que andar em paz poderá se tornar uma realidade para mais pessoas.

Por fim, percebe-se que a articulação dos objetivos esteve alinhada com as hipóteses do trabalho, comprovando as ideias originárias da pesquisa. Evidenciando que a cidade não é a mesma para todos os grupos sociais e que a hostilidade é vivenciada igualmente às opressões: de modo sistemático, sobreposto e simultâneo.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021
- ALVES, Hailey. Introdução ao transfeminismo. **Transfeminismo**, 2012. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/introducao-ao-transfeminismo/>>. Acesso em: 10/05/22
- ANDRADE, Patrícia Alonso de. Quando o design exclui o Outro. Dispositivos espaciais de segregação e suas manifestações em João Pessoa PB. *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 134.05, **Vitruvius**, jul. 2011
- ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transsexuais do Brasil. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras**. Bruna G. Benevides (Org). Brasília: Distrito Drag, 2022.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** – Livro 1: Fatos e Mitos. 4ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERGHAUSER PONT, Meta; HAUPT. Per. The Spacemate: Density and the Typomorphology of the Urban Fabric. **Nordisk Arkitektur Forskning B**. Vol.4. 2009.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BILAC, Elisabete Dória. Gênero e cidades. In: ARILHA, MARGARETH, et. al. (org). **Diálogos Transversais em Gênero e Fecundidade**. Articulações contemporâneas. Campinas: Editora Brasileira de Estudos Populacionais, 2012. p. 147-158.
- BONDI, Liz; ROSE, Damares. Constructing gender, constructing the urban: a review of Anglo-American feminist urban geography. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**. Vol. 10, nº3, 229-245, 2003.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Casa civil**, 5 jan. 1989.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Secretaria geral**, 7 ago. 2006.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de Agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. **Secretaria geral**, 23 ago. 2006.

BRASIL, Lei nº 13.104, de 9 de Março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Secretaria geral**, 9 mar.. 2015.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

COELHO, C. D. et al. (Org.). **Os Elementos Urbanos**. 1. ed. Lisboa, Portugal: Argumentum, 2013. 205 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DIAS, Shayenne Barbosa. **Arquitetura hostil e percepção da sensação de**

insegurança: uma barreira para vitalidade e urbanidade, no bairro do Espinheiro. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

DIAS, Shayenne Barbosa; JESUS, Cláudio Roberto de. Cidade hostil. **GEOgrafias**, v.27, n.1, 2019

FBSP, Fórum brasileiro de segurança pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 15, 2021

FBSP, Fórum brasileiro de segurança pública. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil**. 3ª edição, 2021.

FERREIRA, Karen; SILVA, Gleyton Robson. Urbanismo Feminista. In: XVII ENANPUR. **Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**. São Paulo, 2017.

FERREIRA, Matheus Soares. **Fora do armário:** uma análise geográfica dos espaços de sociabilidade LGBT em Natal entre 2014 e 2017. Monografia (Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. 147f.

FREITAS, Tânia Maria de; FERREIRA, Cleison Leite. A produção do espaço urbano: formação de território e governança urbana, o caso da quadra 50 da cidade Gama - DF. In: Anais **Code 2011**, I Circuito de Debates Acadêmicos. 2011.

GEHL, Jan; GEMZØE, Lars; KARNAES, Sia; SÓNDERGAARD, Britt Sternhagen. **New city life**. Copenhagen: The Danish Architectural Press. 2006

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2013.

GONÇALVES, T. S.; CASTRO, L. G. R. Tipologias da irregularidade no parcelamento do solo em Fortaleza-CE. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Anais: **XVIII ENANPUR**, 18, Natal, 2019.

HILLIER, Bill. **Space is the machine**. London: Space Syntax Ltd., 2007

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. Segregação socioespacial e violência na cidade de

São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, Vol. 18 n.4: P.93-102, 2004

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Características étnico-raciais da população**: classificação e identidades. Rio de Janeiro, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **IBGE Cidades**: João Pessoa. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>> acesso em: 10/05/22.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **IBGE Cidades**: Palmas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/palmas/panorama>> acesso em: 05/04/22.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **SIDRA** (Sistema IBGE de Recuperação Automática). Rio de Janeiro, 2011.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Halley. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN. Dossiês**, Vol. 8. 2012

JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: **X Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Florianópolis, 2013.

KOYAMA, Emi. The transfeminist manifesto. **Eminism** 2011. Disponível em: <<https://eminism.org/readings/pdf-rdg/tfmanifesto.pdf>> , acesso em 05/05/22.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LUCENA, Jéssica Gomes de. **Caminhabilidade**: um olhar sobre as influências do espaço urbano na mobilidade dos pedestres no bairro Torre, João Pessoa – PB. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco,

Recife, 2019.

LUCENA, Mariana Barrêto Nóbrega de. **Morte violenta de mulheres no Brasil e novas vulnerabilidades:** da violência do patriarcado privado à violência do patriarcado público. Gramado: Aspas Editora, 2020.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Paisagem Ambiente Ensaios.** São Paulo. N.7, p.15-56, 1995.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre – Objeto de trabalho. **Paisagem Ambiente: ensaios.** n.21, p.175-198, 2006.

MARTINS, Matheus de Oliveira. **O coração queer do Centro Histórico:** uma cartografia da Praça Anthenor Navarro e do Largo São Frei Pedro Gonçalves. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. 70f.

MENDES, José Manoel. Risco, vulnerabilidade social e resiliência: Conceitos e desafios. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental.** Florianópolis, v. 7, n. esp. p. 463-492, jun. 2018

MICROPOLIS. Por que a rua dá medo? **Micrópolis**, 2016. Disponível em: <<https://micropolis.com.br/Por-que-a-rua-da-medo#:~:text=Por%20que%20a%20rua%20d%C3%A1,a%20cidade%20e%20seus%20habitantes>> , acesso em: 01/05/2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo.** São Paulo: Jandaíra, 2020.

MÜLLER, Cristina Besen. **Cidade para quem?** O centro de Florianópolis e a população LGBT. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. 119f.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

NEGRÃO, Ana Gomes. **Processo de produção e reprodução da cidade:** um estudo sobre os estágios evolutivos ao longo dos espaços estruturados pelo corredor da Avenida Dom Pedro II, João Pessoa/PB. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: alguns conceitos e análises. **Coletâneas do nosso tempo**, v. VII, nº 8, p. 129 a 153, 2008

NETTO, Vinícius M.; VARGAS, Júlio Celsa; SABOYA, Renato T. de. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. **Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana**. V.4, N.2, p. 261-282, jul./dez. 2012

NÓBREGA, A. P. O. **Violeta**. João Pessoa: [s.n.] 2021.

NÓBREGA, A. P. O.; SILVA, G. J. A. Cadê as pessoas que estavam aqui? Territórios e apropriações em praças de João Pessoa, PB. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Anais VI ENANPARQ**, Brasília, 2020.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **CID-11**. Disponível em: <http://id.who.int/icd/entity/577470983>, acesso em 06/04/2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A casa e a rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez. 2011.

PRADO, Nathalie. Gênero e políticas de mobilidade a pé: enfoques para o planejamento urbano. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Anais VI ENANPARQ**, Brasília, 2020.

RAMPASI, Natalia de Lara; OLDONI, Sirlei Maria. Cidade para quem? Uma análise da arquitetura hostil e sua influência no espaço urbano. **Revista Thêma et Scientia**. Vol. 10, Nº 2, jul/dez, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

RIBEIRO, Raisia Duarte da Silva. **Feminismos: o que as feministas querem?** Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021.

RIZZATTI, Maurício, et al. Mapeamento da COVID-19 por meio da densidade de

Kernel. **Metodologias e Aprendizado**. Vol. 3, 2020.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SABOYA, Renato. Spacemate, Spacematrix e o estudo das densidades urbanas. **Urbanidades**, Urbanismo, Planejamento Urbano E Planos Diretores, 2014. Disponível em: <<https://urbanidades.arq.br/2014/09/14/spacemate-spacematrix-e-o-estudo-das-densidade-urbanas/>> acesso em: 16/05/22

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**. Florianópolis, Vol. 22, Nº 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1903.

SOUZA, Cris Lacerda de. Os corpos LGBTI+ nos territórios segregados da cidade do Rio de Janeiro. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Anais VI ENANPARQ**, Brasília, 2020.

TGEU, Transgender Europe. **Trans Day of Remembrance 2021**. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>, acesso em 06/04/2022.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

VAN DE HOEK, J. W. The MXI (Mixed-use Index) as a Tool for Urban Planning and Analysis (Paper 03). In: **Corporations and Cities: Envisioning Corporate Real Estate in the Urban Future**. 2008.

VAUGHAN, L. **Space Syntax Observation Manual**. London: Space Syntax Ltd., 2001.

XIMENES, Natália Lacerda Bastos. **Morfologia Urbana: teorias e suas inter-relações**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

APÊNDICE A (QUESTIONÁRIO)

Percepção de hostilidade urbana em espaços públicos

Prezado (a) participante;

Este questionário integra a pesquisa intitulada: "A rua dá medo! Mapeamento da hostilidade urbana com base em gênero e etnia em bairros da zona sul de João Pessoa, PB". Faz parte do Trabalho Acadêmico de Conclusão do Curso em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Paraíba, sendo desenvolvido por Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega, sob a orientação da Professora Doutora Ana Gomes Negrão.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro, além disso você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Os objetivos do projeto são: mapear ambiências urbanas passíveis do título de inseguras, perigosas e/ou hostis, com base na percepção de diferentes grupos sociais. Avaliar quais os principais elementos físicos que influenciam a sensação de segurança ou a falta desta na vivência urbana. Desenvolver um conjunto cartográfico informativo com as regiões mais hostis, tendo livre acesso público, de acordo com os diferentes grupos participantes. Relacionar a presença/distribuição dos elementos de influência na sensação de segurança com as manchas de maior hostilidade.

Estamos lhe convidando para participar porque o trabalho é baseado na percepção humana dos espaços públicos na cidade. Por isso, buscamos entender quais características urbanas ajudam ou dificultam a se sentir em segurança, algumas características de vida social e, por fim, sobre suas possíveis experiências com a hostilidade urbana. Você tem plena liberdade de recusar a participação ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Nesta pesquisa os riscos são: Baixo risco de gatilho psicológico para com experiências e/ou vivências no tocante à hostilidade, além de baixo risco físico durante as respostas. São esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa:

Criação do conjunto cartográfico com a demarcação das principais regiões hostis em bairros da zona sul de João Pessoa. Sem desconsiderar que a produção cartográfica será pautada em diferentes percepções, abrangendo grupos socialmente minorizados. Sendo assim, serão produzidas cartografias individualizadas, mostrando regiões com potenciais problemas para pessoas não brancas, para mulheres, para população trans, entre outros grupos sociais.

Além da noção sobre regiões potencialmente perigosas, como a produção levará em conta a qualidade física dos espaços públicos; a população também terá como benefício um levantamento atual, com base científica, que lhe garanta maior autonomia para cobrança de investimentos e movimentações sociais para melhoria dos espaços de vivências coletivas na cidade de João Pessoa.

Você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega ou com a professora Doutora Ana Gomes Negrão a qualquer tempo para

informação adicional na Universidade Federal da Paraíba, Centro de Tecnologia, Laboratório do Ambiente Urbano e Edificado (LAURBE), Campus Universitário I, João Pessoa, Paraíba, Brasil. CEP: 58051-900 Fone: +55 (83) 32167601 / (83) 3216 7913. Ou através do e-mail abraao.nobrega@academico.ufpb.br

Ao concordar em participar, você, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação.

* São perguntas obrigatórias

1. Deseja participar? *

Marcar apenas uma opção.

- () Estou ciente dos riscos e benefícios e desejo participar voluntariamente.
- () Estou ciente dos riscos e benefícios, mas não desejo participar da pesquisa.

Perfil Social

2. Gênero *

Marcar apenas uma opção.

() Homem cisgênero (indivíduo que, ao nascer no sexo masculino, lhe foi designado o gênero masculino e se identifica com o gênero atribuído ao nascer).

() Homem transgênero/transsexual (indivíduo que, ao nascer no sexo feminino, lhe foi designado o gênero feminino, porém se identifica com o gênero masculino).

() Mulher cisgênero (indivíduo que, ao nascer no sexo feminino, lhe foi designado o gênero feminino e se identifica com o gênero atribuído ao nascer).

() Mulher transgênero/transsexual (indivíduo que, ao nascer no sexo masculino, lhe foi designado o gênero masculino, porém se identifica com o gênero feminino).

() Travesti (indivíduo que, ao nascer no sexo masculino, lhe foi designado o gênero masculino, porém se identifica com o gênero feminino).

() Pessoa não binária (pessoa que independente do sexo de nascimento não se limita ao padrão binário homem/mulher em sua expressão de gênero)

() Pessoa Intergênero/Intersexo (pessoa não binária que, no nascimento ou em outras fases de desenvolvimento como a puberdade, apresenta/ou características de ambos os sexos biológicos).

() Outro: _____

3. Etnia *

Marcar apenas uma opção.

() Amarelo/a

() Branco/a

() Indígena

() Pardo/a

() Preto/a

() Outro: _____

4. Orientação sexual *

Marcar apenas uma opção.

() Assexual (pessoa que detém pouca ou nenhuma atração sexual, podendo ou não ser condicional, por pessoas tanto do gênero/sexo oposto quanto semelhante ao seu).

() Bissexual (pessoa que detém atração sexual por múltiplas/diversas expressões de gênero/sexo)

() Heterossexual (pessoa que detém atração sexual por pessoas do gênero/sexo oposto ao seu).

- Homossexual (pessoa que detém atração sexual por pessoas do gênero/sexo semelhante ao seu).
- Pansexual (pessoa detém atração sexual por todas as expressões de gênero/sexo)
- Outro: _____

5. Você é uma pessoa com deficiência (PCD)? *

Marcar apenas uma opção.

- Sim
- Não

6. Caso tenha respondido "sim" na pergunta anterior, especifique, por favor

Marque todas que se apliquem.

- Deficiência visual total
- Deficiência visual parcial/ baixa visão Deficiência auditiva total
- Deficiência auditiva parcial Deficiência intelectual
- Deficiência física (tenho deficiência em algum membro, mas que não afeta minha mobilidade)
- Deficiência físico-motora (utilizo cadeira de rodas)
- Mobilidade reduzida permanente (sou idoso/a; utilizo muletas e/ou semelhantes para locomoção de modo permanente)
- Mobilidade reduzida temporária (sou gestante; utilizo muletas e/ou semelhantes para locomoção de modo temporário)
- Múltiplas deficiências
- Outro: _____

7. Faixa etária *

Marcar apenas uma opção.

- 18
- 18 a 22
- 23 a 28
- 29 a 35
- 36 a 50
- 51 a 65
- 65+

8. Renda salarial média *

Marcar apenas uma opção.

- Até 1 salário mínimo
- Entre 1 e 2 salários mínimos
- Entre 2 e 3 salários mínimos
- Entre 3 e 5 salários mínimos
- Acima de 5 salários mínimos

9. Principal(ais) modal(ais) de transporte *

Selecione até 3 opções

- A pé
- Bicicleta
- Carro próprio
- Moto própria
- Ônibus
- Uber e/ou aplicativos semelhantes
- Outro: _____

10. Você reside nos bairros estudados ou visita/frequenta? *

Os bairros estudados fazem parte da Zona Sul da cidade de João Pessoa, Paraíba. O recorte geográfico é composto por: Água Fria, Anatolia, Bancários, Castelo Branco, Cidade dos Colibris, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo, José Américo e Mangabeira.

Marcar apenas uma opção.

- Resido
- Apenas visito/frequento
- Frequento raramente
- Não tenho vivência em nenhum dos bairros

11. Qual(ais) bairro(s) você tem vivência (tanto no sentido de moradia quanto de frequentar)? *

Marque todas que se aplicam.

- Água Fria
- Anatolia
- Bancários
- Castelo Branco

- Cidade dos Colibris
- Jardim Cidade Universitária
- Jardim São Paulo
- José Américo
- Mangabeira
- Não tenho vivência em nenhum dos bairros

Percepção sobre segurança

12. Você se sente em segurança ao andar a pé, durante a noite, caso esteja só? *

Marcar apenas uma opção.

- Sim, tranquilamente
- Talvez, dependente da região
- Não, independente do lugar

13. Você se sente em segurança ao andar a pé, durante a noite, caso esteja em grupo? *

Marcar apenas uma opção.

- Sim, estando em grupos grandes (5 ou mais pessoas)
- Sim, estando em grupos pequenos (2 a 4 pessoas)
- Talvez. Depende da região e da quantidade de pessoas comigo
- Não, independente da região ou quantidade de pessoas comigo

14. Quais os principais elementos que te fornecem a sensação de segurança em espaços públicos (ruas, praças, parques e outros)? *

Selecione até 5 opções

- Iluminação de qualidade (ruas, praças e semelhantes tendo boa iluminação de modo que eu consiga ver com clareza boa parte da região ao meu entorno e perceber caso alguém se aproxime)
 - Fachadas ativas (fachadas que não possuem limitações nem físicas nem visuais entre o espaço edificado e a cidade, normalmente mais comuns em lojas e espaços comerciais, permitindo maior conexão entre a calçada e edificações)
 - Regiões com muros baixos ou permeáveis (gradis e outros elementos que permitam comunicação visual entre a rua e a edificação)
 - Boa qualidade da calçada e/ou rua (nivelamento e pisos em bom estado que possibilitem o deslocamento sem esforços desnecessários)
- Movimentação de pessoas (ter grupos de pessoas andando por perto)
- Usos/atrativos (regiões com muitas atividades diferentes concentrando comércios, habitações, serviços e outros)
 - Falta de depredações dos elementos públicos (falta de elementos como pichações, edificações, estátuas e/ou monumentos danificados)
 - Perceber que há sistemas de segurança em edificações próximas Segurança pública/patrolhas policiais

() Outro: _____

15. Quais os principais elementos que te fornecem a sensação de insegurança e/ou perigo em espaços públicos (ruas, praças, parques e outros) ? *

Selecione até 5 opções

- () Iluminação precária e/ou falta de iluminação (ambientes escuros e que não dê para ver com clareza o entorno ou pessoas que se aproximem)
- () Fachadas "mortas" ou com muros muito altos (fachadas completamente fechadas ou com pouquíssima comunicação com a rua, sendo elementos opressivos)
- () Má qualidade da calçada e/ou rua (falta de regularidade nos níveis das calçadas, falta de manutenção nos pisos e/ou presença de arbustos ou vegetações oportunistas)
- () Ruas vazias / sem movimentação de pessoas (ruas "esquisitas", sem pessoas, vazias)
- () Baixa variação de usos/atrativos (regiões com atividades semelhantes que gerem esvaziamentos durante a noite)
- () Depredações dos elementos públicos (presença recorrente de elementos como pichações, edificações, estátuas e/ou monumentos danificados)
- () Não encontrar/visualizar patrulhas policiais e/ou semelhantes Perceber que não há sistemas de segurança em edificações próximas
- () Outro: _____

16. Você já foi vítima de algum tipo de hostilidade, seja ela física, verbal ou de qualquer outro tipo em espaços públicos (ruas, praças, parques e outros)? *

Exemplos: Verbais: insultos, ofensas, ameaças, assédios, importunações sexuais faladas e/ou semelhantes. Física: tentativas ou agressões diretas ao corpo (lesão corporal), ameaças com armas brancas ou e fogo, importunação sexual física, tentativa ou agressão sexual e semelhantes. Patrimonial: assaltos, furtos e semelhantes.

Marcar apenas uma opção.

- () Sim, frequentemente
- () Sim, algumas vezes
- () Sim, poucas vezes
- () Não, nunca

Vivências com a hostilidade urbana

17. Nos espaços públicos (ruas, praças, parques e outros), você já percebeu algum distanciamento de outras pessoas com relação a você? *

Exemplos: Não sentarem num mesmo banco que você está, mesmo havendo espaço disponível, passando a sentar em outro banco. Mudarem o caminho ao cruzar o olhar com você e/ou ações semelhantes.

Marcar apenas uma opção.

- Sim, frequentemente
- Sim, algumas vezes
- Sim, poucas vezes
- Não, nunca

18. Nos espaços públicos (ruas, praças, parques e outros), você já percebeu olhares estranhos, expressões ou gestos pejorativos com relação a você? *

Exemplo: Olhares acusativos seguidos ou algum gesto que denote ameaças e/ou chacota como o "quebrar a mão" referindo a um homem homossexual.

Marcar apenas uma opção.

- Sim, frequentemente
- Sim, algumas vezes
- Sim, poucas vezes
- Não, nunca

19. Nos espaços públicos (ruas, praças, parques e outros), você já passou por algum cenário de hostilidade verbal? *

Exemplos: Insultos, ofensas, ameaças, assédios e/ou importunações sexuais verbais ou ações semelhantes.

Marcar apenas uma opção.

- Sim, frequentemente
- Sim, algumas vezes
- Sim, poucas vezes
- Não, nunca

20. Nos espaços públicos (ruas, praças, parques e outros), você já foi vítima de hostilidade física? *

Exemplos: Tentativas ou agressões diretas ao corpo (lesão corporal), importunação sexual física, tentativa ou agressão sexual e semelhantes.

Marcar apenas uma opção.

- Sim, frequentemente
- Sim, algumas vezes
- Sim, poucas vezes
- Não, nunca

21. Nos espaços públicos (ruas, praças, parques e outros), você já foi vítima de hostilidade patrimonial? *

Exemplos: Tentativas ou furtos e assaltos ou situações criminais semelhantes.

Marcar apenas uma opção.

- Sim, frequentemente
- Sim, algumas vezes
- Sim, poucas vezes
- Não, nunca

22. Sua(s) experiência(s) com a hostilidade foi em que período do dia? *

É possível marcar todos os cenários caso necessário.

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Madrugada

23. Sua experiência com a hostilidade foi em algum dos bairros estudados? *

Os bairros estudados são: Água Fria, Anatólia, Bancários, Castelo Branco, Cidade dos Colibris, Jardim Cidade Universitária, Jardim São Paulo, José Américo e Mangabeira.

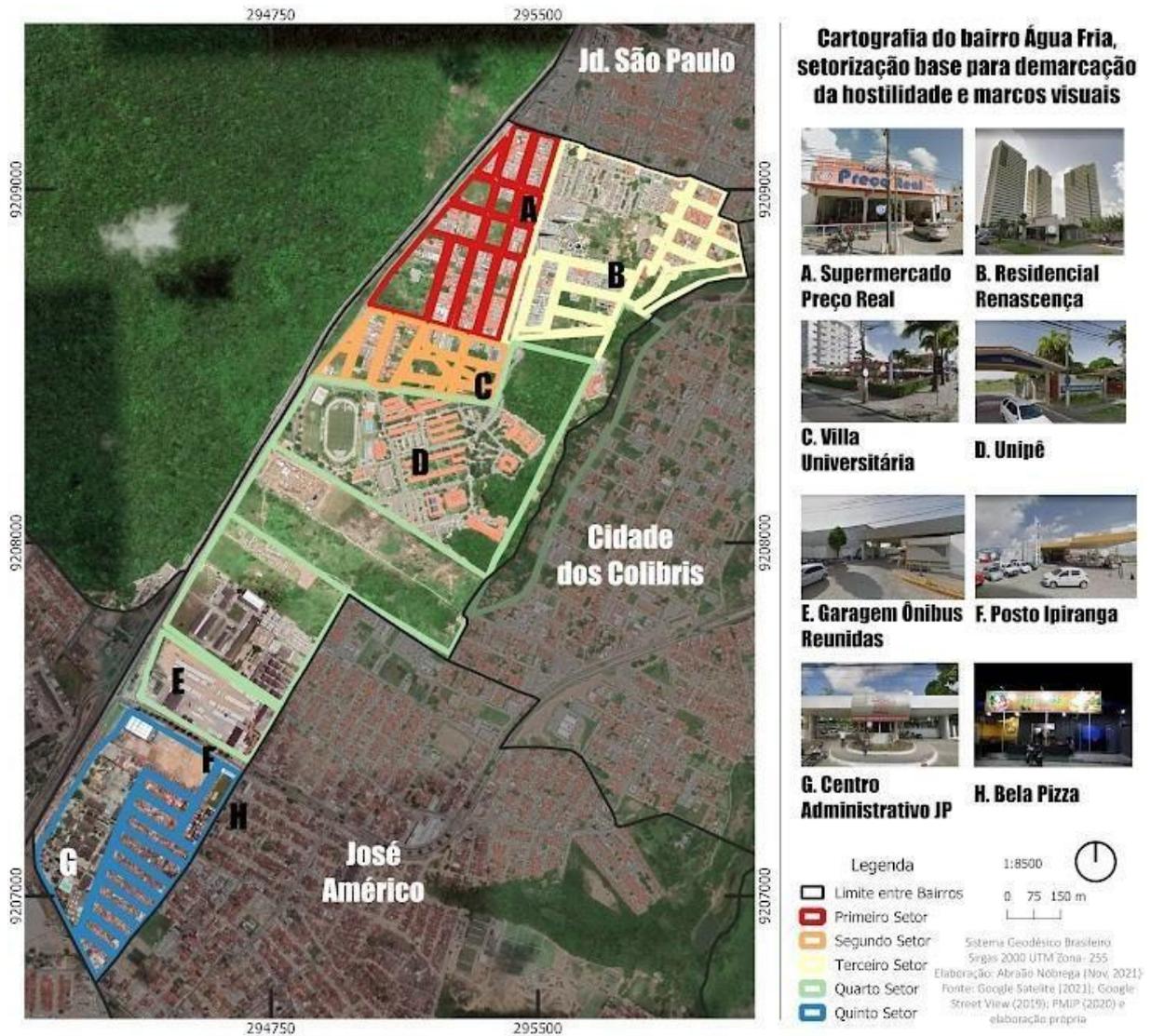
Marcar apenas uma opção.

- Sim
- Não

Localização das experiências hostis

24. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Água Fria (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



- () Primeiro Setor
- () Segundo Setor
- () Terceiro Setor
- () Quarto Setor
- () Quinto Setor
- () Não passei por hostilidade neste bairro

25. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Anatólia (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia do bairro Anatólia, setorização base para demarcação da hostilidade e marcos visuais

Legenda

- Limite entre Bairros
- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor



A. Praça da Paz



B. UPA Bancários



C. Shopping Sul



D. Bar do Baiano



E. Escola Francisco Campos



F. JPI Idiomas



G. República do Espeto

1:2800



Sistema Geodésico Brasileiro
Sirgas 2000 UTM Zona- 25S
Elaboração: Abraão Nóbrega (2021);
Fonte: Google Satélite (2021);
Google Street View (2019); PMUP
(2020) e elaboração própria.

- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Não passei por hostilidade neste bairro

26. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Bancários (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Sexto Setor
- Sétimo Setor
- Oitavo Setor
- Não passei por hostilidade neste bairro

27. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Castelo Branco (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia do bairro Castelo Branco, setorização base para demarcação da hostilidade e marcos visuais

<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> Limite entre Bairros Primeiro Setor Segundo Setor Terceiro Setor Quarto Setor Quinto Setor Sexto Setor <p></p>				
	A. UFPB	B. Escola Presid. João Goulart	C. Mercadinho São Geraldo	D. Mercadinho São Francisco
	E. Mercadinho Nova Esperança	F. Paróquia São Rafael	G. Mercado Público	H. Centro da Pessoa Idosa

Sistema Geodésico Brasileiro:
 Sigaas 2000 UTM.Zona - 255
 Elaboração: Abraldo Nobrega (Nov.
 2021)
 Fonte: Google Satellite (2021);
 Google Street View (2019); PMJP
 (2020) e elaboração própria.

- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Sexto Setor
- Não passei por hostilidade neste bairro

28. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Cidade dos Colibris (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



- () Primeiro Setor
- () Segundo Setor
- () Terceiro Setor
- () Quarto Setor
- () Quinto Setor
- () Sexto Setor
- () Não passei por hostilidade neste bairro

29. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Jardim Cidade Universitária (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia do bairro Jd. Cidade Universitária, setorização base para demarcação da hostilidade e marcos visuais

Legenda

- Limite entre Bairros
- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Sexto Setor

1:7500

0 75 150 225 m

 A. Bob's	 B. Colégio Século	 C. Extra	 D. Colégio Geo Sul
 E. Mangabeira Shopping	 F. Paróquia Santo Antônio	 G. Iso Colégio e Curso	 H. USF Eucalipto

Sistema Geodésico Brasileiro
Síngns 2000 UTM Zona - 25S
Elaboração: Abraão Nóbrega (Nov.2021)
Fonte: Google Satellite (2021);
Google Street View (2019);
PM.P (2020) e elaboração

- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Sexto Setor
- Não passei por hostilidade neste bairro

30. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro Jardim São Paulo (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia do bairro Id. São Paulo, setorização para demarcação da hostilidade e marcos visuais

Legenda

- Limite entre Bairros
- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor



A. Carrefour



B. Tierras de España



C. Cachorro Quente do Zé



D. Feirinha/Parada



E. Praça/Igrejinha



F. Academia Proforma



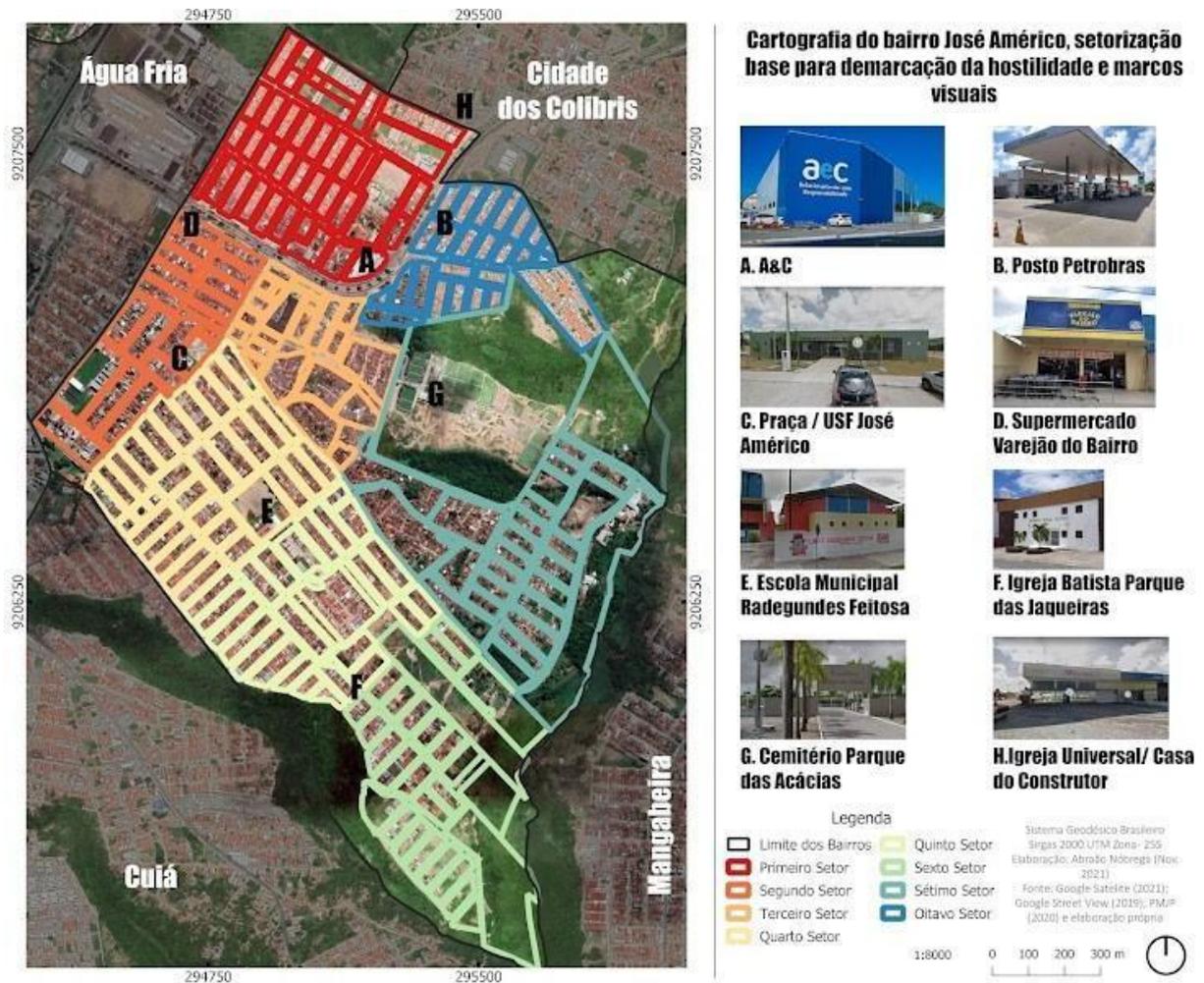
G. Shopping do Pão

Sistema Geodésico Brasileiro
Sirgas 2000 UTM Zona - 25S
Elaboração: Abraão Nóbrega (2021)
Fonte: Google Satelite (2021);
Google Street View (2019);
PM: P (2020) e elaboração própria.

- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Não passei por hostilidade neste bairro

31. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade no bairro José Américo (é possível dar zoom na tela) *

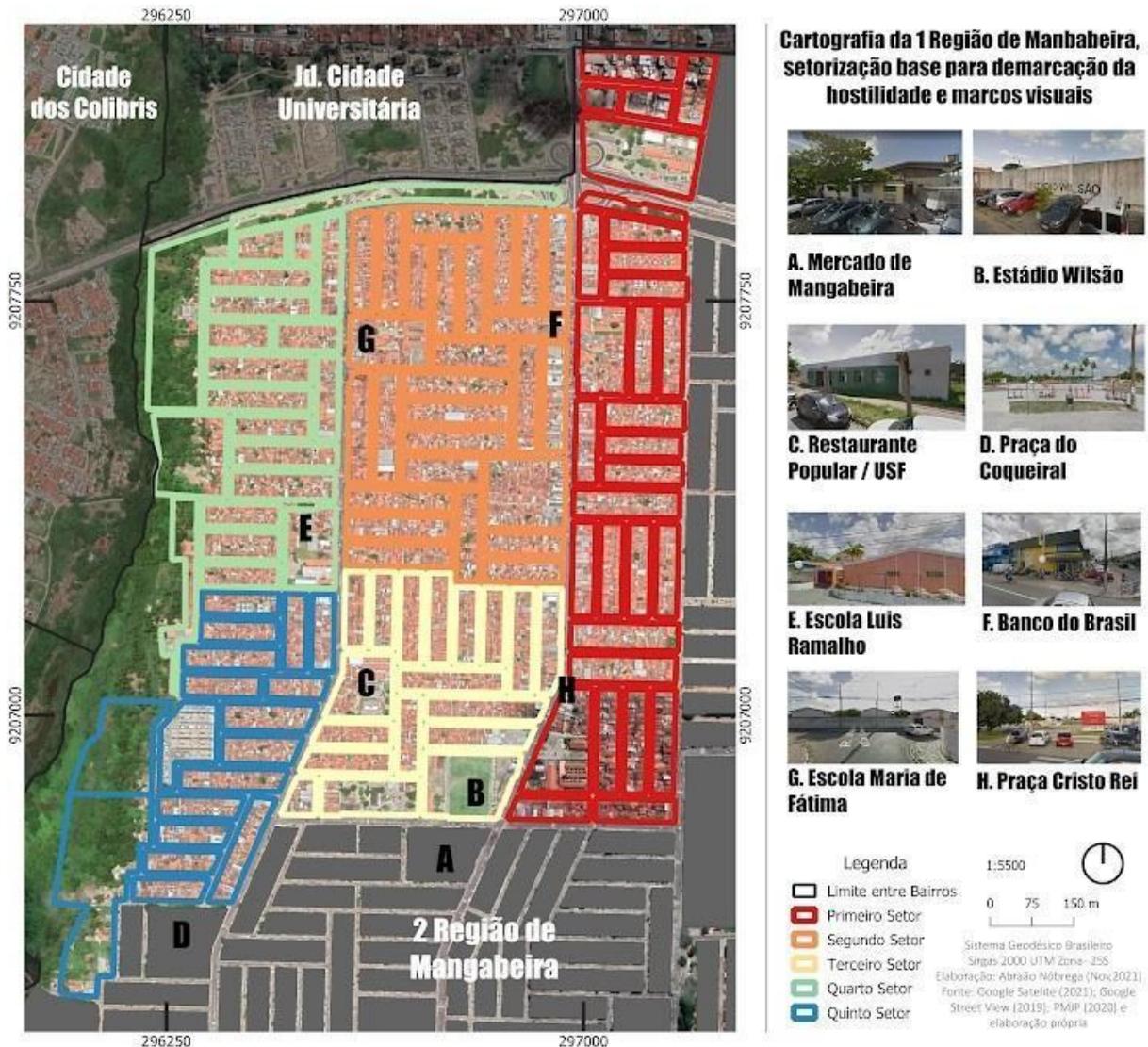
É possível marcar até todos os setores



- () Primeiro Setor
- () Segundo Setor
- () Terceiro Setor
- () Quarto Setor
- () Quinto Setor
- () Sexto Setor
- () Sétimo Setor
- () Oitavo Setor
- () Não passei por hostilidade neste bairro

32. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade na 1ª Região do bairro Mangabeira (é possível dar zoom na tela) *

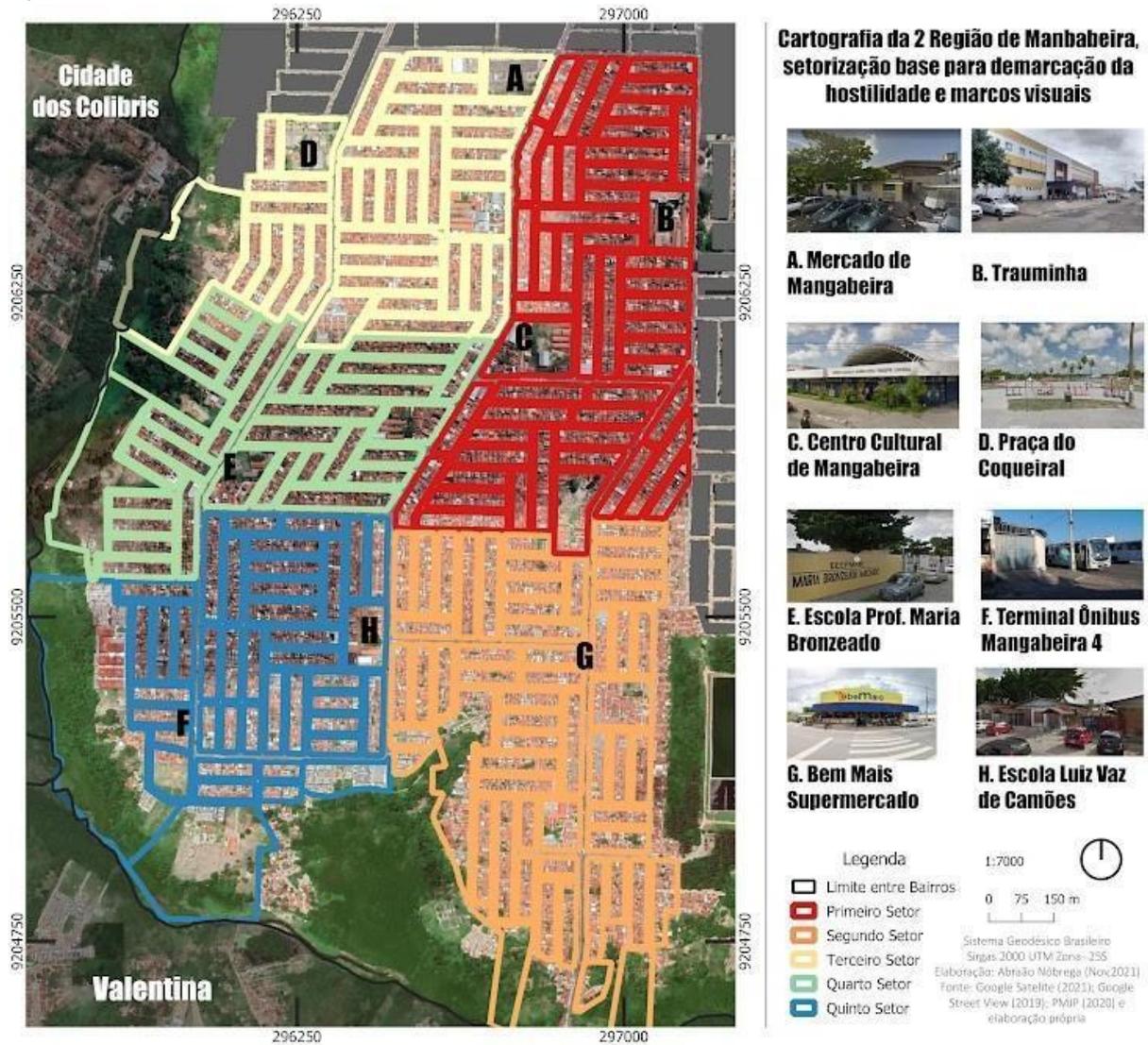
É possível marcar até todos os setores



- () Primeiro Setor
- () Segundo Setor
- () Terceiro Setor
- () Quarto Setor
- () Quinto Setor
- () Não passei por hostilidade nesta região do bairro

33. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade na 2ª Região do bairro Mangabeira (é possível dar zoom na tela) *

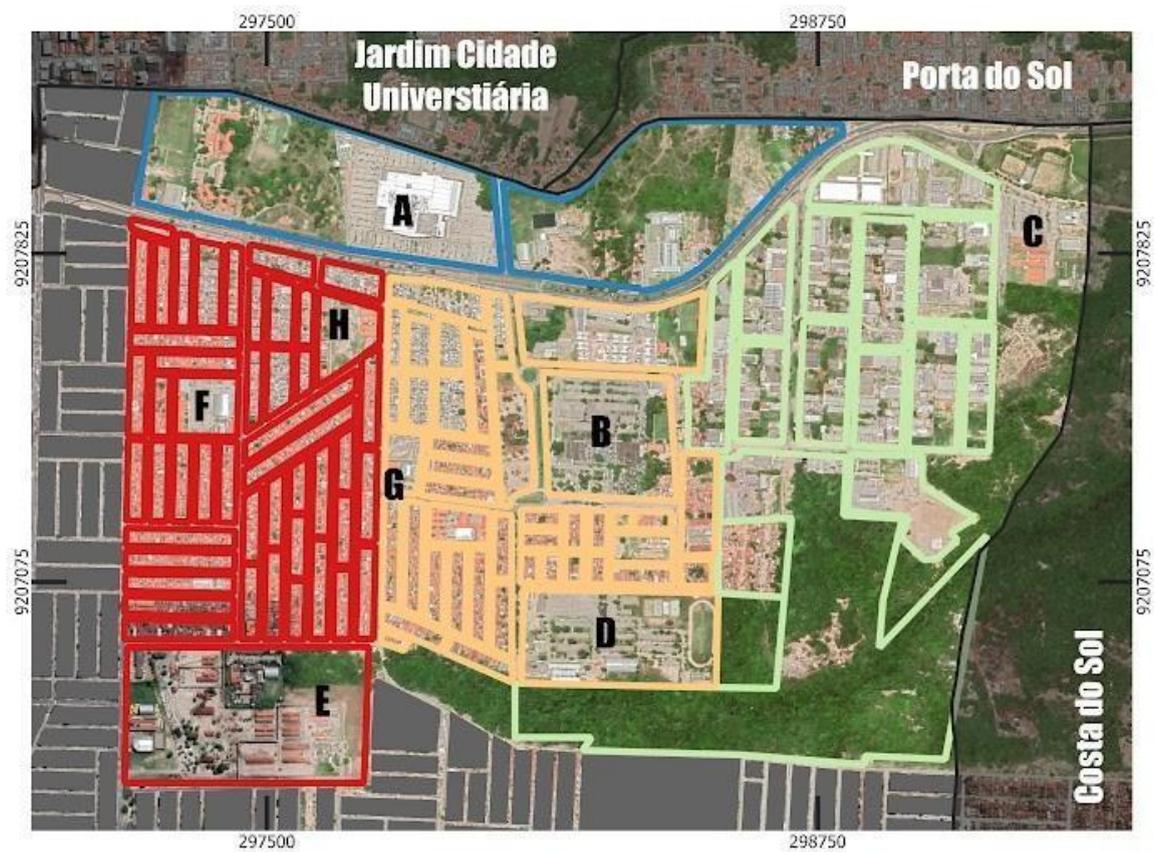
É possível marcar até todos os setores



- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor
- Não passei por hostilidade nesta região do bairro

34. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade na 3ª Região do bairro Mangabeira (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia da 3 Região de Mangabeira, setorização base para demarcação da hostilidade e marcos visuais

Legenda

- Limite entre Bairros
- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor

1:8000

Sistema Geodésico Brasileiro
Sirgas 2000 UTM Zona: 25S
Elaboração: Abraão Nóbrega (Nov. 2021)
Fonte: Google Satélite (2021); Google Street View (2019); PMPJ (2020) e elaboração própria.

A. Mangabeira Shopping	B. DETRAN	C. CTDR-UFPB	D. Academia de Polícia Militar
E. Penitenciária	F. Ginásio Hermes Taurino	G. Praça da Família	H. Escola Prof. José Batista

- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Não passei por hostilidade nesta região do bairro

35. Com base no mapa abaixo, aponte em qual(is) setor(es) você passou por alguma situação de hostilidade na 4ª Região do bairro Mangabeira (é possível dar zoom na tela) *

É possível marcar até todos os setores



Cartografia da 4 Região de Mangabeira, setorização base para demarcação da hostilidade e marcos visuais

Legenda

- Limite entre Bairros
- Primeiro Setor
- Segundo Setor
- Terceiro Setor
- Quarto Setor
- Quinto Setor

1:7000

0 75 150 225 m

Sistema Geodésico Brasileiro
SIRGAS 2000 UTM Zona - 25S
Elaboração: Abraão Nóbrega (Nov. 2021)

Fonte: Google Satélite (2021);
Google Street View (2019); PMIP
(2020) e elaboração própria.

A. Penitenciaría Segurança Máxima	B. Bosque das Águas	C. Horto	D. Praça Recanto Verde
E. Complexo Judicial	F. Igreja Batista / Mercadinho	G. Escola Borges da Fonseca	H. Escola Mestre Sivuca

- () Primeiro Setor
- () Segundo Setor
- () Terceiro Setor
- () Quarto Setor
- () Não passei por hostilidade nesta região do bairro

APÊNDICE B (REGISTROS DE LEVANTAMENTOS)

Dia de semana (Terça-feira 10/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	8	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	12
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	12	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	8
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3
Carro	18	Carro	17
Moto	2	Moto	1
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	31
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	9
Carro	45	Carro	52
Moto	1	Moto	12
Bicicleta	0	Bicicleta	4
Ônibus	3	Ônibus	3
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	34
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de	13	Pessoa que exerce o feminino de pele	12

pele escura		escura	
Carro	48	Carro	39
Moto	6	Moto	11
Bicicleta	1	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	3
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	6	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	34
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	20
Carro	34	Carro	35
Moto	16	Moto	11
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	4	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	36	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	28	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	34
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	42	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	21
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	26	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	30
Carro	30	Carro	26
Moto	16	Moto	6
Bicicleta	4	Bicicleta	0
Ônibus	3	Ônibus	2
Dia de semana (Terça-feira 10/05/2022), entardecer (12:00-13:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	6

Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1
Carro	6	Carro	8
Moto	0	Moto	1
Bicicleta	1	Bicicleta	0
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	9	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7
Carro	56	Carro	60
Moto	8	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	14	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	16	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3
Carro	41	Carro	42
Moto	8	Moto	8
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2

Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	12
Carro	26	Carro	42
Moto	10	Moto	10
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	3
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	29
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	38	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	22	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	24
Carro	34	Carro	35
Moto	12	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	1
Dia de semana (Terça-feira 10/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	16
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	12
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6

Carro	5	Carro	14
Moto	1	Moto	3
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	2
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	12	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	4	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7
Carro	32	Carro	35
Moto	1	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	3	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	25	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10
Carro	34	Carro	26
Moto	2	Moto	6
Bicicleta	3	Bicicleta	2
Ônibus	3	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16

Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	16
Carro	25	Carro	40
Moto	10	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	42	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	24
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	40	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	23	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	29
Carro	24	Carro	32
Moto	6	Moto	5
Bicicleta	2	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	2

Dia de semana (Quinta-feira 12/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	10	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	8
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	16	Carro	14
Moto	1	Moto	2
Bicicleta	4	Bicicleta	3
Ônibus	---	Ônibus	2

Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	20	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	12
Carro	50	Carro	50
Moto	2	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	3
Ônibus	2	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	18	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	34	Carro	33
Moto	4	Moto	10
Bicicleta	1	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	4	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	30
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	25

Carro	30	Carro	38
Moto	11	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	38	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	30	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	21
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	44	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	30	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28
Carro	25	Carro	32
Moto	10	Moto	5
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	2

Dia de semana (Quinta-feira 12/05/2022), entardecer (12:00-13:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	3	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	8
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2
Carro	9	Carro	14
Moto	0	Moto	2
Bicicleta	2	Bicicleta	0
Ônibus	---	Ônibus	2
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino	8	Pessoa que exerce o masculino de	10

de pele escura		pele escura	
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	34	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	12
Carro	54	Carro	65
Moto	10	Moto	10
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	38
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	12
Carro	52	Carro	52
Moto	4	Moto	10
Bicicleta	2	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	5	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	35
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	18
Carro	32	Carro	52
Moto	5	Moto	12
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes

Mangabeira)			
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	35	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	23	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	32
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	42	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28
Carro	35	Carro	50
Moto	16	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	2

Dia de semana (Quinta-feira 12/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	14
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	11
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	6	Carro	18
Moto	2	Moto	6
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	2
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	11	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	4	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	28	Carro	34

Moto	2	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	0
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	9	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	12
Carro	38	Carro	30
Moto	2	Moto	2
Bicicleta	1	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	30
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	11
Carro	28	Carro	34
Moto	8	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	0
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	38	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	34
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	24	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26
Pessoa que exerce o feminino de	35	Pessoa que exerce o feminino de pele	24

pele clara		clara	
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	26	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	31
Carro	24	Carro	25
Moto	2	Moto	2
Bicicleta	1	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	1

Final de semana (Sábado 14/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	9
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2
Carro	1	Carro	14
Moto	0	Moto	1
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	0
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7
Carro	32	Carro	40
Moto	0	Moto	9
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	1	Ônibus	1

Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	14	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	11	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10
Carro	40	Carro	28
Moto	1	Moto	3
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	0	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	16
Carro	22	Carro	30
Moto	8	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	0
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	20	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	20	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	24
Carro	24	Carro	20

Moto	10	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	1

Final de semana (Sábado 14/05/2022), entardecer (12:00-13:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	7
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1
Carro	1	Carro	7
Moto	0	Moto	1
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	0

Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	19	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	45	Carro	40
Moto	5	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	1

Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	12	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	11

Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	16
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	4	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	4
Carro	38	Carro	36
Moto	7	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	19
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	15
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	23
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	11
Carro	20	Carro	37
Moto	6	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	0	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	21	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	25
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	30	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	19	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	20
Carro	30	Carro	30
Moto	6	Moto	7
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	1
Final de semana (Sábado 14/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e	Passantes

		Jd. São Paulo)	
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	0	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	13
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	0	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	11
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	1	Carro	12
Moto	0	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	11	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	28	Carro	30
Moto	1	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	19	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	9	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	28	Carro	21
Moto	1	Moto	5

Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	15
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	0	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15
Carro	20	Carro	32
Moto	5	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	0
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	21	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	21
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	19	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	26
Carro	20	Carro	25
Moto	3	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	0	Ônibus	1

Dia de semana (Quarta-feira 18/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	10	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	15
Pessoa que exerce o masculino	3	Pessoa que exerce o masculino de	5

de pele escura		pele escura	
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	10
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	22	Carro	20
Moto	3	Moto	1
Bicicleta	1	Bicicleta	0
Ônibus	---	Ônibus	0
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	15
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	20	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	39
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	14
Carro	50	Carro	62
Moto	2	Moto	15
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	39
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	21
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	29
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	16	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15
Carro	52	Carro	45
Moto	8	Moto	12
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	3	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes

pele Trevo)			
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	5	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	19
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	25
Carro	40	Carro	42
Moto	12	Moto	5
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	40	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	35	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	30
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	50	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	42	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	38
Carro	38	Carro	22
Moto	15	Moto	8
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	1

Dia de semana (Quarta-feira 18/05/2022), entardecer (12:00-13:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	3	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	11
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	5
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3
Carro	10	Carro	15

Moto	0	Moto	2
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	2
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	9
Carro	65	Carro	55
Moto	6	Moto	9
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	3
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	16	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	25	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	50	Carro	50
Moto	2	Moto	6
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	0
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	20
Pessoa que exerce o feminino de	1	Pessoa que exerce o feminino de pele	26

pele clara		clara	
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	18
Carro	30	Carro	50
Moto	12	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	36	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	25	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	34
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	42	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	26	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28
Carro	40	Carro	40
Moto	8	Moto	1
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	2

Dia de semana (Quarta-feira 18/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	11
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	8
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7
Carro	7	Carro	15
Moto	0	Moto	2
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes

Pessoa que exerce o masculino de pele clara	17	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	17
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	8	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	24	Carro	25
Moto	4	Moto	4
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	24
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	9	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	19
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7
Carro	30	Carro	22
Moto	1	Moto	5
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	19
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15
Carro	22	Carro	32
Moto	8	Moto	5
Bicicleta	1	Bicicleta	0

Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	35	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	20
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	33	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	19	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	25
Carro	24	Carro	28
Moto	5	Moto	4
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	1

Dia de semana (Sexta-feira 20/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	9	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	13
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	14	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	10
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	20	Carro	20
Moto	1	Moto	2
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	2
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	31
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14

Pessoa que exerce o feminino de pele clara	20	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	35
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10
Carro	50	Carro	55
Moto	2	Moto	14
Bicicleta	5	Bicicleta	2
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	37
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	20
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	25	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	14
Carro	50	Carro	44
Moto	7	Moto	14
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	5	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	40
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	27
Carro	45	Carro	40
Moto	18	Moto	16
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes

Pessoa que exerce o masculino de pele clara	40	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	30
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	30	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	38
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	46	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	34
Carro	38	Carro	30
Moto	18	Moto	8
Bicicleta	2	Bicicleta	0
Ônibus	2	Ônibus	2

Dia de semana (Sexta-feira 20/05/2022), entardecer (12:00-13:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	10
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	4	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	4
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	8	Carro	12
Moto	0	Moto	4
Bicicleta	4	Bicicleta	1
Ônibus	---	Ônibus	2

Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	32
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	6	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	11
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	26	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	30
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	9	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10
Carro	62	Carro	65
Moto	7	Moto	8

Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	16	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	14
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	20
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	4
Carro	44	Carro	45
Moto	12	Moto	10
Bicicleta	2	Bicicleta	2
Ônibus	0	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	25
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	14
Carro	30	Carro	49
Moto	15	Moto	12
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	36	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	32
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	44	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	20

Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	28
Carro	38	Carro	39
Moto	14	Moto	7
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	2

Dia de semana (Sexta-feira 20/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)

Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	19
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	4	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	15
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	8	Carro	17
Moto	3	Moto	8
Bicicleta	2	Bicicleta	4
Ônibus	---	Ônibus	1

Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	40
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	16	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	34
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	11
Carro	42	Carro	42
Moto	10	Moto	12
Bicicleta	1	Bicicleta	4
Ônibus	2	Ônibus	2

Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino	26	Pessoa que exerce o masculino de	30

de pele clara		pele clara	
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	28	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	11	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	16
Carro	42	Carro	34
Moto	8	Moto	12
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	19
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	2	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	31
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	18
Carro	35	Carro	42
Moto	16	Moto	10
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	48	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	38
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	30	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	28
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	45	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	34
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	30	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	32
Carro	34	Carro	38
Moto	12	Moto	12
Bicicleta	1	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	3

Final de semana (Sábado 28/05/2022), turno da manhã (9:00-10:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	9
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	8
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5
Carro	2	Carro	14
Moto	3	Moto	1
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	3	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	9
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	14	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	10
Carro	34	Carro	38
Moto	2	Moto	9
Bicicleta	1	Bicicleta	4
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	14	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	11	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	17	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de	10	Pessoa que exerce o feminino de pele	10

pele escura		escura	
Carro	35	Carro	30
Moto	5	Moto	10
Bicicleta	2	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	1	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	15
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	4	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	25
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	15
Carro	30	Carro	26
Moto	12	Moto	9
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	1	Ônibus	1
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	28	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	22	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	32	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	16
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	20	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	24
Carro	28	Carro	20
Moto	12	Moto	5
Bicicleta	2	Bicicleta	2
Ônibus	1	Ônibus	1
Final de semana (Sábado 28/05/2022), entardecer (12:00-13:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	4

Pessoa que exerce o masculino de pele escura	2	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	3
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	2	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1
Carro	5	Carro	6
Moto	0	Moto	1
Bicicleta	2	Bicicleta	2
Ônibus	---	Ônibus	1
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	16	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	24
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	40	Carro	50
Moto	8	Moto	8
Bicicleta	2	Bicicleta	6
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	11	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	10
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	14	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	14
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	34	Carro	32
Moto	7	Moto	10
Bicicleta	1	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1

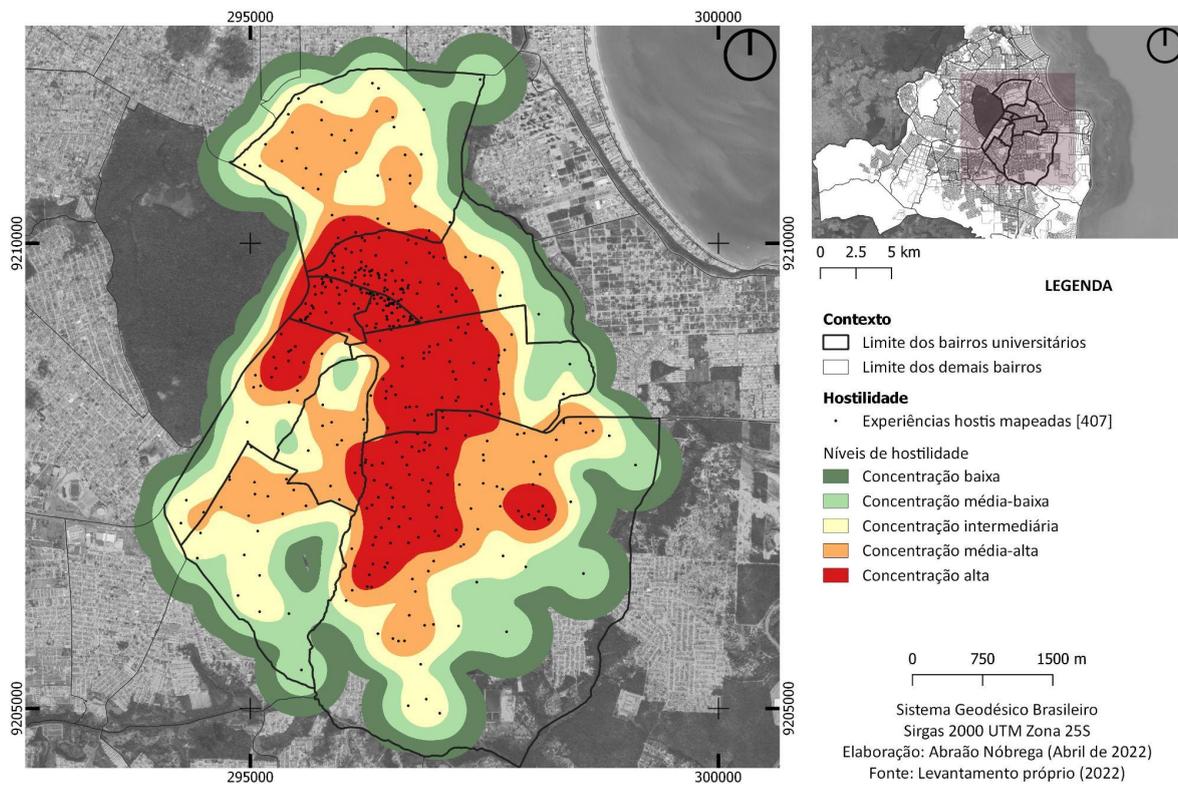
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	2	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	18
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	16
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	11
Carro	22	Carro	34
Moto	8	Moto	8
Bicicleta	0	Bicicleta	0
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	25	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	17
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	26
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	30	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	21
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	17	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	19
Carro	28	Carro	28
Moto	11	Moto	7
Bicicleta	2	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Final de semana (Sábado 28/05/2022), turno da tarde (15:00-16:30)			
Portal 1 (Acesso à Unipê)	Passantes	Portal 2 (Transição entre Água Fria e Jd. São Paulo)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	0	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	12
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	4
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	10
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	0	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	5

Carro	2	Carro	12
Moto	0	Moto	4
Bicicleta	0	Bicicleta	2
Ônibus	---	Ônibus	0
Portal 3 (Em frente ao Carrefour)	Passantes	Portal 4 (Em frente ao Shopping Sul/Praça da Paz)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	16	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	7
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	10	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	3	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	6
Carro	25	Carro	28
Moto	5	Moto	5
Bicicleta	5	Bicicleta	1
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 5 (Em frente ao Equilíbrio do Ser)	Passantes	Portal 6 (Em frente ao mercado Todo Dia/Bemais)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	19	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	22
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	8	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	5
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	19	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	17
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	7	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	8
Carro	26	Carro	20
Moto	6	Moto	8
Bicicleta	1	Bicicleta	2
Ônibus	2	Ônibus	1
Portal 7 (Acesso à Mangabeira pelo Trevo)	Passantes	Portal 8 (Início da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	1	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	17
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	0	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	12

Pessoa que exerce o feminino de pele clara	1	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	22
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	1	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	14
Carro	22	Carro	35
Moto	8	Moto	9
Bicicleta	0	Bicicleta	1
Ônibus	1	Ônibus	2
Portal 9 (Em frente ao mercado de Mangabeira)	Passantes	Portal 10 (Meio da R. Josefa Taveira)	Passantes
Pessoa que exerce o masculino de pele clara	20	Pessoa que exerce o masculino de pele clara	26
Pessoa que exerce o masculino de pele escura	18	Pessoa que exerce o masculino de pele escura	20
Pessoa que exerce o feminino de pele clara	31	Pessoa que exerce o feminino de pele clara	18
Pessoa que exerce o feminino de pele escura	18	Pessoa que exerce o feminino de pele escura	26
Carro	20	Carro	28
Moto	3	Moto	4
Bicicleta	1	Bicicleta	1
Ônibus	0	Ônibus	1

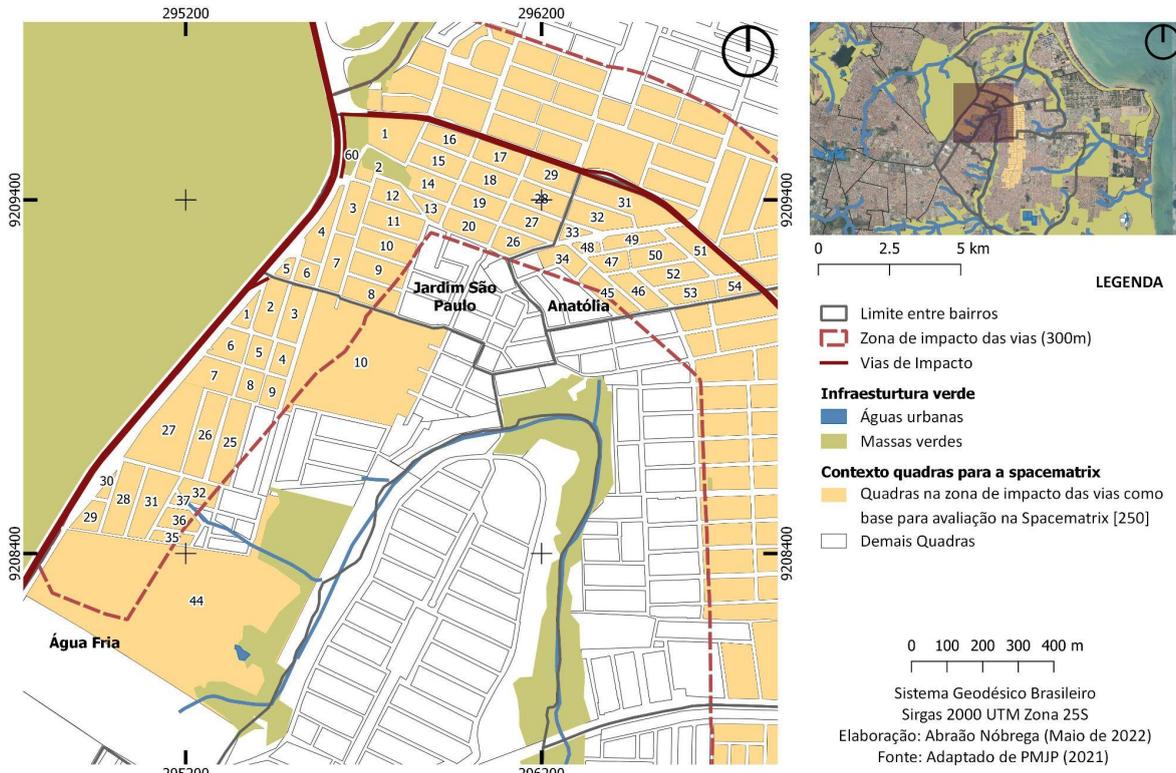
APÊNDICE C (RESULTADOS PRELIMINARES DE HOSTILIDADE)

Padrão geral de hostilidade (preliminar) desenvolvido na fase de qualificação da pesquisa e que serviu de referência para a construção da zona de impacto das vias (300m).

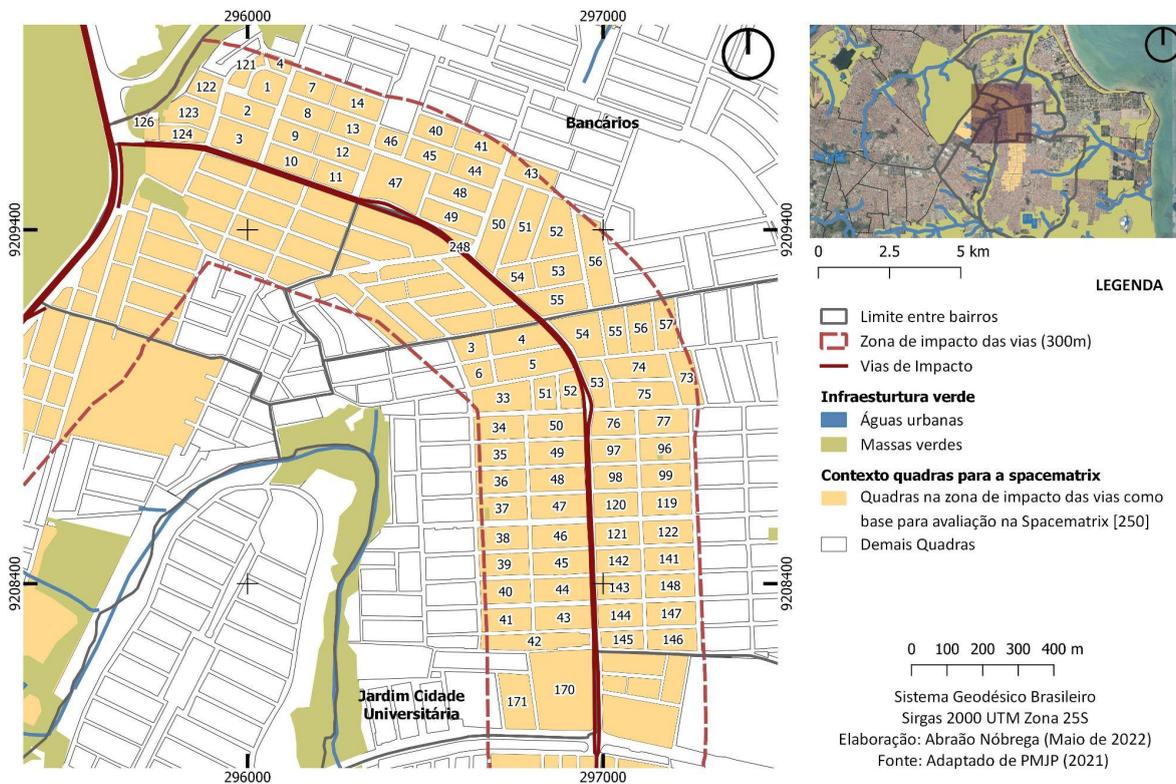


APÊNDICE D (QUADRAS SEGUNDO PMJP)

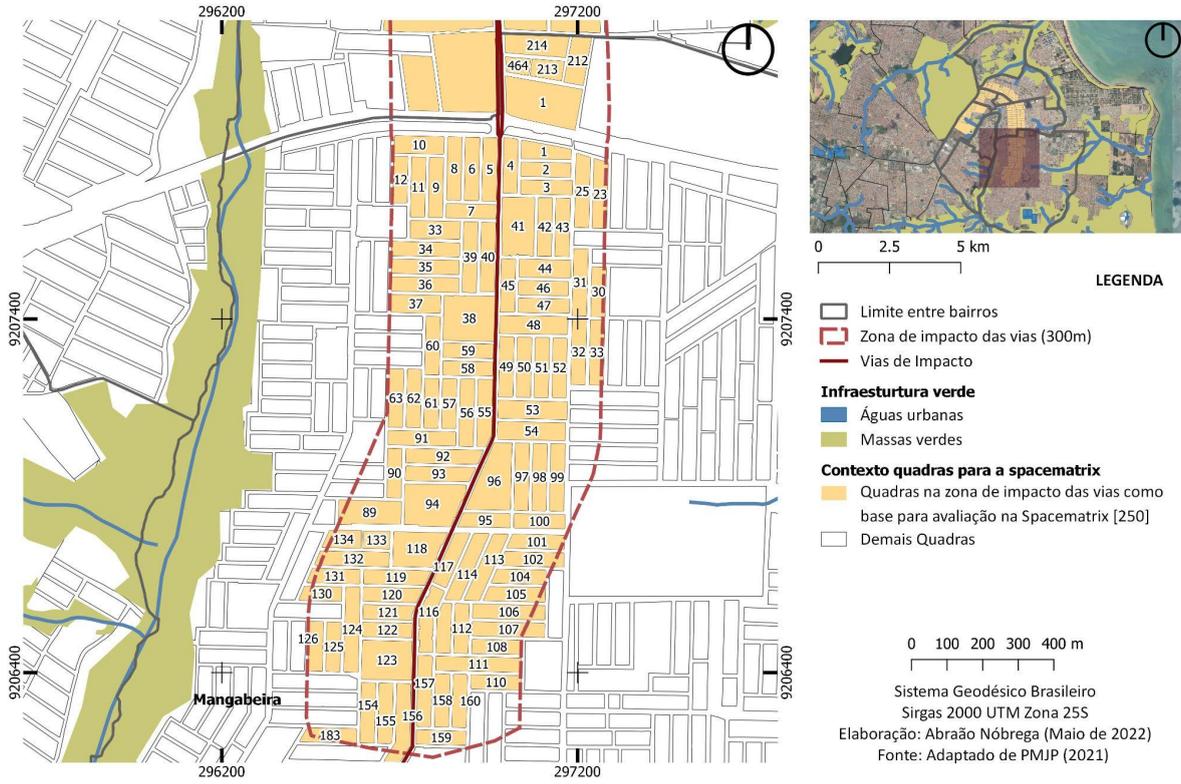
Numeração das quadras nos setores 43 (Água Fria) e 44 (Anatólia e Jardim São Paulo)



Numeração das quadras nos setores 8 (Bancários) e 45 (Jardim Cidade Universitária)



Numeração das quadras nos setores 52 e 53 (Mangabeira)



APÊNDICE E (TABELAS DE REFERÊNCIA PARA A SPACEMATRIX)

Observação: Linhas que estejam pintadas nessa cor é pelo fato delas não terem ocupação. Podem ser terrenos vazios/ociosos e/ou espaços públicos de lazer como praças

Setor 43: Água Fria

Região Estudada			Altura	Áreas (em m ²)				Índices		
Setor	Bairro	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
43	Água Fria	1	3,06	4.494,45	2.980,35	2.533,30	1.468,92	0,34	1,51	0,49
43	Água Fria	2	2,25	10.826,14	9.038,78	7.682,96	4.815,98	0,39	1,20	0,53
43	Água Fria	3	3,34	14.234,46	8.974,06	7.627,95	4.257,99	0,33	1,59	0,47
43	Água Fria	4	4,00	6.140,19	4.428,34	3.764,09	1.535,05	0,47	1,39	0,35
43	Água Fria	5	4,00	4.396,67	4.938,08	4.197,37	1.099,17	0,87	0,89	0,22
43	Água Fria	6	0,00	0,00	7.116,08	6.048,67	0,00	0,00	0,00	0,00
43	Água Fria	7	3,12	6.964,51	10.611,67	9.019,92	2.229,27	1,20	0,66	0,21
43	Água Fria	8	0,00	0,00	5.057,68	4.299,03	0,00	0,00	0,00	0,00
43	Água Fria	9	4,00	6.369,84	4.645,90	3.949,01	1.592,46	0,48	1,37	0,34
43	Água Fria	10	4,04	87.663,29	109.010,19	92.658,66	21.682,32	1,00	0,80	0,20
43	Água Fria	25	2,92	15.503,14	14.056,78	11.948,26	5.302,69	0,56	1,10	0,38
43	Água Fria	26	3,12	16.766,96	13.790,02	11.721,52	5.379,25	0,50	1,22	0,39
43	Água Fria	27	1,94	5.824,71	28.628,51	24.334,24	3.006,21	4,40	0,20	0,11

43	Água Fria	28	2,74	11.965,93	12.514,97	10.637,73	4.370,37	0,68	0,96	0,35
43	Água Fria	29	3,00	3.367,30	5.093,32	4.329,32	1.122,44	1,18	0,66	0,22
43	Água Fria	30	0,00	0,00	1.457,04	1.238,48	0,00	0,00	0,00	0,00
43	Água Fria	31	1,08	4.103,41	13.648,34	11.601,09	3.797,78	2,40	0,30	0,28
43	Água Fria	32	4,55	8.809,17	6.345,56	5.393,72	1.937,30	0,50	1,39	0,31
43	Água Fria	35	1,00	359,37	3.226,40	2.742,44	359,37	7,98	0,11	0,11
43	Água Fria	36	1,00	56,27	5.527,45	4.698,33	56,27	97,23	0,01	0,01
43	Água Fria	37	0,00	0,00	640,58	544,49	0,00	0,00	0,00	0,00
43	Água Fria	44	1,49	67.201,07	292.383,53	248.526,00	45.055,67	3,68	0,23	0,15

Setor 44: Anatolia e Jardim São Paulo

Região Estudada			Altura	Áreas (em m²)				Índices		
St.	Bairro	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
44	Anatolia Jardim SP	1	2,50	22.342,27	18.494,64	15.720,45	8.921,71	0,43	1,21	0,48
44	Anatolia Jardim SP	2	1,47	905,96	7.681,42	6.529,21	617,13	7,80	0,12	0,08
44	Anatolia Jardim SP	3	3,30	14.032,37	8.166,56	6.941,57	4.252,35	0,28	1,72	0,52
44	Anatolia Jardim SP	4	18,00	17.354,54	8.671,83	7.371,05	964,14	0,44	2,00	0,11
44	Anatolia Jardim SP	5	2,00	2.511,53	1.961,35	1.667,15	1.255,77	0,28	1,28	0,64

44	Anatólia Jardim SP	6	2,86	5.619,09	3.474,30	2.953,15	1.967,72	0,27	1,62	0,57
44	Anatólia Jardim SP	7	3,25	11.567,75	9.022,05	7.668,74	3.560,61	0,47	1,28	0,39
44	Anatólia Jardim SP	8	2,94	11.934,16	9.432,74	8.017,83	4.061,26	0,45	1,27	0,43
44	Anatólia Jardim SP	9	1,85	9.622,97	9.466,65	8.046,65	5.196,72	0,44	1,02	0,55
44	Anatólia Jardim SP	10	1,33	6.482,42	9.691,55	8.237,82	4.868,70	0,74	0,67	0,50
44	Anatólia Jardim SP	11	2,01	11.172,77	10.217,00	8.684,45	5.566,61	0,42	1,09	0,54
44	Anatólia Jardim SP	12	1,59	4.494,12	6.537,10	5.556,53	2.826,55	0,83	0,69	0,43
44	Anatólia Jardim SP	13	2,11	2.474,20	3.356,74	2.853,23	1.172,04	0,88	0,74	0,35
44	Anatólia Jardim SP	14	2,95	9.573,40	8.648,58	7.351,29	3.240,73	0,56	1,11	0,37
44	Anatólia Jardim SP	15	4,00	13.362,55	8.463,93	7.194,34	3.340,63	0,38	1,58	0,39
44	Anatólia Jardim SP	16	3,64	12.604,17	7.085,72	6.022,86	3.463,68	0,29	1,78	0,49
44	Anatólia Jardim SP	17	2,24	8.112,22	8.085,31	6.872,51	3.619,30	0,55	1,00	0,45
44	Anatólia Jardim SP	18	3,23	13.922,17	8.449,19	7.181,81	4.304,97	0,30	1,65	0,51
44	Anatólia Jardim SP	19	3,08	14.014,02	8.328,27	7.079,03	4.552,66	0,27	1,68	0,55
44	Anatólia Jardim SP	20	2,06	9.368,25	8.226,03	6.992,12	4.557,70	0,39	1,14	0,55
44	Anatólia Jardim SP	26	2,21	7.560,80	6.383,14	5.425,67	3.426,19	0,39	1,18	0,54
44	Anatólia Jardim SP	27	2,85	11.656,71	8.986,53	7.638,55	4.093,50	0,42	1,30	0,46

44	Anatólia Jardim SP	28	1,93	9.116,44	8.821,44	7.498,22	4.716,15	0,45	1,03	0,53
44	Anatólia Jardim SP	29	2,85	10.793,10	8.536,96	7.256,41	3.789,95	0,44	1,26	0,44
44	Anatólia Jardim SP	31	2,16	18.563,06	16.773,16	14.257,19	8.596,15	0,44	1,11	0,51
44	Anatólia Jardim SP	32	2,54	13.191,53	9.434,27	8.019,13	5.188,46	0,32	1,40	0,55
44	Anatólia Jardim SP	33	2,00	2.085,61	2.252,20	1.914,37	1.042,81	0,58	0,93	0,46
44	Anatólia Jardim SP	34	1,00	1.524,49	6.614,90	5.622,67	1.524,48	3,34	0,23	0,23
44	Anatólia Jardim SP	45	1,53	7.568,07	8.389,93	7.131,44	4.960,33	0,45	0,90	0,59
44	Anatólia Jardim SP	46	2,42	10.703,65	7.130,42	6.060,85	4.430,58	0,25	1,50	0,62
44	Anatólia Jardim SP	47	1,96	4.627,01	4.754,73	4.041,52	2.358,16	0,52	0,97	0,50
44	Anatólia Jardim SP	48	2,00	2.425,77	1.861,79	1.582,52	1.212,89	0,27	1,30	0,65
44	Anatólia Jardim SP	49	2,35	7.006,26	5.762,84	4.898,41	2.981,84	0,40	1,22	0,52
44	Anatólia Jardim SP	50	1,27	5.035,61	7.076,05	6.014,64	3.968,53	0,62	0,71	0,56
44	Anatólia Jardim SP	51	2,09	11.887,09	9.633,73	8.188,67	5.676,07	0,33	1,23	0,59
44	Anatólia Jardim SP	52	1,73	7.258,58	8.038,90	6.833,06	4.187,64	0,53	0,90	0,52
44	Anatólia Jardim SP	53	1,29	4.123,39	7.061,08	6.001,92	3.204,80	0,94	0,58	0,45
44	Anatólia Jardim SP	54	1,89	4.415,32	4.674,78	3.973,57	2.340,17	0,53	0,94	0,50

Setor 08: Bancários

Região Estudada			Altura	Áreas (em m ²)				Índices		
St.	Bairro	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
8	Bancários	1	4,00	8.032,08	7285,103	6.192,34	2.008,02	0,66	1,10	0,28
8	Bancários	2	2,80	11.000,64	8774,405	7.458,24	3.925,62	0,44	1,25	0,45
8	Bancários	3	4,00	13.386,80	11834,307	10.059,16	3.346,70	0,63	1,13	0,28
8	Bancários	4	2,77	4.412,09	2380,954	2.023,81	1.593,11	0,18	1,85	0,67
8	Bancários	7	2,36	8.041,68	6975,74	5.929,38	3.401,72	0,44	1,15	0,49
8	Bancários	8	2,61	12.706,32	8388,517	7.130,24	4.874,42	0,28	1,51	0,58
8	Bancários	9	2,07	7.828,76	6994,816	5.945,59	3.780,77	0,41	1,12	0,54
8	Bancários	10	2,45	10.693,76	8406,232	7.145,30	4.360,13	0,38	1,27	0,52
8	Bancários	11	1,62	5.976,03	6952,351	5.909,50	3.678,76	0,55	0,86	0,53
8	Bancários	12	2,59	12.796,55	9153,202	7.780,22	4.948,82	0,33	1,40	0,54
8	Bancários	13	2,06	7.119,11	6928,475	5.889,20	3.456,87	0,49	1,03	0,50
8	Bancários	14	2,29	11.095,51	8411,265	7.149,58	4.847,18	0,32	1,32	0,58
8	Bancários	40	2,88	11.425,87	6888,243	5.855,01	3.973,66	0,26	1,66	0,58
8	Bancários	41	2,26	10.530,63	8336,469	7.086,00	4.659,09	0,35	1,26	0,56
8	Bancários	43	2,21	9.072,95	8369,696	7.114,24	4.108,81	0,47	1,08	0,49

8	Bancários	44	3,47	13.984,32	7637,26	6.491,67	4.026,28	0,26	1,83	0,53
8	Bancários	45	3,94	18.137,89	7592,513	6.453,64	4.598,79	0,17	2,39	0,61
8	Bancários	46	1,00	1.661,20	4832,68	4.107,77	1.661,19	1,91	0,34	0,34
8	Bancários	47	1,00	947,15	20118,456	17.100,69	947,14	20,24	0,05	0,05
8	Bancários	48	4,37	20.734,56	9993,953	8.494,86	4.748,38	0,25	2,07	0,48
8	Bancários	49	1,00	3.765,84	9335,21	7.934,93	3.765,84	1,48	0,40	0,40
8	Bancários	50	2,32	17.492,64	14777,29	12.560,70	7.548,86	0,41	1,18	0,51
8	Bancários	51	2,45	15.131,88	13335,631	11.335,29	6.165,74	0,47	1,13	0,46
8	Bancários	52	1,93	10.766,93	13666,632	11.616,64	5.591,50	0,75	0,79	0,41
8	Bancários	53	3,87	16.265,99	9029,073	7.674,71	4.205,65	0,30	1,80	0,47
8	Bancários	54	1,00	1.688,63	6000,39	5.100,33	1.688,63	2,55	0,28	0,28
8	Bancários	55	1,84	9.912,40	11278,727	9.586,92	5.391,66	0,59	0,88	0,48
8	Bancários	56	1,64	12.942,09	14913,225	12.676,24	7.873,17	0,54	0,87	0,53
8	Bancários	121	0,00	0,00	3756,53	3.193,05	0,00	0,00	0,00	0,00
8	Bancários	122	1,89	6.270,77	5745,787	4.883,92	2.772,54	0,39	1,09	0,58
8	Bancários	123	2,65	8.784,68	9797,609	8.327,97	3.314,79	0,74	0,90	0,34
8	Bancários	124	12,00	31.358,64	5441,925	4.625,64	2.613,38	0,09	5,76	0,48

8	Bancários	126	12,14	11.422,62	2301,24	1.956,05	941,11	0,12	4,96	0,41
8	Bancários	248	1,00	613,17	1897,067	1.612,51	613,18	2,09	0,32	0,32

Setor 45: Jardim Cidade Universitária

Região Estudada			Altura	Áreas (em m ²)				Índices		
St.	Bairro	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
45	Jardim Cid. Univ.	3	3,66	10.966,26	5497,878	4.673,20	2.997,83	0,23	1,99	0,55
45	Jardim Cid. Univ.	4	3,88	27.712,87	10727,718	9.118,56	7.145,35	0,13	2,58	0,67
45	Jardim Cid. Univ.	5	2,97	20.689,03	13258,003	11.269,30	6.968,64	0,30	1,56	0,53
45	Jardim Cid. Univ.	6	4,23	11.379,34	4585,783	3.897,92	2.688,92	0,17	2,48	0,59
45	Jardim Cid. Univ.	33	2,56	14.410,46	11840,63	10.064,54	5.631,19	0,43	1,22	0,48
45	Jardim Cid. Univ.	34	2,13	12.488,91	8968,887	7.623,55	5.852,62	0,25	1,39	0,65
45	Jardim Cid. Univ.	35	2,82	14.971,36	8908,209	7.571,98	5.316,94	0,24	1,68	0,60
45	Jardim Cid. Univ.	36	2,89	15.140,84	8919,033	7.581,18	5.234,31	0,24	1,70	0,59
45	Jardim Cid. Univ.	37	2,62	13.597,36	8912,929	7.575,99	5.189,84	0,27	1,53	0,58
45	Jardim Cid. Univ.	38	3,31	14.867,04	9056,814	7.698,29	4.498,12	0,31	1,64	0,50
45	Jardim Cid. Univ.	39	4,17	16.983,89	8411,034	7.149,38	4.068,36	0,26	2,02	0,48
45	Jardim Cid. Univ.	40	3,01	13.914,62	9175,205	7.798,92	4.621,61	0,33	1,52	0,50

45	Jardim Cid. Univ.	41	2,01	7.541,48	8904,403	7.568,74	3.754,59	0,68	0,85	0,42
45	Jardim Cid. Univ.	42	1,30	10.778,49	12738,624	10.827,83	8.287,92	0,41	0,85	0,65
45	Jardim Cid. Univ.	43	1,82	11.772,75	10262,067	8.722,76	6.478,73	0,32	1,15	0,63
45	Jardim Cid. Univ.	44	2,44	16.777,03	10099,251	8.584,36	6.870,53	0,19	1,66	0,68
45	Jardim Cid. Univ.	45	2,25	13.103,26	10142,175	8.620,85	5.813,61	0,33	1,29	0,57
45	Jardim Cid. Univ.	46	2,53	13.669,71	10194,863	8.665,63	5.400,97	0,35	1,34	0,53
45	Jardim Cid. Univ.	47	2,57	14.365,33	10102,234	8.586,90	5.586,15	0,31	1,42	0,55
45	Jardim Cid. Univ.	48	2,41	12.924,11	9875,891	8.394,51	5.372,01	0,35	1,31	0,54
45	Jardim Cid. Univ.	49	2,45	13.879,51	10153,447	8.630,43	5.668,18	0,32	1,37	0,56
45	Jardim Cid. Univ.	50	2,93	18.259,79	10206,835	8.675,81	6.237,29	0,22	1,79	0,61
45	Jardim Cid. Univ.	51	2,21	6.352,56	5357,236	4.553,65	2.876,73	0,39	1,19	0,54
45	Jardim Cid. Univ.	52	2,60	5.071,98	5860,589	4.981,50	1.950,15	0,77	0,87	0,33
45	Jardim Cid. Univ.	53	3,28	16.342,50	7327,811	6.228,64	4.989,79	0,14	2,23	0,68
45	Jardim Cid. Univ.	54	3,66	25.590,77	12317,027	10.469,47	6.996,08	0,21	2,08	0,57
45	Jardim Cid. Univ.	55	3,11	11.662,68	7376,762	6.270,25	3.746,87	0,31	1,58	0,51
45	Jardim Cid. Univ.	56	1,74	10.458,89	8684,541	7.381,86	6.016,97	0,26	1,20	0,69
45	Jardim Cid. Univ.	57	1,78	7.638,49	7849,794	6.672,32	4.283,84	0,47	0,97	0,55

45	Jardim Cid. Univ.	73	2,31	10.557,76	9044,471	7.687,80	4.568,03	0,42	1,17	0,51
45	Jardim Cid. Univ.	74	3,02	15.634,00	10338,556	8.787,77	5.171,96	0,33	1,51	0,50
45	Jardim Cid. Univ.	75	2,98	18.204,72	11619,204	9.876,32	6.111,41	0,30	1,57	0,53
45	Jardim Cid. Univ.	76	5,67	21.564,07	8039,154	6.833,28	3.802,01	0,20	2,68	0,47
45	Jardim Cid. Univ.	77	3,57	15.091,94	9260,342	7.871,29	4.226,82	0,33	1,63	0,46
45	Jardim Cid. Univ.	96	2,58	12.544,08	8814,71	7.492,50	4.868,43	0,31	1,42	0,55
45	Jardim Cid. Univ.	97	2,90	5.076,82	7899,191	6.714,31	1.750,28	1,21	0,64	0,22
45	Jardim Cid. Univ.	98	1,97	10.707,69	7671,738	6.520,98	5.436,54	0,21	1,40	0,71
45	Jardim Cid. Univ.	99	2,59	11.834,84	8838,684	7.512,88	4.569,77	0,36	1,34	0,52
45	Jardim Cid. Univ.	119	2,49	10.188,64	9228,904	7.844,57	4.083,86	0,50	1,10	0,44
45	Jardim Cid. Univ.	120	2,49	10.922,75	8181,236	6.954,05	4.379,36	0,35	1,34	0,54
45	Jardim Cid. Univ.	121	2,85	10.843,90	7885,587	6.702,75	3.802,60	0,38	1,38	0,48
45	Jardim Cid. Univ.	122	2,61	10.278,33	8812,419	7.490,56	3.944,54	0,47	1,17	0,45
45	Jardim Cid. Univ.	141	1,97	8.385,59	8846,993	7.519,94	4.263,54	0,55	0,95	0,48
45	Jardim Cid. Univ.	142	2,83	10.663,25	7914,866	6.727,64	3.765,07	0,39	1,35	0,48
45	Jardim Cid. Univ.	143	2,58	11.074,36	7945,254	6.753,47	4.287,57	0,33	1,39	0,54
45	Jardim Cid. Univ.	144	2,10	9.538,95	8003,461	6.802,94	4.547,68	0,36	1,19	0,57

45	Jardim Cid. Univ.	145	2,87	8.945,26	5726,469	4.867,50	3.113,82	0,29	1,56	0,54
45	Jardim Cid. Univ.	146	2,81	11.952,36	8170,569	6.944,98	4.260,42	0,33	1,46	0,52
45	Jardim Cid. Univ.	147	1,91	7.836,69	8763,279	7.448,79	4.112,12	0,59	0,89	0,47
45	Jardim Cid. Univ.	148	2,89	11.093,45	8813,837	7.491,76	3.835,53	0,45	1,26	0,44
45	Jardim Cid. Univ.	170	1,00	4.190,84	37200,357	31.620,30	4.190,84	7,88	0,11	0,11
45	Jardim Cid. Univ.	171	4,00	11.796,89	13163,812	11.189,24	2.949,22	0,87	0,90	0,22

Setores 52 e 53: Mangabeira

Região Estudada			Altura	Áreas (em m ²)				Índices		
St.	Bairro	Quadra	L	ACT	AT	AA	TO	OSR	FSI	GSI
52	Mangabeira	1	1,36	5.282,94	23446,072	19.929,16	3.888,70	3,70	0,23	0,17
52	Mangabeira	23	1,08	3.819,14	7645,626	6.498,78	3.543,71	1,07	0,50	0,46
52	Mangabeira	25	1,20	4.524,38	8166,04	6.941,13	3.755,75	0,97	0,55	0,46
52	Mangabeira	30	1,54	4.905,84	5646,976	4.799,93	3.190,54	0,50	0,87	0,56
52	Mangabeira	31	1,21	6.192,53	7631,011	6.486,36	5.123,16	0,40	0,81	0,67
52	Mangabeira	32	1,33	8.627,47	7415,629	6.303,28	6.503,96	0,11	1,16	0,88
52	Mangabeira	33	1,48	10.142,77	7316,168	6.218,74	6.861,82	0,04	1,39	0,94
52	Mangabeira	212	1,36	5.589,01	7217,552	6.134,92	4.108,38	0,56	0,77	0,57

52	Mangabeira	213	4,52	10.008,04	4635,849	3.940,47	2.212,98	0,24	2,16	0,48
52	Mangabeira	214	2,38	12.837,71	9507,946	8.081,75	5.400,13	0,32	1,35	0,57
52	Mangabeira	464	0,00	0,00	2931,676	2.491,92	0,00	0,00	0,00	0,00
53	Mangabeira	1	1,66	4.878,01	5712,383	4.855,53	2.938,55	0,57	0,85	0,51
53	Mangabeira	2	1,04	2.466,27	5588,844	4.750,52	2.366,08	1,31	0,44	0,42
53	Mangabeira	3	1,57	4.440,43	5840,934	4.964,79	2.820,80	0,68	0,76	0,48
53	Mangabeira	4	2,55	13.233,52	6108,038	5.191,83	5.182,54	0,07	2,17	0,85
53	Mangabeira	5	1,86	10.056,59	7182,108	6.104,79	5.398,48	0,18	1,40	0,75
53	Mangabeira	6	1,00	5.304,88	7144,021	6.072,42	5.304,88	0,35	0,74	0,74
53	Mangabeira	7	1,38	4.847,05	5588,773	4.750,46	3.514,63	0,43	0,87	0,63
53	Mangabeira	8	1,23	5.252,56	7082,989	6.020,54	4.261,08	0,54	0,74	0,60
53	Mangabeira	9	1,27	4.819,53	6710,317	5.703,77	3.787,59	0,61	0,72	0,56
53	Mangabeira	10	1,02	4.078,31	6933,222	5.893,24	4.013,75	0,72	0,59	0,58
53	Mangabeira	11	1,28	5.381,33	6823,681	5.800,13	4.198,90	0,49	0,79	0,62
53	Mangabeira	12	1,00	3.950,68	5162,799	4.388,38	3.950,68	0,31	0,77	0,77
53	Mangabeira	33	1,39	5.969,29	7016,878	5.964,35	4.295,82	0,46	0,85	0,61
53	Mangabeira	34	1,45	6.432,72	7557,207	6.423,63	4.449,98	0,48	0,85	0,59

53	Mangabeira	35	1,28	6.687,04	7611,171	6.469,50	5.241,02	0,35	0,88	0,69
53	Mangabeira	36	1,16	6.000,06	7648,811	6.501,49	5.190,18	0,41	0,78	0,68
53	Mangabeira	37	1,23	6.115,09	6982,875	5.935,44	4.961,23	0,33	0,88	0,71
53	Mangabeira	38	1,32	15.922,45	18148,546	15.426,26	12.066,82	0,38	0,88	0,66
53	Mangabeira	39	1,06	6.018,05	7936,796	6.746,28	5.678,48	0,38	0,76	0,72
53	Mangabeira	40	2,13	11.697,56	7751,451	6.588,73	5.480,97	0,19	1,51	0,71
53	Mangabeira	41	1,28	11.688,23	14658,871	12.460,04	9.153,54	0,47	0,80	0,62
53	Mangabeira	42	1,31	4.015,55	6593,07	5.604,11	3.068,20	0,88	0,61	0,47
53	Mangabeira	43	1,18	4.450,18	6594,639	5.605,44	3.776,53	0,63	0,67	0,57
53	Mangabeira	44	1,17	5.178,02	7326,959	6.227,92	4.416,76	0,56	0,71	0,60
53	Mangabeira	45	1,88	9.809,03	6002,406	5.102,05	5.217,48	0,08	1,63	0,87
53	Mangabeira	46	1,42	5.121,46	5627,635	4.783,49	3.619,14	0,39	0,91	0,64
53	Mangabeira	47	1,00	3.508,74	5755,625	4.892,28	3.508,74	0,64	0,61	0,61
53	Mangabeira	48	1,41	10.851,08	9554,58	8.121,39	7.704,82	0,17	1,14	0,81
53	Mangabeira	49	1,95	12.178,14	6842,699	5.816,29	6.259,53	0,05	1,78	0,91
53	Mangabeira	50	1,03	6.004,24	6836,13	5.810,71	5.849,57	0,16	0,88	0,86
53	Mangabeira	51	1,06	5.329,64	6792,103	5.773,29	5.013,46	0,33	0,78	0,74

53	Mangabeira	52	1,17	5.824,95	6654,264	5.656,12	4.985,13	0,29	0,88	0,75
53	Mangabeira	53	1,09	6.271,37	9721,176	8.263,00	5.763,44	0,63	0,65	0,59
53	Mangabeira	54	1,74	11.660,24	9531,072	8.101,41	6.696,06	0,24	1,22	0,70
53	Mangabeira	55	1,84	9.468,28	7430,851	6.316,22	5.134,12	0,24	1,27	0,69
53	Mangabeira	56	1,31	6.331,51	7605,985	6.465,09	4.838,67	0,44	0,83	0,64
53	Mangabeira	57	1,29	4.755,60	5587,995	4.749,80	3.695,33	0,40	0,85	0,66
53	Mangabeira	58	1,56	5.011,54	5578,052	4.741,34	3.204,41	0,47	0,90	0,57
53	Mangabeira	59	1,46	4.822,22	5651,936	4.804,15	3.299,29	0,49	0,85	0,58
53	Mangabeira	60	1,29	4.418,32	6596,414	5.606,95	3.429,88	0,72	0,67	0,52
53	Mangabeira	61	1,50	4.832,69	5632,456	4.787,59	3.217,51	0,50	0,86	0,57
53	Mangabeira	62	1,25	6.095,04	6515,442	5.538,13	4.866,50	0,27	0,94	0,75
53	Mangabeira	63	1,22	5.941,11	6588,381	5.600,12	4.862,46	0,29	0,90	0,74
53	Mangabeira	89	1,00	3.030,96	11524,991	9.796,24	3.030,96	2,80	0,26	0,26
53	Mangabeira	90	1,23	4.578,47	5535,543	4.705,21	3.730,35	0,39	0,83	0,67
53	Mangabeira	91	1,16	6.251,79	7565,878	6.431,00	5.369,77	0,35	0,83	0,71
53	Mangabeira	92	1,22	6.555,25	8452,828	7.184,90	5.370,77	0,47	0,78	0,64
53	Mangabeira	93	1,47	8.616,13	7625,332	6.481,53	5.841,84	0,21	1,13	0,77

53	Mangabeira	94	1,61	4.790,86	18107,665	15.391,52	2.971,56	3,16	0,26	0,16
53	Mangabeira	95	1,45	6.706,08	5542,944	4.711,50	4.619,48	0,14	1,21	0,83
53	Mangabeira	96	1,30	10.364,31	16836,053	14.310,65	7.994,58	0,85	0,62	0,47
53	Mangabeira	97	1,54	6.790,52	7612,516	6.470,64	4.419,60	0,47	0,89	0,58
53	Mangabeira	98	1,42	6.241,03	7554,231	6.421,10	4.395,21	0,51	0,83	0,58
53	Mangabeira	99	1,38	6.746,01	7632,091	6.487,28	4.892,64	0,41	0,88	0,64
53	Mangabeira	100	1,07	3.877,11	5765,72	4.900,86	3.616,21	0,55	0,67	0,63
53	Mangabeira	101	1,58	5.418,19	6154,594	5.231,40	3.422,66	0,50	0,88	0,56
53	Mangabeira	102	1,29	4.958,10	6957,804	5.914,13	3.834,73	0,63	0,71	0,55
53	Mangabeira	104	1,54	5.484,75	5824,959	4.951,22	3.566,05	0,41	0,94	0,61
53	Mangabeira	105	1,28	4.815,80	6656,928	5.658,39	3.762,19	0,60	0,72	0,57
53	Mangabeira	106	1,64	8.065,92	8179,394	6.952,48	4.926,57	0,40	0,99	0,60
53	Mangabeira	107	1,68	8.307,90	8101,943	6.886,65	4.939,15	0,38	1,03	0,61
53	Mangabeira	108	1,73	6.304,48	5589,041	4.750,68	3.646,56	0,31	1,13	0,65
53	Mangabeira	110	1,68	6.318,72	5598,843	4.759,02	3.756,54	0,29	1,13	0,67
53	Mangabeira	111	1,38	8.132,34	9595,996	8.156,60	5.886,81	0,46	0,85	0,61
53	Mangabeira	112	1,46	5.202,94	5608,788	4.767,47	3.558,97	0,39	0,93	0,63

53	Mangabeira	113	1,13	5.753,71	8209,435	6.978,02	5.071,08	0,55	0,70	0,62
53	Mangabeira	114	1,23	5.846,57	8234,83	6.999,61	4.749,44	0,60	0,71	0,58
53	Mangabeira	115	1,79	5.434,10	5274,86	4.483,63	3.034,59	0,41	1,03	0,58
53	Mangabeira	116	2,20	9.719,19	7221,79	6.138,52	4.410,36	0,29	1,35	0,61
53	Mangabeira	117	1,42	6.599,51	6433,357	5.468,35	4.639,94	0,27	1,03	0,72
53	Mangabeira	118	2,00	14.692,07	12745,963	10.834,07	7.346,04	0,37	1,15	0,58
53	Mangabeira	119	1,73	7.089,09	7245,61	6.158,77	4.107,86	0,44	0,98	0,57
53	Mangabeira	120	1,31	5.271,63	6369,25	5.413,86	4.019,09	0,45	0,83	0,63
53	Mangabeira	121	1,25	3.931,55	5645,711	4.798,85	3.134,05	0,64	0,70	0,56
53	Mangabeira	122	1,00	3.614,78	5618,904	4.776,07	3.614,78	0,55	0,64	0,64
53	Mangabeira	123	1,72	15.763,10	15314,854	13.017,63	9.164,03	0,39	1,03	0,60
53	Mangabeira	124	1,58	9.273,60	9643,133	8.196,66	5.860,85	0,41	0,96	0,61
53	Mangabeira	125	1,31	4.587,07	5523,033	4.694,58	3.490,66	0,44	0,83	0,63
53	Mangabeira	126	1,23	4.343,12	5564,617	4.729,92	3.524,56	0,47	0,78	0,63
53	Mangabeira	130	1,17	2.770,24	4538,937	3.858,10	2.371,48	0,78	0,61	0,52
53	Mangabeira	131	1,70	6.019,40	5697,162	4.842,59	3.533,70	0,36	1,06	0,62
53	Mangabeira	132	1,36	5.678,27	8179,986	6.952,99	4.183,80	0,70	0,69	0,51

53	Mangabeira	133	3,00	3.597,03	3673,09	3.122,13	1.199,01	0,69	0,98	0,33
53	Mangabeira	134	1,99	6.189,77	4862,161	4.132,84	3.104,62	0,28	1,27	0,64
53	Mangabeira	154	1,63	6.826,65	6813,084	5.791,12	4.177,93	0,39	1,00	0,61
53	Mangabeira	155	1,00	4.186,91	6786,818	5.768,80	4.186,91	0,62	0,62	0,62
53	Mangabeira	156	1,97	11.170,83	9061,338	7.702,14	5.677,78	0,30	1,23	0,63
53	Mangabeira	157	1,36	6.907,78	8017,24	6.814,65	5.061,57	0,43	0,86	0,63
53	Mangabeira	158	1,26	4.501,16	6007,944	5.106,75	3.565,95	0,54	0,75	0,59
53	Mangabeira	159	1,56	5.171,96	5554,75	4.721,54	3.311,11	0,43	0,93	0,60
53	Mangabeira	160	1,33	4.728,47	5887,11	5.004,04	3.546,15	0,50	0,80	0,60
53	Mangabeira	183	1,44	5.226,21	5947,728	5.055,57	3.631,20	0,44	0,88	0,61